

Sob o signo dos regressos

O Primeiro-Ministro regressou do Japão. Uma Lei de Segurança Interna anuncia um regresso a práticas antigas de violação de direitos, de devassa às nossas vidas, de espionagem dos nossos movimentos, de repressão. A crise e as pressões do FMI prometem um regresso a padrões de vida rudes, tempos duros, para muitos a condenação a um nível de vida de miséria. As relações entre o Governo e a Presidência da República regressam à guerrilha institucional. Os ministros regressam a atitudes e comportamentos que recordam o «salazarismo» — o silêncio, o arbítrio, o paternalismo; regressam às palavras firmes, à autoridade. Regressa a banca privada. Regressa a genuflexão servil perante os estrangeiros. Regressa, com o «bloco central», uma espécie de «União Nacional» para durar no Poder. Regressa a mentalidade de «senhores da quinta» — instalaram-se, desfrutaram, gozaram, protegem-se. E até um dos homens que tornou possível que acontecesse a libertação do passado e este regresso, que pela sua acção deu asas ao sonho e consentiu que fosse recriado o pesadelo — Otelo Saraiva de Carvalho — regressou à cadeia.

Continua na pág. 3



Uma chegada com o Tejo como cenário

Pompa e circunstância em Belém

Tejo saudou Margarida

Centenas de crianças, muitas dinamarquesas, mas na sua grande maioria portuguesas, empunhando pequenas bandeiras da Dinamarca, deram às cerimónias da chegada da rainha Margarida II, um certo sabor de conto de fadas. Foi a primeira vez que vimos em Portugal um cenário digno, para a chegada de um chefe de Estado estrangeiro.

Desta vez não foi o velho aeroporto de Lisboa, aquela incrível sala de «vips», a saída para

um parque de estacionamento que nunca vimos limpo, um cortejo em confusão.

Margarida II da Dinamarca deslocou-se de avião até Vigo onde embarcou no iate real rumo a Lisboa. Em águas portuguesas foi escoltada por uma força da nossa Armada.

Cercas das 10 horas a soberana dinamarquesa desembarcou — com toda a pompa e circunstância — no Bom Sucesso onde foi recebida apenas pelo

Continua na pág. 20

Uma cimeira sobre a qual pairam densas nuvens

Entrada de Portugal na CEE decide-se em Fontainebleau

A cimeira dos dez chefes de Estado e de Governo dos países membros da CEE, que se iniciou hoje com um almoço em Fontainebleau, próximo de Paris, poderá revelar-se decisiva para a con-

cretização do projecto de adesão de Portugal ao Mercado Comum. Com efeito, fontes da Comissão de Bruxelas e de diversas capitais europeias, assim como o próprio presidente Mitterrand, sublinha-

ram nos últimos dias a ligação há muito estabelecida entre a resolução do contencioso interno dos «dez» e o alargamento da Comunidade. François Mitterrand, presidente em exercício da CEE, re-

cordou isso mesmo numa carta recentemente enviada aos seus nove parceiros. Entretanto, o clima reinante nos meios comunitários e nas diferentes capitais caracteriza-se por um acentuado

pessimismo. O espectro dos fracassos de Atenas e de Bruxelas domina os participantes na cimeira e poucos se aventuram a prever o que acontecerá

Pág. 13

Otelo continua sem receber advogado

Romeu Francês, o advogado de Otelo Saraiva de Carvalho, vai hoje fazer uma nova tentativa para se encontrar com o seu constituinte, que se encontra incomunicável desde a passada quarta-feira. Esta manhã, o advogado do ex-comandante do COPCON entregou um recurso ao Tribunal de Instrução Criminal, no qual se pede o reexame de todo o processo que levou à captura de Otelo que, segundo o seu parecer, está «ferido de ilegalidades». Entretanto,

responsáveis da FUP confirmaram, em conferência de Imprensa, o estatuto de «convitado permanente» que Otelo Saraiva de Carvalho detinha na organização. Os promotores da conferência negaram ainda a existência de ligações entre a FUP e as FP-25 e anunciaram que será entregue, esta semana, um requerimento ao Tribunal Constitucional que visa a reabertura das sedes da organização.

Pág. 20



Garagem Auto-Palace, em Lisboa, declarada de interesse público

Decreto tornou-os de «interesse público»

Mais difícil demolir seis dezenas de edifícios

Cinquenta e nove edifícios, igrejas, santuários, monumentos megalíticos, aldeias e ruínas foram considerados monumento nacional, imóveis de interesse público ou «valores concelhios», por um decreto do Governo hoje publicado no «Diário da República». Da extensa lista costam os moinhos de maré do concelho do Seixal, para quem a clas-

sificação chega tarde, pois apenas um continua a funcionar. O mesmo não se pode, felizmente, dizer da garagem Auto-Palace em Lisboa, que conheceu recentes obras de restauro. De qualquer modo, a classificação patrimonial não constitui, por si, garantia e protecção ou recuperação efectiva dos imóveis agora classificados.

Pág. 8



A equipa espanhola abafa Arconada numa explosão de alegria

Final inesperada no Europeu-84

França e Espanha no palco da glória

Surpreendentemente será a Espanha a discutir o título com os favoritos gauleses depois de haverem eliminado a poderosa selecção nórdica da Dinamarca. Um campeonato que terminará depois de amanhã no Parque dos Príncipes e que foi «talhado» para a França vencer e pela vez primeira inscrever o seu nome ao lado da URSS, Espanha, Itália, Checoslováquia e da «repetente» RFA.

Reportagem de Neves de Sousa nas pags 14 e 15.

Com a edição de hoje:

Oito páginas de Sete Ponto Sete

EUROPEU DE FUTEBOL com o patrocínio da



AUTOMATICA ELECTRICA PORTUGUESA, S.A. (AEP)

o maior grupo português de Telecomunicações e Electrónica Profissional

A Unesco e a retirada americana

"Uma organização internacional não pode fundamentar a sua acção sobre os interesses dum Estado" disse M. M'Bow

O Conselho Executivo da UNESCO, reunido recentemente em Paris, dissecou os problemas decorrentes da retirada dos Estados Unidos, que deve concretizar-se no fim deste ano. O director-geral, Amadou Mahtar M'Bow, respondeu frontalmente às questões que lhe foram postas por «Le Monde», relativas não só à iminente saída dos EUA da UNESCO, bem como a outras que se agitam no seio desta organização.

P — A UNESCO repousa num consenso. Que se passa quando ele não existe?

A.M. — O voto maioritário foi regra até à minha eleição em 1974. As tensões que tinham marcado, antes dessa eleição, a conferência geral, levaram-me a sugerir que o consenso fosse procurado em todas as questões essenciais submetidas à conferência geral. Pertencente a uma sociedade e a uma família onde aprendi as virtudes do diálogo, guardei, de oito anos passados na UNESCO, primeiro no conselho executivo e depois como sub-director-geral para a educação, que, para permitir que a organização prosseguisse a sua missão, num mundo marcado por tantas clivagens e desigualdades, era necessário promover o consenso mais amplo sobre os programas que criam a sua acção, visto as decisões internacionais não serem obrigatórias.

Desde 1976, os programas foram adoptados por um consenso de todos os Estados membros. Assim aconteceu com o plano a meio termo para 1984-1989, assim como o programa e o orçamento para 1984-1985.

P — No caso da retirada americana, já não se está somente na presença da contestação de um Estado — sobre um assunto. Há uma espécie de rejeição, em consequência de uma apreciação global sobre o trabalho da UNESCO, os seus métodos, etc. O que pode fazer?

A.M. — É ao conselho executivo que cabe apreciar a decisão americana. É essa a razão porque a inscrevi na ordem do dia da presente sessão.

Há muito que se diz que a UNESCO é politizada. Mas é preciso lembrar que uma das principais finalidades atribuídas à UNESCO pela sua Acta Constitutiva é atingir gradualmente, pela cooperação das nações do mundo nos domínios da educação, da ciência e da cultura, os objectivos de paz internacional e de prosperidade comum à humanidade.

Não faltaram, no entanto, desde as origens, vozes para desejar que a dimensão intelectual da Organização fosse privilegiada em relação a qualquer outra. A delegação francesa presidida por Léon Blum propusera mesmo que a maioria dos participantes na conferência geral fosse constituída por representantes das actividades intelectuais.

O texto finalmente adoptado afastou-se das propostas francesas mas admitiu-se que os representantes dos Estados membros seriam nomeados depois de consulta com o Comité Nacional, se ele existir, ou com as instituições ou corpos educativos, científicos e culturais. De resto, decidiu-se que o conselho executivo, que recomenda à conferência geral o programa e o orçamento preparados pelo director-geral, seria composto por membros eleitos pela conferência geral, entre os delegados dos Estados membros. Os membros do conselho executivo também seriam personalidades presentes a título pessoal e só representando a conferência geral na sua totalidade e não os governos dos países de cuja alçada dependiam.

Uma emenda à Acta Constitutiva adoptada em 1954 em Montevideo dispõe, no entanto, que cada membro do conselho executivo, embora eleito a título pessoal, representa o governo do Estado de que depende e pode ser substituído por esse.

Em tais condições, como podiam os governos, que são políticos por natureza, não se manifestar, tanto na conferência geral como no conselho executivo?

Há, no entanto, que distinguir entre os pontos de vista expressos nos debates pelos delegados, e as decisões tomadas pela conferência geral, as únicas a empenhar a organização como tal. Os problemas da comunicação, tal como os relativos à paz, ao desarmamento, aos Direitos do Homem e aos Direitos dos Povos, que de resto representam menos de 3% do orçamento da organização, são objecto de decisões adoptadas por consenso.

O que o director-geral pode fazer é chamar incessantemente os Estados membros a procurar o acordo mais amplo, não ignorando os problemas que agitam o mundo mas abordando-os num espírito construtivo, à luz das disposições da Acta Constitutiva e da Declaração Universal dos Direitos do Homem. Esforça-se assim por os ajudar, em toda a medida das suas possibilidades, a atingir o consenso mais amplo. Mas uma organização internacional não podia basear a sua acção nos simples interesses de um Estado ou de um grupo de Estados sem perder o carácter internacional que faz a sua maneira de ser.

P — Se os Estados Unidos executam, na verdade, a sua ameaça, que tipo de problemas terá a UNESCO, principalmente no plano operacional?

A.M. — É necessário encontrar recursos suplementares que possam compensar, na totalidade ou em parte os 25% do orçamento que os Estados Unidos deixarão de pagar, ou reduzir, em consequência, o programa e as despesas. Alguns são hostis a todo o aumento dos encargos dos Estados membros. Outros pensam que podiam ser fornecidas contribuições suplementares, principalmente numa base voluntária, a fim de permitir à Organização manter os seus programas, em especial os que são mais essenciais à cooperação intelectual internacional, ou os que permitem aos países em desenvolvimento aumentar as suas capacidades científicas, educativas e culturais.

Cooperação com os americanos

P — Quais seriam os efeitos de uma retirada americana no plano político?

A.M. — Entre 1979 e 1983 mais de dois mil residentes americanos foram associados directa ou indirectamente a actividades da UNESCO. Temos que nos esforçar por salvar essa cooperação. Ela pode ser de diversas maneiras, principalmente através de numerosas organizações não governamentais com as quais cooperamos, as instituições científicas educativas e culturais, mas



O director-geral da Unesco, Amadou M. M'Bow

também directamente com as próprias pessoas interessadas.

Mas a retirada dos Estados Unidos põe em causa o princípio da universalidade que está na base da criação do sistema das Nações Unidas. Não se trata, claro está, de uma obrigação jurídica mas de uma exigência moral.

O carácter de universalidade parecia tão evidente que a Carta das Nações Unidas, que encara a possibilidade de excluir um Estado membro por infracção aos seus princípios, não prevê nenhuma possibilidade de retirada.

A convenção de Londres de 1945 que criou a UNESCO não prevê nenhuma disposição relativa à exclusão de um Estado membro. Em contrapartida uma emenda australiana adoptada em 1954 menciona explicitamente a possibilidade de uma retirada.

P — Porquê essa modificação?

A.M. — Foi em consequência da retirada da UNESCO da Polónia, da Checoslováquia e da Hungria que essa modificação foi introduzida. Estes países desistiram, de resto, da sua decisão. Depois em 1955, a África do Sul retirou-se definitivamente da UNESCO. Seguiu-se-lhe a Índia cuja pré-aviso de retirada não teve efeito por o seu governo ter retomado lugar no seio da Organização, alguns meses depois.

P — A UNESCO estará disposta, a fazer um certo número de gestos susceptíveis de fazer com que os Estados Unidos voltem atrás?

A.M. — O meu desejo é o de que todos os Estados membros continuem na UNESCO. Cabe aos Estados Unidos dizer o que pretendem para lá continuar. Tudo o que posso dizer é que eles se associam a todas as decisões principais tomadas no seio da Organização, e, principalmente do plano a meio termo da Organização para 1984-1989, e do programa para 1984-1985.

No que diz respeito às minhas próprias responsabilidades já o disse na carta que dirigi ao senhor Schultz, sempre achei que devia fazer tudo o que depende de nós para melhorar as condições e as modalidades de funcionamento do secretariado, respeitando, naturalmente, as regras em vigor e as decisões da conferência geral.

P — A controvérsia com os Estados Unidos também tomou um aspecto pessoal que lhe diz respeito visto ter havido uma «demonstração» do Congresso pedindo um inquérito sobre a vossa gestão. Vocês próprios replicaram di-

zendo: Muito bem. Fazamos um inquérito internacional, e punhamos tudo na mesa. Em que ficou tudo isso?

A.M. — Seria exagerado falar de controvérsia com os Estados Unidos, pelo menos ao meu nível. Sempre me abstive de responder a calúnias a meu respeito. Continuarei.

Não posso considerar declarações feitas aqui e além, como reflectindo o ponto de vista do Governo dos Estados Unidos. No que diz respeito aos aspectos pessoais limito-me aos termos da carta muito amável que me dirigiu o secretário de Estado no dia 28 de Dezembro de 1983. Os mesmos pontos de vista foram recentemente expressos por altura das «audições» que tiveram lugar no Congresso, em Washington.

É certo que os Estados Unidos levantaram um certo número de questões relativas ao funcionamento e à gestão como a do «crescimento zero» do orçamento, que será decerto abordada pelo conselho executivo por altura da sessão de Setembro. Desde que em 1974 entrei em funções, indiquei à conferência geral o meu desejo de aperfeiçoar incessantemente a gestão da Organização, tendo em conta as directivas da conferência geral e do conselho executivo.

Muito antes da decisão de retirada dos Estados Unidos, já eu tinha anunciado a minha intenção de rever as estruturas e os métodos de trabalho da Organização, a fim de as adaptar às exigências do programa saído do novo plano a meio termo, cuja execução a primeira parte bi-anual começou no início deste ano. Devo consultar o conselho executivo durante a sua presente sessão sobre as modificações úteis.

P — Para voltar ao problema da comissão de inquérito, isso não é uma iniciativa do governo dos Estados Unidos nem do departamento de Estado, mas do Congresso americano.

A.M. — Se a iniciativa pertence ao Congresso, o pedido chegou-me do governo dos Estados Unidos da América. No dia 24 de Fevereiro último recebi a visita de um membro do Congresso americano que me falou do interesse que muitos dos seus colegas e ele próprio tinham de ver os Estados Unidos continuarem na UNESCO, e que, para tal, um certo número de iniciativas podiam facilitar as coisas.

Entre essas iniciativas figurava, em primeiro lugar, o envio de uma missão do General Accounting Office para examinar a participação dos Estados Unidos na UNESCO. Dei o meu acordo precisando as condições em que esse exame podia ser efectuado no respeito pelas disposições regulamentares em vigor.

P — Não houve também um pedido da comissão de inquérito à sua gestão?

A.M. — O «congresso man» americano em questão desejou, com efeito, estender o exame a que o GAO (General Accounting Office) devia proceder à verificação das contas da Organização. A minha resposta foi negativa. A verificação das contas depende, com efeito, da autoridade da conferência geral da UNESCO que, para tal, designa controladores estranhos ao secretariado.

Desde a criação da UNESCO que o controlo das despesas é assegurado por um comissário de contas que é o verificador geral das contas do Reino Unido. É ele quem verifica as contas da Organização incluindo todos os fundos fiduciários e contas especiais. Só ele tem competência para aceitar no todo ou em parte as declarações e justificações fornecidas pelo director-geral.

«Washington foi associado»

P — Vejamos o problema da ordem mundial da informação...

A.M. — No que diz respeito a este problema, os Estados Unidos sempre estiveram associados a todas as decisões tomadas até agora. A criação do programa internacional de desenvolvimento da comunicação (PIDC) tem a sua origem numa proposta americana. Mas há um grave mal-entendido sobre o problema da comunicação.

Prende-se que a UNESCO quer pôr a imprensa sob controlo dos governos. Ela queria entregar licenças aos jornalistas para suprimir a sua liberdade, impondo-lhes códigos de conduta. Nada é mais falso e eu desafio quem quer seja a encontrar nas decisões da UNESCO, tanto nos seus programas como nas suas actividades o quer que seja nesse sentido. Mas há histórias que, à força de serem repetidas e difundidas, acabam por adquirir, mesmo aos olhos da gente honesta, uma certa credibilidade.

Que indivíduos, grupos e mesmo governos tenham pontos de vista diferentes e mesmo opostos sobre o caso, isso é possível e, direi mesmo, normal. Estamos longe de viver num mundo harmonioso. Mas os pontos de vista de uns e de outros não podem empenhar a UNESCO. O que empenha a UNESCO são as decisões tomadas pela sua conferência geral e, as actividades que ela leva a efeito. Ora todas as decisões e actividades da UNESCO sobre a comunicação foram adoptadas por consenso, portanto, com o acordo dos Estados Unidos e de todos os países membros.

P — Neste caso da nova ordem mundial da informação, censura-se à UNESCO obstar-se numa querela que divide os Estados membros e que, de qualquer modo, não é da competência da UNESCO — não juridicamente mas materialmente, principalmente no que trata de assuntos de dinheiro. Não se vê a UNESCO fundar uma sexta agência mundial de imprensa que seria, essa, completamente independente do Ocidente ou da agência TASS.

A.M. — A UNESCO não tem no seu programa a criação de qual-

quer agência mundial de informação. Ela não pode fazê-lo e decerto nunca o fará. Não diz respeito às suas actividades. O problema da nova ordem mundial da informação foi posta pelos Estados membros e particularmente pelos países em desenvolvimento, que se queixaram dos desequilíbrios da informação no mundo. Estes países consideram que a liberdade da informação implica o pluralismo. Para que haja na verdade uma circulação da informação, era preciso que, de um lado, não circulasse somente de Norte para Sul, mas também de Sul para Norte.

Graves desequilíbrios

P — Não acha que essa argumentação seria mais convincente se não viesse de países que, justamente, são particularmente inimigos da informação e da sua livre circulação?

A.M. — Deixe-me levar o meu pensamento até ao fim. Ao mesmo tempo esses países acham que a liberdade implica a possibilidade de todos receberem a informação, mas também a de poder fazer ouvir a sua voz. Eles acham que a este respeito há vários desequilíbrios que é essencial ultrapassar. É a partir desta constatação que a ideia de uma nova ordem mundial da informação e da comunicação foi emitida no seio da UNESCO no momento em que a ideia da nova ordem económica mundial era lançada nas Nações Unidas. Mas a questão do desequilíbrio da informação já suscitara debates desde o início dos anos 70.

Para voltar agora à sua pergunta parece-me essencial que seja assegurada por toda a parte a liberdade da informação, mas não posso partilhar de um juízo tão global sobre os países em desenvolvimento. De resto, não me permitiria fazer juízos sobre um país qualquer. Mas, no que diz respeito à UNESCO, as coisas são claras. Ela é pela liberdade de informação e por uma circulação livre e equilibrada da informação. É por isso que ela dá o seu concurso ao desenvolvimento dos meios de informação em todo o mundo, inclusive no que diz respeito ao desenvolvimento de agências de imprensa regionais ou sub-regionais.

«Realizaram-se progressos»

P — Para além do problema jurídico e moral, há um problema prático. Sendo a divisão do Terceiro Mundo aquilo que é na actualidade, como imaginar a constituição de uma agência de imprensa que fosse na verdade aceite por todos os países do Terceiro Mundo?

A.M. — A sua pergunta parece-me das mais pertinentes. É certo que os países do Terceiro Mundo conhecem por vezes divisões profundas. Só posso lamentar o facto porque eles ganhariam em unir os seus esforços em vez de gastar os magros meios de que dispõem nos choques que tanto os enfraquecem. Mas as divisões não são simplesmente apanágio do Terceiro Mundo. No que diz respeito à informação, houve progressos em várias regiões do Terceiro Mundo, principalmente graças ao auxílio da UNESCO. Por exemplo, a Agência PanAfricana de Imprensa tornou-se operacional. Criada por uma decisão da Organização da Unidade Africana e com sede em Dacar, já funciona há alguns meses.

P — E as suas notícias são di-

política de A a Z

Sob o signo dos regressos

Continuação da pág. 1

Pela terceira vez, Otelo é preso depois de ter aberto aos seus concidadãos as portas do grande cárcere que era o Portugal salazarista. Ele só? Claro que não. O «25 de Abril» não foi o gesto isolado de um «estratego», mas as circunstâncias naturais, e as que vieram a ser artificialmente criadas, contribuíram nacional e internacionalmente, para identificar o «major» Otelo, o «general» Otelo, com o «25 de Abril». A dez anos de distância é outra a história, mas a legenda ficou e não é sem conotação, e sem apreensão, que se vê, no quadro de tantos regressos, um Otelo Saraiva de Carvalho regressar à cadeia.

Sabemos que pesa sobre ele uma acusação grave — a do Art.º 288.º do Código Penal. Sabemos que o COPCON foi um gigante com pés de barro, que o percurso da Caserna da Pontinha aos dias amargos do Presídio de Santarém, que as perseguições, as desconsiderações, o afastamento, explicam muita coisa, que o «radicalismo» é a saída que do sonho irrealizado conduz à incomformidade e ao desespero.

Não estamos a defender Otelo. Nem a justificar Otelo. Não queremos substituir o seu advogado. Nem queremos precipitar as conclusões de um inquérito judiciário, ou a antecipar-nos a um julgamento. Estamos a pensar ao correr da pena. A conversar com os leitores. A sugerir-lhes interrogações e dúvidas.

Não nos cabe defender uma linha política que não é a nossa. Nem é fácil distinguir o que é exacerbação da «acção política», do que já, ou nunca, como tal poderá ser considerado. Não é este o momento, e o lugar, para discutir sobre as ocasiões e as formas da «luta armada», e para discriminar o que é «luta armada» de tipos, e casos, de «acção armada» que não são «acção política». A Revolução é uma entrega, um empenhamento, não é uma cobertura. Os fins condicionam os meios; os meios só se justificam pelos fins, mas podem perverter os fins. E, não tenhamos qualquer dúvida, só a adesão de largas massas populares aos fins poderá justificar a acção, sem, contudo, enobrecer, em todo e qualquer caso, os meios.

Nem toda a «acção armada» é revolucionária. A «violência armada» pode servir a reacção, a contra-revolução, a manutenção do poder conservador. O fascismo utilizou a «violência armada». Recordamo-lo, mas não queremos passar além de aquilo que fica escrito.

Neste momento, desencadeada que foi uma vasta operação contra as «Forças Populares 25 de Abril», presos dirigentes da «Força de Unidade Popular» (FUP), preso e acusado Otelo Saraiva de Carvalho, não podemos deixar de anotar que foi apreendido material redigido e editado por um partido político legalizado, e que, um membro do Governo, se referiu à prospecção de ligações com «forças antidemocráticas». Outro regresso, — o regresso ao desrespeito pela «acção política», pelo «direito à organização», pela liberdade de «doutrinação e de propaganda». Regresso a uma situação em que o Governo (um Governo) se considera juiz do carácter da actividade política e definidor dos valores democráticos.

E o que é, talvez, mais grave, admite-se que as investigações provem essas ligações, em vez das ligações, e das informações acumuladas serem a razão determinante da «operação policial». Vejamos as declarações do director-geral da Polícia Judiciária: «A documentação apreendida ainda está a ser analisada e eu neste momento não tenho ainda informações que lhe possa fornecer. Porém, admito que na próxima semana possamos divulgar à opinião pública os resultados dessa análise e obviamente as eventuais ligações entre o material apreendido e as FP25», («Diário de Notícias», 23 de Junho de 1984).

Já foi sublinhada a coincidência, aliás, demasiado flagrante, entre a «operação policial» e a apresentação para aprovação parlamentar da Lei da Segurança Interna que ameaça dar forma legal democrática a alguns atentados aos direitos constitucionais e à filosofia da Democracia. Mas, não insistamos na «coincidência» já assinalada, frisemos outro ponto: esta «operação» revela meios, capacidade de acção, e a eficiência a que não estamos habituados. Será essa eficiência suspeita?

Não o queremos dizer. Todavia, o livro recente de Paradel de Abreu, exigia a exploração das informações que contém, a investigação das acusações que formula. E o mesmo se passa com o volumoso «dossier» sobre Camarate reunido por Augusto Cid. E o mesmo dever de esclarecimento deveria impor às polícias os crimes que vitimaram um padre Maximino, um Joaquim Ferreira Torres, ou o atentado contra a residência do Engenheiro António Lopes Cardoso, dias depois de ter deixado de ser ministro da Agricultura.

Ações criminosas, todas de inspiração política, acaso de sinal político contrário, criam um clima de insegurança. O terrorismo, para ditar a sua lei, não esperou que um palestino de nome falso viesse liquidar, ao nosso Algarve descuidado, o «pacifista» Sartau. Por outro lado, reconhecemos, e disso tiremos consequências: a liberdade democrática é incompatível com a insegurança e com o discurso da violência. A Democracia terá que oferecer segurança aos cidadãos: segurança de um cidadão em relação aos outros, segurança do cidadão em relação ao Estado.

A segurança dos cidadãos não será, porém, garantida por uma capacidade de intervenção policial condicionada politicamente e dependente da vontade de um qualquer Governo. Ou o aparelho de segurança goza de autonomia, ou se é dependente cria outras condições de insegurança: as que derivam do seu carácter unilateral, orientado, de facção.

Onde param — ou como foram paradas — as investigações relativas a uma tentativa de assassinato dos cidadãos Francisco Costa Gomes, Mário Soares, Ernesto Melo Antunes e Manuel Alegre?

Ninguém, que verdadeiramente seja democrata, pretenderá obstar ao apuramento da verdade e à administração da justiça. Mas terá que se opor aos regressos, e, designadamente, ao regresso da repressão orientada ideologicamente. As «razões de Estado» têm que ser claras; e não há «segredos», ou «objectivos», que justifiquem a utilização em função de uma «estratégia partidária» ou de uma «estratégia de Governo», dos meios de que o Estado dispõe para defender a Liberdade de todos os Portugueses.

Novo anticoncepcional pode revolucionar o planeamento familiar tradicional

Claude Robinson, IPS

Uma cápsula de somente três centímetros e meio de comprimento e de menos de um quarto de centímetro de largura poderia revolucionar a planificação familiar, de acordo com os seus inventores, sobretudo porque os seus efeitos têm uma duração de cinco anos.

Protegidas exteriormente com um novo material denominado «silastic», estão seis pequenas cápsulas de silício, que contêm levonogestrol, uma progestina amplamente utilizada como anticoncepcional oral.

Em menos de 15 minutos, uma enfermeira ou um paramédico podem introduzir as cápsulas sob a pele do braço de uma mulher. 24 horas depois, as pequenas cápsulas começam a actuar como um eficaz anticoncepcional, eficácia essa que se mantém ao longo de cinco anos.

Este anticoncepcional, é denominado «norplant» e foi aprovado pelas autoridades da Finlândia para utilização no país. A produção comercial e a distribuição iniciar-se-ão em breve.

O dr. Sheldon Segal, uma figura mundialmente conhecida

pelos seus contributos no domínio dos anticoncepcionais e da planificação familiar, descreveu o «norplant» como sendo o primeiro de uma nova geração de métodos de planificação familiar, com consequências a longo prazo.

«As importantes consequências programáticas, logísticas e de segurança deste novo medicamento não deixarão de suscitar um grande interesse entre os governos que se impressionam sempre com os resultados», declarou Segal aos jornalistas na sede das Nações Unidas.

O «norplant» foi ensaiado para ser utilizado em grande escala nos Estados Unidos, Equador, Colômbia, México, Egipto, Índia, Tailândia e vários países europeus. Espera-se também que a China inicie a sua experimentação dentro em breve, disse Segal.

O dr. Segal, de nacionalidade americana, é um dos dois cientistas que este ano vão ser galardoados com o Prémio de População, concedido pelas Nações Unidas. Além de Segal, a professora Carmen Miró (Panameana) será também premiada com um montante de 25 mil dólares, pela

sua participação activa na planificação familiar na América Latina, nos últimos 30 anos.

O prémio será entregue aos dois cientistas durante a conferência sobre População, que se realizará no México, em Agosto próximo.

O Prémio de População das Nações Unidas foi criado e atribuído pela primeira vez no ano passado, ex-aequo à primeira ministra indiana, Indira Gandhi, e a Quian Xinghong, ministro encarregado da Comissão de Planificação Familiar da China.

Sheldon Segal, que actualmente exerce funções como director da divisão de população da Fundação Rockefeller, com sede em Nova Iorque, elogiou as vantagens logísticas de uma única visita a uma clínica em cinco anos, em vez da tomada da tradicional pílula diariamente.

Como acontece com todo e qualquer novo produto, existem questões relacionadas com a segurança e seus efeitos colaterais que é necessário determinar, e, neste sentido, prosseguem os testes para precisar quais os efeitos a longo prazo causados pela aplicação deste

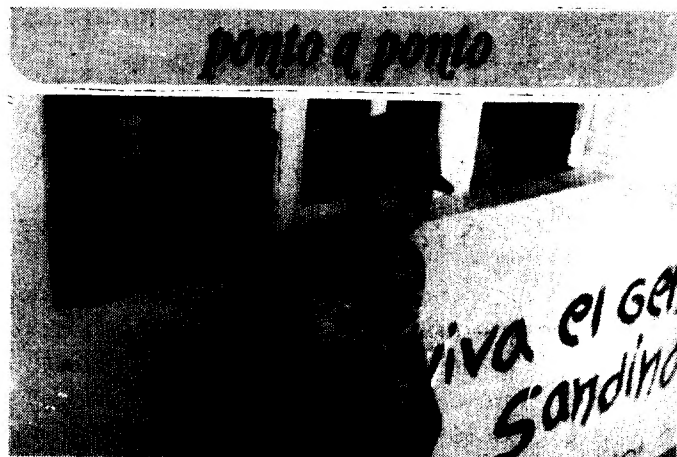
novo produto.

Segal referiu-se a duas propriedades críticas do «silastic»: impede a presença de qualquer «corpo estranho» sob a pele onde a cápsula foi introduzida e, em segundo lugar, actua como um «filtro de alta qualidade», porquanto vai libertando pequenas quantidades do produto anticoncepcional na corrente sanguínea.

O pior efeito secundário deste novo anticoncepcional descoberto até este momento é o de que pode induzir uma série de irregularidades no fluxo menstrual, se bem que tal facto não se tenha revelado como fonte de problemas demasiado graves, segundo os ensaios realizados.

Ao longo de oito anos de testes em mil mulheres da Finlândia, Suécia, Chile e República Dominicana, só 60 mulheres pediram para interromper a administração do produto em virtude de não estarem de acordo com as irregularidades menstruais que provocava.

Ao mesmo tempo, o «norplant» é imediatamente reversível, explicou o investigador, já que as suas cápsulas podem ser retiradas em qualquer momento.



A Nicarágua vai comemorar o aniversário da Revolução. Por essa ocasião lançará a centésima edição publicada na Nicarágua livre e promoverá um encontro de escritores e de editores. O poeta Manuel Alegre, deputado e dirigente do Partido Socialista, recebeu, para assistir a essas comemorações, um convite pessoal do comandante Sérgio Ramirez, membro da Junta de Governo da Nicarágua.



O ministro adjunto do primeiro-ministro de Cabo Verde, Carlos Reis, será o novo embaixador de Cabo Verde em Portugal, soube a NP de fonte oficial.

A mesma fonte acrescentou que Carlos Reis deverá estar em Lisboa a partir do fim de Julho para exercer o cargo, que é actualmente ocupado por Corsino Tolentino.

Corsino Tolentino vai ocupar a pasta de ministro da Educação e Cultura, em substituição de José Araújo, o qual vai para a organização interna do PAICV (Partido Africano para a Independência de Cabo Verde).

José Araújo — disse o mesmo informador à agência Notícias de Portugal — deverá ser substituído por Corsino Tolentino no dia 5 de Julho.



O ministro da Justiça presidiu ontem em Faro à cerimónia de descerramento de uma placa toponímica com o nome de Sá Carneiro, numa praça da capital algarvia, homenagem da Câmara local a este político.

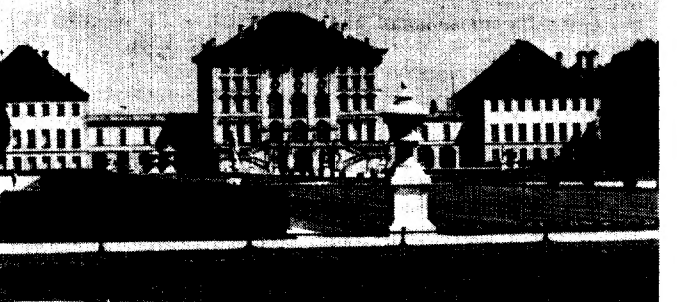
Usando da palavra, Rui Machete salientou alguns aspectos que caracterizam a vida do político homenageado, sublinhando que, «num momento particularmente difícil da vida de Portugal, é importante prestar homenagem aos políticos que foram capazes de modificar a realidade portuguesa», disse o ministro.

Acrescentou ainda: «O que interessa para os portugueses é construir um futuro de tranquilidade e de paz em que o medo seja definitivamente banido», frisou.

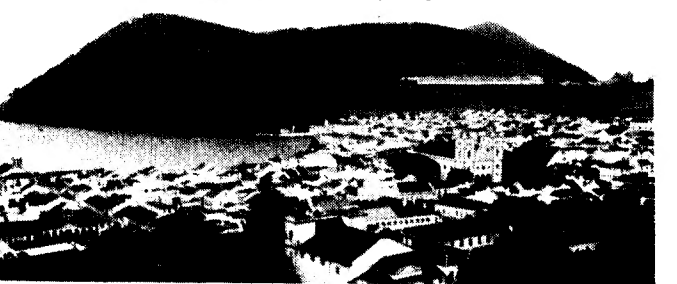
Usou também da palavra o presidente da Câmara local, Negrão Belo, para salientar a figura do político homenageado e a razão que considerou «justa» do nome de Sá Carneiro naquele local.



O provedor de Justiça, Pamplona Corte-Real, encontra-se desde ontem em Estocolmo para participar na 3.ª Conferência Internacional de Ombudsen. Seguidamente, em Helsínquia, o conselheiro Corte-Real tomará parte num seminário em que estarão também presentes representantes de todos os países de estrutura democrática e em que a instituição do «Ombudsen» está instalada.



Representantes de Portugal participam desde ontem, em Munique, na conferência ministerial dedicada ao Ambiente, uma reunião da iniciativa do Governo de Bona. A delegação portuguesa é constituída por Correia da Cunha, director-geral do Gabinete de Estado e Planeamento do Ministério da Qualidade de Vida, em representação do ministro, e por Gabriela Borrego, técnica do mesmo departamento. A conferência tem a duração de quatro dias e tem por objectivo discutir danos causados nas florestas, águas e construções pela poluição; métodos e medidas na luta contra esses danos e concepção e estratégias nacionais e internacionais para a protecção contra a poluição atmosférica.



A Comissão Nacional do Partido Socialista, que se reunirá a 7 de Julho, debaterá a estratégia a adoptar por aquele partido nas eleições regionais dos Açores, que se efectuarão em Outubro. O órgão máximo do PS entre Congressos analisará, ainda, a situação político-partidária e a política autárquica.



Moçambique: nove anos de independência

Eduardo Rebelo

Moçambique comemora hoje o 9.º ano de independência.

Há miséria, a fome é uma trágica realidade do seu quotidiano. Grupos armados continuam a semear o terror e a morte entre populações indefesas.

Nove anos difíceis em que a independência só pode ser mantida pela forte coesão existente entre os dirigentes moçambicanos, sob a liderança corajosa de Samora Machel.

Neste caminhar doloroso como Nação, que futuro se abre a Moçambique?

O seu destino está, antes de tudo, indissoluvelmente ligado ao da África Austral. Da pacificação da região, da definição política dos diferentes Estados vizinhos, dependerá, em parte considerável, o amanhã moçambicano.

Samora Machel compreendeu. Os mais recentes acontecimentos — de significação histórica — ocorridos naquela área, deixam antever perspectivas animadoras que, a concretizarem-se, poderão abrir a Moçambique — finalmente — as portas da paz e do progresso.

País militantemente não-alinhado, Moçambique sofre, no entanto, com os imponderáveis do confronto entre blocos antagónicos. Por isso a sua independência tem sido tão difícil, por isso as incertezas continuam a perfilar-se no seu horizonte.

De momento, algum bom senso parece perpassar pelos grandes centros de decisão mundial. Prevalecerá? Conseguirá o Ocidente fazer ver a Pretória que só a paz serve também os seus interesses?

N'Komati é, talvez, o facto mais saliente destes nove anos de consolidação da independência. O ponto de viragem foi, ali, naquela anónima localidade fronteiriça, atingido este ano. Não se tratou de um acordo entre vencido e vencedor. Tratou-se de um pacto entre Estados ao qual conduziram interesses recíprocos.

Com ele, Moçambique reconheceu uma realidade chamada África do Sul, uma realidade complexa que só ao seu povo — brancos e negros — compete resolver. Mas com ele a África do Sul aceitou, e reconheceu, a soberania moçambicana, a irreversibilidade de um processo iniciado nos primórdios da luta armada e que atingiu o «ponto de não retorno» a 25 de Junho de 1975.



Samora Machel, presidente da República Popular de Moçambique

A dívida externa do III Mundo

O problema é tão grave para devedores como para credores

Deodoro Roca, IPS

O problema da dívida externa é já tão grave para devedores como para credores, se não for encontrada uma solução global de curto prazo, segundo Hughes Aubert, especialista da firma consultora suíça Haenkel-Foster, que segue de perto a crise.

Aubert, manifestando-se a título pessoal e não da sua empresa, disse numa entrevista à IPS que já não é o problema do que deve fazer o devedor para manter os seus pagamentos mas, cada vez mais, como pode o credor manter o emprestado no activo, perante a impossibilidade crescente dos devedores fazerem face aos juros correntes.

Para o especialista — que se mostra em contrapartida partidário dos programas de ajustamento internos do Fundo Monetário Internacional — uma visão estreitamente financeira do pro-

blema, centrando tudo em manter os fluxos de pagamento dos devedores, está na base dos reiterados fracassos dos pacotes de refinanciamento.

Em sua opinião, o esquema externo traçado pelo FMI, tentando satisfazer a banca credora sem que esta realize ajustamentos nas suas próprias estruturas, «apostou demasiado facilmente num relançamento saneado da economia mundial atrás dos Estados Unidos».

«Em finais de 1982, quando foram abordadas as crises na América Latina, a maioria dos analistas apontava para uma baixa continuada dos juros norte-americanos juntamente com a reactivação, sem prever o efeito inverso que esta teria combinada com o défice fiscal dos Estados Unidos.»

A recuperação norte-americana permitiu um relativo ressurgimento do comércio internacional, mas

revelou-se negativa para os países devedores, contra o esperado em princípios do ano passado, ao relançar os juros, que passaram de 10,5 por cento em Julho passado para 12,5 actualmente.

Os dois pontos de aumento supõem aproximadamente 13 mil milhões de dólares mais de juros anuais, precisou Aubert à que devem somar-se margens que rondam os 2-2,5 pontos sobre o custo do dinheiro, que os bancos exigem para novas injeções financeiras destinadas a continuar a pagar os juros.

Por outro lado, indicou, a sobrevalorização do dólar (calculada em 24 por cento real), estimulado pelos altos juros, conduziu a um fenomenal défice comercial nos Estados Unidos, que, por sua vez, fomenta medidas proteccionistas.

As tendências proteccionistas, precisou o especialista, contrapõem-se às necessidades dos países devedores de aumentar as suas exportações para obter altos «superávits» comerciais, que lhes permitam dispor de recursos para fazer face à dívida.

Para o analista suíço, é necessária uma abordagem global de mais longo prazo, que tenha em conta a tendência altista do juro e demais efeitos secundários negativos da «reactivação com défice» norte-americana, coisa que considera muito improvável nas actuais circunstâncias políticas.

Aubert considera que, com estes juros, os devedores — especialmente os latino-americanos, cuja dívida é em cerca de 70 a 80 por cento para com a banca comercial

— poderão cada vez menos atender os pagamentos e, mais tarde ou mais cedo, a banca norte-americana ver-se-á obrigada, seguindo as suas normas legais, a considerar os empréstimos perdidos, como esteve quase a acontecer em Março último com a Argentina.

Segundo sustenta o especialista, é possível conseguir um mecanismo de moratória parcial com capitalização de juros, ainda que para isso a banca credora devesse tomar precauções. Isto provavelmente traduzir-se-ia, senão em perdas, em resultados muito pobres, que talvez não aguentassem nas bolsas sem ajuda dos bancos centrais.

A banca europeia, assinalou, poderia adaptar-se com mais facilidade, já que as suas normas são mais elásticas e está menos exposta, além de ser em geral reticente a fazer novos empréstimos aos devedores para que possam pagar os juros.

Mas os bancos norte-americanos não só resistiriam, como ainda o governo tão-pouco aceitará, em sua opinião, modificar as mais rígidas normas financeiras que regem o seu sistema bancário.

No entanto, afirmou o analista, sem uma saída deste tipo, resta apenas a situação actual, em que começa a correr o alarme em bolsas e mercados, como aconteceu em Maio, pondo em perigo a estabilidade dos grandes bancos mais expostos às dívidas em crise, e isso, em sua opinião, é «jogar com o fogo».

* Primeiro de uma série de cinco artigos

BÁLTICO/Capitais

- Copenhaga (Dinamarca)/Helsinki (Finlândia)/Leningrado (ant. Rússia)/Vilnius (Lituânia)/Riga (Letónia)/Tallinn (Estónia)/Estocolmo (Suécia)
- Visitas em todas as cidades/Passeio nos lagos// Travessia do Golfo da Finlândia.
- 15 dias, tudo incluído
- 2 únicas partidas (já garantidas): 18/7 e 1/8
- Peça programa detalhado.

AGITURISMO

Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv. Op. 414

Domingo nortenho para Eanes

PR comemorou batalha de S. Mamede e condecorou Hospital de S. João

O Presidente da República teve ontem uma jornada norte-nha, deslocando-se a Guimarães, onde presidiu às comemorações da batalha de S. Mamede, e assistindo no Porto ao 25.º aniversário do Hospital de S. João.

Em Guimarães, Ramalho Eanes foi recebido no Paço dos Duques, assistindo de seguida a uma eucaristia celebrada pelo arcebispo primaz D. Eurico Nogueira. Após o almoço, servido na Pousada de Guimarães, Eanes deslocou-se ao Estádio Municipal para assistir a um concerto pela orquestra ligeira do Exército.

Emigrantes são reserva da Nação

Na sua homilia, D. Eurico Nogueira abordou a situação dos

emigrantes. Contrapondo o amor dos emigrantes ao seu país, o arcebispo primaz considerou que o país pouco lhes dá. «Um flores, palmas e foguetes quando vêm de férias».

Prosseguindo no mesmo tom crítico, aquele prelado adiantou que tal como os governos de há 20 ou 30 anos não cuidaram da partida dos emigrantes, também os de há 10 anos não se preocuparam com a sua estadia nos países de acolhimento, nem os de agora prepararam o regresso, previsível a curto prazo, ou já em execução para centenas de milhares de emigrantes.

D. Eurico Nogueira falava ainda da problemática das comunidades, sublinhando ser necessário um maior contacto entre os governantes e a «ines-

timável reserva da Nação» que são, em sua opinião, os emigrantes.

Nas várias visitas que efectuou a comunidades no estrangeiro, o arcebispo primaz sublinhou que nunca viu «as nossas autoridades diplomáticas, consulares e escolares», acrescentando que com essa ausência elas «perdem oportunidades únicas para contactarem e se identificarem com as comunidades, por causa das quais existem e recebem os seus honorários».

Medalha de mérito para Hospital de S. João

O general Ramalho Eanes presidiu ontem, no Porto à sessão solene de encerramento das comemorações do 25.º aniversário do Hospital de S. João.

Na Aula Magna da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, o Presidente da República presidiu à sessão solene, durante a qual discursaram o professor Daniel Serrão, orador oficial das cerimónias, e o director do Hospital, Miguel Matosa.

Na sua intervenção, o catedrático abordaria, por diversas vezes, a problemática doente/médico. Depois de citar Fernando Pessoa, Daniel Serrão sublinharia que o Hospital de S. João «é o espaço físico onde, diariamente, homens nossos iguais, nossos irmãos, sustentam o difícil diálogo vida-morte».

Perante o ministro da Saúde, o bispo do Porto e o presidente da Câmara portuense, o catedrático consideraria o Hospital de S.

João como o grande espaço humano onde se vive o mais difícil dos encontros — «o encontro desigual entre o médico e o doente».

Por seu lado, o director do Hospital, Miguel Matosa, chamaria a atenção das autoridades governamentais para os limitados recursos de que o estabelecimento dispõe.

No final do período das intervenções, o Presidente da República condecorou com a medalha de mérito de benemerência o Hospital de S. João, tendo sido entregues medalhas e brochuras comemorativas da efeméride às autoridades oficiais e a elementos do quadro do estabelecimento, bem como distribuído emblemas aos funcionários com 25 anos de serviço.

Aniversário da Força Aérea

A Força Aérea Portuguesa iniciou, ontem as comemorações do XXXII aniversário da sua criação como ramo independente das Forças Armadas, com diversas manifestações em Vila Real e que têm o seu ponto alto no próximo domingo.

No decorrer da «semana» da Força Aérea terão lugar em diversas localidades do distrito, concertos pela banda da Força Aérea, exibições de cães militares, projecções de filmes e demonstrações de pára-quedismo.

A partir de ontem está patente, na Escola Secundária de Camilo Castelo Branco, em Vila Real, uma vasta exposição sobre a actividade de todas as unidades e departamentos da FAP, incluindo o corpo de tropas pára-quedistas e, pela primeira vez, a base aérea das Lajes, sediada nos Açores.

O encerramento das comemorações da Força Aérea terá lugar em 1 de Julho, com a celebração de uma Missa de Acção de Graças e sufrágio, celebrada pelo Bispo de Vila Real.

Luís Barbosa, CDS:

Governo é um melão com sabor a pepino!

«O Governo é um melão que sabe a pepino!» Num estilo muito próximo de Lucas Pires, que o venceu folgadoamente na corrida à liderança do CDS, Luís Barbosa acaba de acrescentar mais um à numerosa lista de **piropos** com que o Governo vem sendo brindado.

Numa entrevista concedida sábado ao programa «Cartas na Mesa», da Rádio Renascença, Luís Barbosa defende a sua acusação — **o Governo é um melão com sabor a pepino** —, dizendo que esse é o «sentimento» dos portugueses. Para ele, «se tivesse ido para a frente o Governo liderado por Vítor Crespo e por mim, de uma coisa estou certo: ou esse Governo tinha feito melhor ou isto acabava».

Luís Barbosa não refere o significado de «isto» mas, presume-se das suas palavras, tudo indica que «isto» é um país com oito séculos de História.

Para o homem que está convencido de que «isto» pode acabar, a política da saúde seguida pelo Governo é fonte de preocupações. Ele, que foi ministro dos Assuntos Sociais do último governo AD, julga deste modo a actualção do actual ministro da Saúde:

«O seu principal erro tem a ver com a maneira como se encaram as coisas. Maldonado Gonetla voltou-se para o interior do Ministério enquanto eu me voltei para o exterior, para os centros de saúde, para a província».

Interrogado sobre o seu partido — o Centro Democrático Social — Luís Barbosa admitiu «ter algum capital político para investir, no sentido de alterar o sistema político em que vivemos».

«Para isso é preciso ter poder. Eu, porém, não estou convencido que seja útil ir conquistá-lo. Defendo a unidade do CDS, mas não tenho nenhuma dúvida, nem vamos escamotear isso, de que no último Congresso saíram duas linhas diferentes», afirmou.

Sobre as «presidenciais», disse o antigo ministro que «é preciso proceder a um novo realinhamento da vida política, nos termos da reconstrução de um espaço político que de algum modo teria a ver com o que foi a AD».

«Do meu ponto de vista — afirmou — a liderança de um processo de procura desse espaço passa pela candidatura de Freitas do Amaral à Presidência da República».

Jordi Pujol em conferência no Porto

“O catalismo não é um movimento separatista”

O presidente do Governo Autônomo da Catalunha, Jordi Pujol, afirmou ontem no Porto que «o catalismo não é um movimento separatista».

Trata-se de uma identidade que faz com que a Catalunha seja uma comunidade mais unida, mais justa e mais livre», acrescentou.

Jordi Pujol falava no Palácio da Bolsa, do Porto, durante uma conferência que proferiu, intitulada «Trueta, um homem público», integrada na sessão de encerramento das jornadas da «Gird Estone Orthopedic Society», que, durante seis dias, decorreram na capital nortenha, com a presença de uma centena de ortopedistas de todo o mundo.

O líder do Governo catalão referiu que apesar de a Catalunha ser um país pequeno, entre os Pirenéus, e o Mediterrâneo, e de ter apenas seis milhões de habitantes, ele é muito importante pela sua história, cultura e arte».

Jordi Pujol disse que «os países crescem não só através da iniciativa privada e o esforço dos seus cidadãos e instituições, mas tam-

bém com o apoio dos organismos governamentais».

Referindo-se ao professor José Trueta, que foi um médico, natural da Catalunha, especialista no tratamento de feridas de guerra e fundador da «Gird Estone Orthopedic Society», Jordi Pujol salientou que «homens como José Trueta nunca morrem».

«O professor Trueta — prosseguiu — sempre acreditou que a liberdade retornaria à Catalunha e que as centenárias instituições seriam recuperadas».

Jordi Pujol lamentou que «ele tivesse morrido, justamente no novo dia em que foi recuperada a liberdade e a autonomia para a Catalunha». «Por isso, o Governo catalão sente-se honrado em pagar-lhe com uma homenagem ou era um desejo dele: a criação de uma fundação para a ciência» — disse.

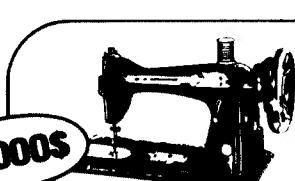
Após afirmar que «Trueta foi um especialista dedicado à medicina, Pujol frisou que «ele viveu momentos difíceis particularmente na luta pelo seu país e ao serviço de toda a humanidade».

FANTÁSTICA

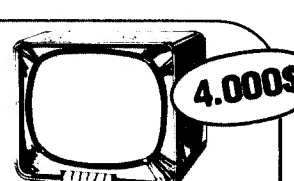
CAMPANHA

DE TROCAS

GANHE COM A TROCA UMA CHUVA DE ESTRELAS



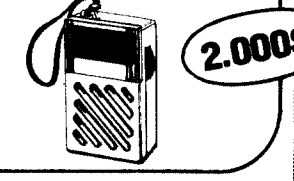
5.000\$



4.000\$

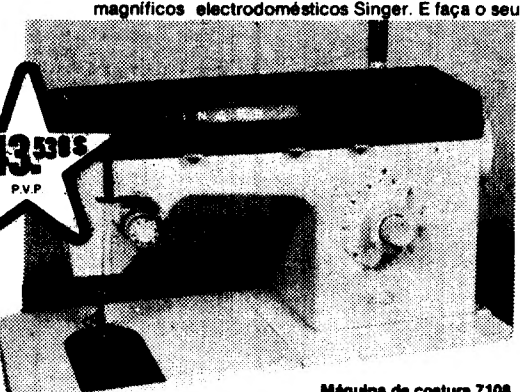


2.000\$



2.000\$

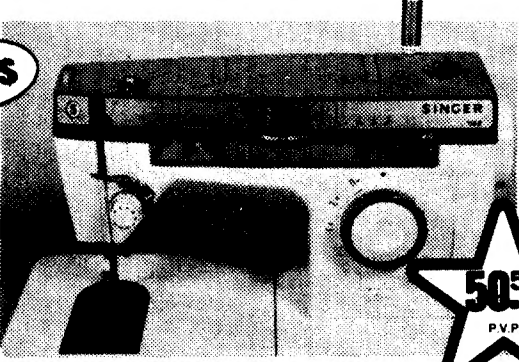
• Aproveite agora! Troque os seus velhos electrodomésticos por estes magníficos electrodomésticos Singer. E faça o seu dinheiro brilhar!



43.500\$

Máquina de costura 7106

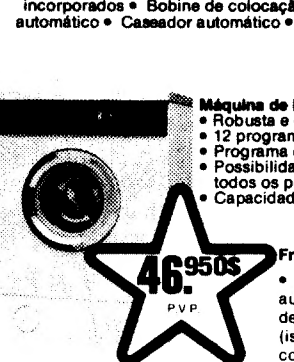
• Trabalha com discos • Motor e luz incorporados • Bobine de colocação instantânea • Zigue-zague automático • Caseador automático • Qualidade e garantia Singer.



50.500\$

Máquina de costura 7186

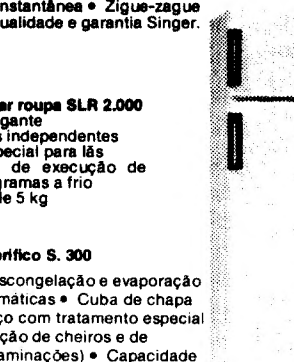
• Selecção directa dos pontos • 18 pontos incorporados • Motor e luz incorporados • Zigue-zague elástico • Costura e remata em simultâneo • Qualidade e garantia Singer.



46.950\$

Máquina de lavar roupa SLR 2000

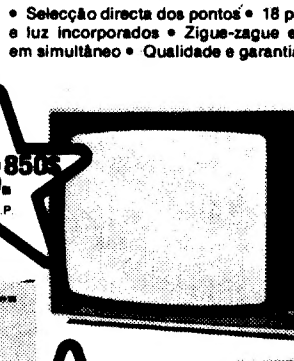
• Robusta e elegante • 12 programas independentes • Programa especial para lãs • Possibilidade de execução de todos os programas a frio • Capacidade de 5 kg



49.800\$

Frigorífico S. 300

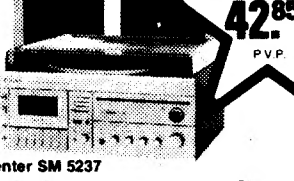
• Descongelamento e evaporação automáticas • Cubo de chapa de aço com tratamento especial (isenção de cheiros e de contaminações) • Capacidade de 300 litros



58.850\$

Televisor ST 51 II

• Antena própria • Ecran de 51 cm • Fidelidade de cor • Controle automático de frequência



42.850\$

Music center SM 5237

• Rádio - giradiscos - gravador stereo • Sistema dolby • Colunas de 2 vias

SINGER

Uma Marca de Fábrica da THE SINGER COMPANY

PERÍODO LIMITADO



No fim do primeiro ano lectivo

Centro de Formação de Jornalistas vai de vento (norte) em popa

A única experiência existente em Portugal para a formação de jornalistas profissionais atingiu agora um momento-chave: o final do primeiro ano lectivo, ao mesmo tempo que avança já com projectos para o futuro.

O Centro de Formação de Jornalistas (CFJ), a funcionar em instalações próprias no Porto, é uma cooperativa de ensino sem fins lucrativos cujos sócios são exclusivamente jornalistas profissionais, na sua esmagadora maioria do Norte do País.

Nascido de uma ideia surgida há dois anos durante o II Encontro de Jornalistas do Norte, funciona em grande parte graças ao empenho e carolice de meia dúzia de jornalistas e de professores da Faculdade de Letras do Porto.

Neste momento em que os seus primeiros 30 alunos fazem exames, o Centro tem três objectivos fundamentais, disse à agência Notícias de Portugal o presidente da direcção, Pinto Garcia, que é também o chefe de redacção do «Jornal de Notícias».

O principal, acentuou, é a aprovação pelo Ministério da

Educação do estatuto de curso superior de curta duração, que permitirá conceder aos alunos ao fim de três anos o grau de bacharel.

Outro objectivo do CFJ, também dependente de terceiros, é a concretização da oferta prometida pela Gulbenkian de um sistema computadorizado no valor de cerca de três mil contos, capaz de realizar os trabalhos de uma moderna redacção e foto-composição.

Uma meta já mais próxima é a criação durante as férias de Verão de um estúdio de radiodifusão no centro que, num futuro dependente da legalização das frequências, passará também a emitir para a zona do Grande Porto a partir de um emissor de FM em Matosinhos.

Embora a criação do CFJ tenha nascido da ideia da reciclagem para jornalistas, neste momento a sua principal actividade prende-se com a formação de novos profissionais, no curso de técnicos de comunicação social.

Este é dividido em quatro semestres (dois anos lectivos) que

confere no final o certificado de técnico de Comunicação Social. Em seguida, o aluno poderá frequentar um estágio de seis meses, findo o qual tem mais um semestre para apresentar a sua tese a discussão. Se for aprovado, e se o Ministério da Educação aprovar também, será então bacharel em jornalismo.

O Centro funciona numa vivenda que teve que sofrer grandes obras de beneficiação, para o que recebeu uma ajuda monetária da Secretaria de Estado do Emprego e Formação.

O professor universitário Salvato Trigo, um dos entusiastas do Centro, contou que o ano lectivo começou em instalações emprestadas pela Faculdade de Letras do Porto, tendo os alunos transitado para as suas novas instalações em Janeiro.

Salvato Trigo acrescentou que o «currículo» do curso foi baseado em parte nas experiências da Escola de Formação de Jornalistas de Paris e na Universidade de Pamplona, em Espanha. O CFJ, que já teve a contribuição de um professor de jornalismo brasileiro, pretende este ano contratar uma irlandesa es-

pecializada em televisão.

O CFJ tem recebido muitas ajudas por parte de firmas e entidades privadas e públicas do Porto, nomeadamente materiais de construção e televisores. Nas aulas são autorizados meios audiovisuais e os alunos aprendem também a manejar câmaras e gravadores video.

Entre os apoios oficiais que o Centro tem recebido destaca-se os concedidos pela Secretaria de Estado do Emprego e Formação e pelo Ministério da Educação, este último com um fundo de 4100 contos.

Os jornais do Porto acarinharam a iniciativa e o CFJ procura igualmente apoios na Unesco, embaixadas e outras entidades para algumas iniciativas, pois para além do curso de técnicos de Comunicação Social, o Centro já realizou dois seminários rápidos de reciclagem e propõe-se ainda ministrar cursos sobre Comunicação Social aos professores desta cadeira do ensino secundário.

Estão ainda previstos seminários de formação para a imprensa regional e da emigração.

Os alunos necessitam de posuir o 12.º ano para frequentarem o curso de técnicos de Comunicação Social. Segundo disse Pinto Garcia a propina de 36 contos que pagam por ano não cobre um terço das despesas, sendo o resto suportado pelo Centro. As despesas mensais, acrescentou Pinto Garcia, rondam os 500 contos.

O CFJ possui apenas três funcionários efectivos e um corpo docente de nove professores. Este ano com 30 alunos, terá a partir do próximo 60, número correspondente à frequência dos dois anos.

Para não haver problemas de espaço está previsto para já a construção de um pavilhão-auditório nos terrenos do CFJ. Também a curto prazo, aproveitando uns anexos, será construído um laboratório fotográfico e um estúdio de artes gráficas.

Da importância da iniciativa será talvez prova o interesse que os governantes lhe deram publicamente, nomeadamente com visitas ao Centro pelo Presidente da República, Primeiro-Ministro, e vice-primeiro-ministro.

Igreja reflete sobre Comunicação

A necessidade da criação de uma associação de jornalistas católicos foi defendida sábado em Fátima, num encontro de responsáveis pelos meios de Comunicação Social da Igreja.

No decorrer do encontro, que registou 23 participantes, programou-se um curso a realizar de 17 a 21 de Setembro, em Fátima, destinado a professores e educadores e foi manifestada a necessidade de se avançar com o projecto de associação de imprensa de inspiração cristã.

A criação de um conselho de Comunicação Social da Igreja foi também afirmado pelos participantes no encontro, presidido por dr. Serafim Ferreira da Silva, da Comissão Episcopal para os meios de Comunicação Social.

No encontro estiveram ainda presentes representantes de nove dioceses do continente e as federações nacionais de religiosos e de religiosas.

Israel: jornalistas

em greve

boicotam

campanha eleitoral

Jornalistas israelitas em greve boicotaram a campanha para as eleições gerais, ao impedirem a transmissão de propaganda partidária através da Rádio e da Televisão.

As gravações de propaganda partidária, que custaram elevadas quantias aos partidos concorrentes, deveriam ter sido transmitidas após os noticiários da noite, mas a greve dos jornalistas impediu a transmissão da propaganda bem como das notícias.

Agindo a pedido do presidente da Comissão Central de Eleições, Gavriel Bach, o governo emitiu ordens para que os grevistas retomassem o trabalho, mas o Supremo Tribunal considerou que as ordens não eram válidas porque a propaganda eleitoral não é um serviço público essencial.

Anteriormente, o departamento do Tesouro e a central sindical Histadrut chegaram a acordo quanto a um novo contrato de dois anos para 70 mil funcionários públicos, pondo assim termo à paralisação de funcionários civis e trabalhadores autárquicos.

Estes trabalhadores irão receber aumentos de 16 por cento e continuarão a ser compensados pelos efeitos da inflação, que este ano deverá atingir os 400 por cento.

Palma Ferreira: exoneração hoje na folha oficial

A exoneração, a seu pedido, do presidente da RTP, João Palma Ferreira, foi hoje oficialmente publicada no «Diário da República».

Um despacho conjunto da

Presidência do Conselho de Ministros e do Ministério das Finanças e do Plano exonera também a seu pedido o vogal Mário Cerqueira Correia.

O despacho tem a data de 11 de Junho.

Até à nomeação de um novo presidente, o conselho de gerência da RTP é dirigido por João Tito de Moraes.

Acordo EFE/Angop

As agências noticiosas EFE, de Espanha e Angop, de Angola, assinaram em Madrid um acordo de cooperação informativa e troca de serviços.

O acordo prevê o estabelecimento de um canal informativo entre Luanda e Madrid, a troca da informação e o apoio técnico e profissional da EFE a Angop.

O documento foi assinado em Madrid por Ricardo Utrilla, presidente-director-geral da EFE e por Raimundo Sotomayor, director-geral da Angop.

CARTA ABERTA AO BANCO DE PORTUGAL

1. A Comissão Coordenadora das CT's do Sector Bancário tem manifestado público repúdio pelos empréstimos de milhões de contos que a Banca Nacionalizada tem vindo a fazer à MDM — Soc. de Investimentos SARL e à SPI — Soc. Portuguesa de Investimentos SARL.

2. Vastos sectores da opinião pública, abrangendo extensas camadas da população e das classes laboriosas, a quem são exigidos pesados sacrifícios em nome da «crise», exprimem também o seu frontal desacordo a tais apoios financeiros.

3. É sabido que estas operações são da responsabilidade dos Conselhos de Gestão (CG) que, à revelia dos trabalhadores bancários, continuam a gerir a Banca Nacionalizada. Responsabilidade esta atribuível em primeiro lugar ao Governo pela cobertura que presta a tais operações e pelos homens que mantêm e colocam nos CG e também ao Banco de Portugal que se demite da sua função fiscalizadora das actividades do sistema bancário português.

4. Os empréstimos à MDM e à SPI visam objectivos políticos:

- Reconstituir os antigos grupos financeiros e monopolistas, reanudar actividades especulativas desgarradas dos interesses nacionais, impor no nosso país a vontade e objectivos do grande capital internacional representado pelos parceiros estrangeiros daquelas sociedades de investimento;
- Enfraquecer o sector público e nacionalizado, designadamente a Banca Nacionalizada, envolvendo-a em operações que afectam a sua rentabilidade e restringem a sua capacidade de intervenção em termos de concessão de crédito, nos diversos sectores da actividade económica carentes de apoio financeiro;
- Criar condições de operacionalidade à banca privada, à custa e em prejuízo da Banca Nacionalizada.

5. Entretanto, outra sociedade de investimentos — CISF — Companhia de Investimentos e Serviços Financeiros, SARL, surge no panorama do sistema bancário e já com relação a esta se movimentam as influências internacionais e do grande capital nacional para que seja a Banca Nacionalizada a ser o seu suporte financeiro.

6. A extensão do conluio dos CG com estas sociedades não é totalmente conhecida, mas o que se sabe dos empréstimos aprovados pelos CG do BFB, BPSM, BESCL, BPA e CGD é de molde a suscitar as maiores preocupações e a indiciar actos de corrupção ou do exercício abusivo de funções públicas.

7. Assim, interpretando o sentir de dezenas de milhares de trabalhadores bancários e da opinião pública em geral, vem este secretariado nacional da coordenadora das CT's do Sector Bancário exigir ao Banco de Portugal que:

— Mande suspender todas as operações de financiamento aprovadas pelos CG da Banca Nacionalizada à MDM, SPI e eventualmente à CISF;

— Mande fazer um levantamento dos apoios, quaisquer que sejam, feitos entretanto àquelas sociedades pela Banca Nacionalizada;

— Instaura um inquérito rigoroso à gestão da Banca Nacionalizada.

8. Dado que a Comissão Coordenadora das CT's por diversas vezes pediu audiência ao Banco de Portugal para o informar de questões que se prendem com irregularidades no exercício da actividade bancária, e a Administração do Banco de Portugal nunca se mostrou receptiva a um tal encontro, vem esta Comissão Coordenadora das CT's do Sector Bancário informar que vai dar divulgação pública da presente carta.

O Secretariado Nacional da Comissão Coordenadora das CT's do Sector Bancário

NOTARIADO PORTUGUÊS

SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL DE SINTRA CERTIDÃO NARRATIVA PARCIAL

CERTIFICO que no dia sete de Junho de mil novecentos e oitenta e quatro, a folhas cento e trinta e oito verso do livro número trezentos e trinta e três-A, deste Segundo Cartório Notarial, foi feita a escritura de «JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL», na qual JOSÉ DOMINGOS DA SILVA e mulher, ADELAIDE MATILDE VICENTE, casados sob o regime da comunhão geral, naturais da freguesia de São João das Lampas, onde residem no lugar de Fontanelas, deste concelho de Sintra, declaram que:

DECLARAM OS PRIMEIROS OUTORGANTES:

Que lhes pertence, com exclusão de outrem, um prédio urbano de rés-do-chão, destinado a habitação, com a área coberta de cinquenta e sete metros e oitenta decímetros quadrados e logradouro com seiscientos e quarenta metros quadrados, situado no lugar de Fontanelas, freguesia de São João das Lampas, concelho de Sintra, a confrontar do norte, sul e nascente com caminho e do poente com António Nunes e Francisco Alexandre Pedro, inscrito na matriz urbana respectiva, em nome dele, justificante marido, sob o artigo mil setecentos e trinta e sete, como rendimento colectável de mil cento e quarenta e dois escudos, de que resulta o valor matricial de vinte e dois mil oitocentos e quarenta escudos, que valorizam em duzentos e cinquenta mil escudos.

Que este prédio não se encontra descrito na Primeira Conservatória do Registo Predial de Sintra e tem exercido sobre o mesmo uma posse pública, pacífica e contínua, que dura há mais de cinquenta anos, pelo que justificam a sua aquisição pela usucapião.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL. Segundo Cartório Notarial de Sintra, dezoito de Junho de mil novecentos e oitenta e quatro.

O AJUDANTE

Maria da Conceição Seixas da Silva Borges

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA - 1.º JUÍZO

ARREMAÇÃO 1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 4 de Julho de 1984, pelas 16 horas, neste Tribunal Rua Brancamp, 5-4.º, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a Comissões e Condições e Conta Própria Zeisique, Lda, com sede na Calçada Santana, 210, Lisboa, no processo executivo n.º 2635/82, instaurado por dívida à Caixa de Previdência Abono Família Indústria Distrito de Lisboa.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Uma máquina de escrever marca Erika e referência em bom estado a que se atribui o valor de 5000\$00.

Verba n.º 2 — O direito ao arrendamento e trespasse de loja sita na Calçada de Santana, 210, Lisboa a que se atribui o valor de 500 000\$00.

Verba n.º 3 — Um lote composto de dois balcões em vidro e madeira que serve de expositor, uma secretária em madeira, uma bancada com um torno em ferro, duas cadeiras em madeira e sete estantes de cinco prateleiras cada tipo Handy em ferro a que se atribui o valor de 50 000\$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 19 de Junho de 1984

O Juiz de Direito, (Manuel Luís Macalista Malheiros)

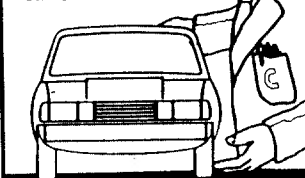
O Liquidador Tributário (Carlos Manuel Almeida Alvelos)

DL - 25/6/84 - 2.ª Pub.

Auto-Rádios e Anti-Roubo Philips

Cetra

CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL S.A.R.L. CONCESSIONÁRIO PHILIPS PARA INSTALAÇÃO DE AUTO-RÁDIOS



R. Cidade de Bolama, 1-B - R. Cidade de Bissau-Oliveiras Sul, 1800 LISBOA Telef. 33 10 22 - 31 72 73 - 33 37 07



MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAL DE SANTA MARIA

FORNECIMENTO DE 1 APARELHO DE RX TRANSPORTÁVEL

— Serv. de Radiologia Conc. Pub. 16/84-IE

FORN. E MONTAGEM DE 1 APARELHO DE RX E DIVERSO MATERIAL DE RADIOLOGIA

— Consulta de Ortopedia Conc. Pub. 17/84-IE

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12.30 horas e das 14 às 16.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições (IE).

A abertura das propostas terá lugar nos dias 23 e 24 de Julho próximo às 10.30 horas no referido Serviço.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 20 de Junho de 1984

PEL'O DIRECTOR SERV. APROVISIONAMENTO
a) J. d'Almeida Ribeiro

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa** vende-se na PAPELARIA FARRACHA

Jornadas dietéticas em Évora

Alimentação correcta é modo de promover a saúde

A definição de uma alimentação correcta, «modo excelente» de promover a saúde, diminuir os custos na doença e o insucesso escolar, e de melhorar o rendimento do trabalho, foi defendida em Évora, no termo das Jornadas de Alimentação Dietética.

Durante dois dias, cerca de 350 pessoas estiveram reunidas em Évora para discutir questões ligadas à nutrição, concluindo pela necessidade do estabelecimento a nível local de protocolos entre instituições de saúde e

autarquias para a promoção da educação alimentar.

A colocação de especialistas nutricionistas e dietistas em unidades prestadoras de cuidados de saúde da periferia foi também defendida como modo de promover uma correcta política alimentar adaptada às necessidades específicas do País.

A articulação funcional entre os Ministérios da Saúde e da Agricultura foi também sugerida nestas jornadas, como forma de realizar acções coordenadas e

concordantes com a política alimentar que a saúde, a economia do Estado e das famílias exigem ver definida.

Industrializar a educação alimentar a diversos níveis e dar à alimentação a importância que lhe é conferida, por ser um modo de promoção da saúde, foram outras das indicações saídas dos trabalhos.

Na opinião de Valentina Silvéria Machado, presidente da Administração Regional de Saúde de Évora, foram alcançados os

objectivos das jornadas, que eram sensibilizar os profissionais prestadores de cuidados de saúde primários para a importância da alimentação e dietética.

Por outro lado, a responsável pelas jornadas referiu ainda que os serviços que dirige entendem ser «sua função e dever organizar e promover iniciativas desta natureza, como forma essencial e adequada de reflexão, renovação e reformulação de conhecimentos, com vista à promoção da saúde das populações».

Delegação da Nicarágua almoçou com Mário Soares

O Primeiro-Ministro Mário Soares almoçou hoje em S. Bento com uma delegação da Nicarágua chefiada pelo Comandante Bayardo Arce, coordenador da Comissão Política da Junta de Manágua, soube a NP de fonte oficial.

Omar Cabeças, vice-ministro do Interior da Nicarágua e José Pasos, vice-chefe das relações

Exteriores sandinistas integram também esta delegação.

A delegação sandinista está a efectuar uma visita pela Europa e já visitou a França, Suécia, Itália, Finlândia e após esta estada em Portugal desloca-se a Espanha e à Grécia.

No decurso do almoço com Soares será debatida a situação política na Nicarágua.

Manuela Eanes ao

«Diplomatic World Bulletin»

Problemas da população devem preocupar as mulheres

«As mulheres de todo o Mundo podem, e devem, desempenhar um papel importante quanto aos problemas relativos à população, crianças e mesmo refugiados», afirmou Manuela Eanes em entrevista publicada no último número da revista «Diplomatic World Bulletin», que se publica em Nova Iorque.

A esposa do Presidente da República concedeu a entrevista ao administrador da publicação, Richard Holman, durante a sua estadia em Nova Iorque onde participou, a convite das Nações Unidas, com mulheres de chefes de Estado africanos, numa série de programas sobre população.

Manuela Eanes teve oportunidade de se referir ao trabalho que tem vindo a desenvolver sobre a problemática da população, crianças e refugiados, destacando a sua acção aquando da chegada a Portugal dos retornados das colónias africanas, e, mais recentemente, a formação do Instituto de Apoio à Criança. «Foi criada uma associação não governamental, o Instituto de Apoio à Criança, para tratar especificamente das necessidades das crianças». Sobre as tarefas do Instituto, a esposa do Presidente da República sublinhou

que «integrando médicos, psicólogos, escritores e outros profissionais, o IAC procura sensibilizar as pessoas para os problemas das crianças».

A propósito da sua participação no colóquio realizado sob a égide das Nações Unidas, Manuela Eanes elogiou as outras conferentes, estendendo o elogio à forma de ser dos africanos. «Gosto muito de África. Penso que as pessoas são maravilhosas, muito calorosas e há entre elas uma grande solidariedade».

Manuela Eanes sublinhou ainda que a sua formação em Direito lhe proporcionou um espírito aberto para encarar diversos problemas, quer de incidência jurídica, económica, política ou social.

A finalizar, a esposa do Presidente da República respondeu a algumas perguntas sobre a ocupação dos tempos livres da família Eanes.

Música clássica, nomeadamente Beethoven, Mozart e Chopin, e a poesia, com relevo para Miguel Torga, preenchem os tempos livres, embora o acompanhamento dos filhos e o planeamento das refeições sejam também preocupações do dia-a-dia de Manuela Eanes.

Tabela do ME rejeitada em França e Bélgica

A tabela salarial dos professores de português na Europa mantém o diferendo entre o sindicato representante daqueles professores e a Federação Nacional dos Professores e o Ministério da Educação.

Legalmente a tabela salarial daqueles professores deve ser actualizada anualmente até finais de Junho para fazer efeito a partir de Janeiro seguinte, o que ultimamente não vem acontecendo.

Depois de os professores terem ameaçado fazer greve aos exames em Paris, à semelhança da acção de protesto que no ano lectivo passado realizaram, a secretaria de Estado adjunta do ministro da Educação reuniu-se no passado dia 18, na capital francesa, com o SPE e a FENPROF. O embaixador de Portugal em Paris prometeu aos representantes dos professores interceder a favor da realização desse encontro, caso a greve

fosse desconvocada. Os professores suspenderam a forma de luta e a reunião acabou por se efectuar.

Mas contrariamente ao que esperavam os representantes sindicais dos professores na Europa, a secretaria de Estado apresentou-lhes uma nova tabela para vigorar em 85 e 86, onde são considerados aumentos (máximos) para França da ordem dos 14,7 por cento e sem fundamentação nem definição de critérios. A secretaria de Estado desconhecia, ao que parece, a proposta fundamentada da FENPROF, já entregue no ME e considerou que a situação não podia ser alterada por falta de tempo.

Os professores em França e na Bélgica, que seriam os mais prejudicados com a proposta ministerial, rejeitaram a tabela apresentada pela secretaria de Estado e reuniram hoje para tomar medidas face à situação.

Encerar, Lavar Lavar, Encerar

Para manter um chão de mosaicos limpo e brilhante, é preciso lavar, encerar e puxar lustro — uma batalha! A SOCINCA venceu esta batalha com um produto:

NOVYCERA Emulsionada, que lava e encerando deixando os mosaicos limpos, encerados e brilhantes num instante!

NOVYCERA Emulsionada é um produto de alta qualidade com a garantia de 30 anos de experiência da SOCINCA.

A SOCINCA fabrica produtos que se encontram à venda em qualquer ponto do país. Agora você também já sabe quem é a SOCINCA.

Aceite um conselho de especialista:
— Escolha experiência.
— Escolha produtos SOCINCA.

Novycera
CERA EMULSIONADA

SOCINCA
SOCIEDADE INDUSTRIAL E COMERCIAL DE PRODUTOS QUÍMICOS LDA
Vendas Centralizadas



de ontem para hoje

Quatro reclusos de Alcoentre estão em greve de fome

B ATENDO-SE contra a «repressão dos guardas» e pela transferência para um estabelecimento prisional de Lisboa, a fim de poderem ser visitados regularmente pelos seus familiares, quatro presos de delito comum da cadeia de Vale de Judeus (Alcoentre), iniciaram há 39 dias uma greve de fome, encontrando-se neste momento internados no Hospital-Prisão de S. João de Deus, em Caxias. Em carta dirigida ao nosso jornal, os quatro grevistas da fome (José Juvenal Freitas, Carlos Morim, Albertino Ferreira e José Pinto) acusam a existência em Alcoentre de um grupo de guardas, a «Brigada de Choque», de proceder a espancamentos e intimidações aos detidos «a qualquer momento do dia ou da noite», pelo que já existirão várias queixas de presumíveis vítimas no Tribunal do Cartaxo. Os quatro homens afirmam que só irão interromper a greve de fome quando as suas reivindicações forem satisfeitas pela Direcção-Geral dos Serviços Prisionais.

Presumível raptora de bebé

A Polícia Judiciária divulgou o «retrato robot» da presumível raptora de um bebé, do sexo feminino, com apenas meia hora de vida, ocorrido entre as 17 e as 18 horas do passado dia 15, do berçário do Hospital Particular de Lisboa. Os peritos da PJ elaboraram o retrato-«robot» com as feições aproximadas de uma mulher vista, no período do dia referido, no 6.º andar, a observar os recém-nascidos. Presume-se que se trata de uma mulher com idade compreendida entre os 22 e os 27 anos, envergando vestido de grávida com fundo azul-escuro e efeitos brancos, dando a forma de riscas, peitinho incorporado em «piquet» e



manga curta de balão, calculando-se a sua altura entre 1,55 e 1,60 m. Qualquer informação deverá ser dirigida através dos telefones 533131, 535380, ou, pessoalmente, na 4.ª Secção da PJ.

Procurado pelo assassinio do irmão

A Polícia Judiciária procura um indivíduo suspeito de ter assassinado o seu irmão em Macieira, a cerca de dois quilómetros de Pêro Pinheiro. O suspeito, Francisco Fontainhas Gomes, de 48 anos, já cumpriu penas de prisão por dois homicídios, tendo Vital Fontainhas Gomes, de 47 anos, sido encontrado morto à facada na sua residência. O presumível homicida teria agido devido a uma questão de partilhas.

Passador de cheques «carecas»

Um indivíduo, identificado com o apelido de Correia, foi detido no Funchal sob a acusação de ter passado cheques sem provisão, no montante de 14 mil contos. Os cheques tinham respectivamente o valor de 5500, 3669 e 5869 contos. O mesmo indivíduo já fora detido anteriormente ao passar um cheque «careca» de três mil

contos. Refere um comunicado da PJ do Funchal que a passagem de cheques sem provisão constitui crime punível com prisão até dez anos, se o sacador for inculpa neste tipo de delito e se a pessoa lesada ficar em difícil situação económica ou se o valor for elevado, como é o caso.

Gases lançados no Palácio de Cristal

Durante um espectáculo, no Palácio de Cristal, no Porto, em que actuava o cantor José Malhoa, foi lançado sobre a assistência um gás estranho que provocou intoxicação, ainda que sem gravidade, em cerca de duas dezenas de espectadores, incluindo algumas crianças. A Polícia Judiciária, que investiga, suspeita que, na origem do incidente, estejam velhas rivalidades entre empresários portugueses promotores de espectáculos de variedades.

Conferência de alfândegas em Lisboa

Visando combater o tráfico de droga e o contrabando inicia-se esta tarde em Lisboa, a IV Conferência Regional Alfândega-Polícia para os Países Mediterrânicos, sendo a alocução inaugural proferida pelo secretário de Estado do Orçamento, dr. Alípio Dias. Na conferência, patrocinada pelo Conselho de Cooperação

Aduaneira e que se prolongará até ao próximo dia 29, num hotel da capital, estarão presentes representantes das autoridades aduaneiras e da polícia das nações mediterrânicas, da Interpol e do Fundo das Nações Unidas para a Luta contra o Abuso de Drogas.

Guarda do «Mónaco» morto à paulada

Desconhecidos mataram á paulada, na madrugada de sexta-feira, o guarda-nocturno do restaurante «Mónaco», em Caxias. A vítima, figura popular na zona, onde era conhecida pelo alcunha de «Manuel dos Jornais», tinha 48 anos de idade, e deverá ter sido morto por assaltantes (desapareceram algumas garrafas de uísque), a quem poderá ter identificado. A PJ investiga.



Edifício da antiga Fábrica dos Tecidos de Seda, às Amoreiras, agora declarado de «interesse público»

Moinhos de maré são exemplo

Imóveis de interesse público um pouco por todo o país

Para a quase totalidade dos moinhos de maré do concelho do Seixal, o decreto do Governo hoje publicado no «Diário da República», que os classifica como imóveis de interesse público, chega um pouco tarde. À excepção do moinho de Corroios, propriedade da Câmara, os restantes encontram-se há muito parados, em adiantado estado de degradação ou utilizados para outros fins.

A lista de dez moinhos de maré, elaborada pela autarquia, integra um conjunto mais extenso — 52 imóveis em todo o País — de monumentos decretados de interesse público pelo decreto do Governo n.º 29/84, de 25 de Junho.

Desta extensa lista, merecem referência, entre outros, os que se situam no concelho de Lisboa: antigo Convento do Beato António, Bairro Grandela (Benfica), edifício da antiga Escola Industrial do Marquês de Pombal (hoje Escola Secundária de Fonseca Benevides), edifício da antiga Fábrica dos Tecidos de Seda (Amoreiras), edifício do antigo Hotel Vitória (actualmente, sede do PCP) e garagem Auto-Palace (Rua Alexandre Herculano), recentemente objecto de obras de restauro.

A casa de Júlio Dinis, em Ovar, a aldeia de Castelo Mendo (Almeida), o Restaurante Comer-

cial (Porto), o monumento megalítico da Rocha do Casal do Meio (Sesimbra) e o Santuário de Nossa Senhora dos Remédios (Lamego) são outros monumentos decretados de interesse público.

Como monumento nacional, o diploma, apenas contempla a Igreja Matriz de Estômbar, no concelho de Lagoa (Algarve). Em complemento, o decreto inclui seis imóveis considerados, a partir de agora, «valores conceilhios».

No que se refere aos moinhos de maré do concelho do Seixal, o presente diploma constitui o primeiro passo para o reconhecimento do valor patrimonial de unidades de produção moageira que datam do século XIV, e que durante séculos alimentaram a cidade de Lisboa.

A indústria de moagem que se fixou no Seixal tirava partido da capacidade energética das ma-

rés, com a finalidade de produzir farinha que era transportada todos os dias para Lisboa por uma fragata.

O terramoto de 1755 causou-lhes, de um modo geral, danos que foram reparados, pelo menos no que se refere ao moinho Velho dos Paulistas, cerca de 50 anos mais tarde.

Recentemente, a Câmara Municipal do Seixal adquiriu três dos moinhos sobreviventes — de Corroios, Novo dos Paulistas e da Passagem — para os manter como «testemunho da actividade moageira tradicional e aproveitamento como espaço museológico», segundo nos declarou esta manhã o doutor Nabais, director do Museu Municipal do Seixal.

A alta eficácia que durante séculos caracterizou a sua actividade contrasta com a simplicidade tecnológica da sua concepção. Pegando na antiga ideia — ao que parece, árabe — da roda horizontal movida a água, instalaram-se sólidos edifícios com mais de 40 metros de comprimento que obstruem a entrada dos esteiros, deixando apenas uma pequena comporta.

Quando a maré enche, a comporta é levada a abrir, por força

da corrente que se estabelece de fora para dentro. Na maré vazante, a corrente de dentro para fora, força o fecho da comporta, aprisionando uma grande massa de água. Deste modo, gera-se um desnível que vai fazer funcionar os engenhos.

Um estudo elaborado pelo Grupo de Investigação e Divulgação Científica de Almada refere que «estes moinhos são perfeitíssimas obras de engenharia», sendo um mistério o modo como «foi possível assentar os blocos calcários de que são construídos no leito lodoso do esteiro».

Apesar destes êxitos de engenharia, a irregularidade do ritmo produtivo não pode ser solucionada, estando dependente da regularidade das marés. Prova disso, é o facto de apenas serem produtivos durante duas semanas por mês.

Segundo o referido estudo, «duas vezes por dia, durante as quatro horas em que o nível baixo das águas o permitia, eram moldos entre seis e oito sacos de 50 quilos de cereal. A produção do resto do mês descia para dois, três sacos por maré e por engenho, numa perspectiva optimista».

Ao sol, sem água, no bairro das Furnas

«Estamos há dois dias sem água. Passamos o dia a beber água da chuva, mas não é suficiente para beber» — eis um protesto que esta manhã chegou até nós.

Será possível esta situação que vem do bairro das Furnas? Vamos lembrar que em paredes molas de São João, em Lisboa, no ano de 1980, se demora mais de 48 horas a chegar uma gota de água.

O caso começou há duas horas da madrugada de sábado, como nos conta um velho morador, o senhor João Barata. Que a água extravasava de um canal rebitado, estava à vista de todos. E os moradores já tinham como certo que iam ficar umas horas sem abastecimento em casa.

O corte foi feito pelos homens da EPAL. «Nós fomos muito eficientes» — comenta-nos um outro morador. Se que os habitantes do bairro das Furnas que se demora mais tarde estranharão. Porquê? É que feito o corte das «tomeliras» a brigada da companhia desapareceu.

Sábado começou mal, como é lógico. O calor apertava, fazia no bairro das Furnas exactamente o mesmo que em toda a Lisboa: uma das mais quentes da Europa, chegando aos 34 graus e batendo Madrid que não foi além dos 32.

Os telefonemas começaram a chegar na EPAL. Os escritórios estão fechados como é normal, quem atende são os funcionários de piquete. «Digo-lhes que chegaram a ser... não digo mal-educados, mas um tanto bruscos» — conta-nos Avelino Barata.

Os moradores não foram os únicos a sofrer. Há quem esteja a sofrer há dias. Há quem esteja a sofrer há semanas. Há quem esteja a sofrer há meses. Há quem esteja a sofrer há anos.

«Pode não» — dizem os moradores. «Mas a água está parada há 48 horas».

«Como vamos estar a passar o resto da vida?» — pergunta o homem da EPAL.

Conferam os habitantes do bairro das Furnas. Chegaram mesmo a perguntar se havia no bairro de Santa Cruz, com aqueles dutos e engenhos todos, se fosse ali, a demora seria assim?

O piquete acabou por ser do local, nesse começo da madrugada de domingo, sem ter ensaiado, com a abertura da água, onde estava a rotura.

E assim chegaram os moradores do bairro das Furnas a esta manhã de segunda-feira sem terem uma pinga de água.

Não acreditamos, nós, até porque em questões de água mais se justificava ouvir as duas fontes. Um telefonema para a EPAL esclareceu-nos. Começaram por nos dizer que não acreditavam, que era impossível. Uma insistência deu confirmação: «É uma ruptura na via pública. As 12 horas de hoje estará reparada».

Nessa altura estarão a perfazer-se as 60 horas sobre o corte desta «travessia do deserto» por parte de um milhão de habitantes de Lisboa, bairro das Furnas.

de ontem para hoje

Quatro reclusos de Alcoentre estão em greve de fome

B ATENDO-SE contra a «repressão dos guardas» e pela transferência para um estabelecimento prisional de Lisboa, a fim de poderem ser visitados regularmente pelos seus familiares, quatro presos de delito comum da cadeia de Vale de Judeus (Alcoentre), iniciaram há 39 dias uma greve de fome, encontrando-se neste momento internados no Hospital-Prisão de S. João de Deus, em Caxias. Em carta dirigida ao nosso jornal, os quatro grevistas da fome (José Juvenal Freitas, Carlos Morim, Albertino Ferreira e José Pinto) acusam a existência em Alcoentre de um grupo de guardas, a «Brigada de Choque», de proceder a espancamentos e intimidações aos detidos «a qualquer momento do dia ou da noite», pelo que já existiram várias queixas de presumíveis vítimas no Tribunal do Cartaxo. Os quatro homens afirmam que só irão interromper a greve de fome quando as suas reivindicações forem satisfeitas pela Direcção-Geral dos Serviços Prisionais.

Presumível raptora de bebé

A Polícia Judiciária divulgou o «retrato robot» da presumível raptora de um bebé, do sexo feminino, com apenas meia hora de vida, ocorrido entre as 17 e as 18 horas do passado dia 15, do berçário do Hospital Particular de Lisboa. Os peritos da PJ elaboraram o retrato-robot com as feições aproximadas de uma mulher vista, no período do dia referido, no 6.º andar, a observar os recém-nascidos. Presume-se que se trata de uma mulher com idade compreendida entre os 22 e os 27 anos, envergando vestido de grávida com fundo azul-escuro e efeitos brancos, dando a forma de riscas, peitinho incorporado em «piquet» e



manga curta de balão, calculando-se a sua altura entre 1,55 e 1,60 m. Qualquer informação deverá ser dirigida através dos telefones 533131, 535380, ou, pessoalmente, na 4.ª Secção da PJ.

Procurado pelo assassinio do irmão

A Polícia Judiciária procura um indivíduo suspeito de ter assassinado o seu irmão em Macieira, a cerca de dois quilómetros de Pêro Pinheiro. O suspeito, Francisco Fontainhas Gomes, de 48 anos, já cumpriu penas de prisão por dois homicídios, tendo Vital Fontainhas Gomes, de 47 anos, sido encontrado morto à facada na sua residência. O presumível homicida teria agido devido a uma questão de partilhas.

Passador de cheques «carecas»

Um indivíduo, identificado com o apelido de Correia, foi detido no Funchal sob a acusação de ter passado cheques sem provisão, no montante de 14 mil contos. Os cheques tinham respectivamente o valor de 5500, 3669 e 5869 contos. O mesmo indivíduo já fora detido anteriormente ao passar um cheque «careca» de três mil

contos. Refere um comunicado da PJ do Funchal que a passagem de cheques sem provisão constitui crime punível com prisão até dez anos, se o sacador for reincidente neste tipo de delito e se a pessoa lesada ficar em difícil situação económica ou se o valor for elevado, como é o caso.

Gases lançados no Palácio de Cristal

Durante um espectáculo, no Palácio de Cristal, no Porto, em que actuava o cantor José Malhoa, foi lançado sobre a assistência um gás estranho que provocou intoxicação, ainda que sem gravidade, em cerca de duas dezenas de espectadores, incluindo algumas crianças. A Polícia Judiciária, que investiga, suspeita que, na origem do incidente, estejam velhas rivalidades entre empresários portugueses promotores de espectáculos de variedades.

Conferência de alfândegas em Lisboa

Visando combater o tráfico de droga e o contrabando inicia-se esta tarde em Lisboa, a IV Conferência Regional Alfândega-Polícia para os Países Mediterrânicos, sendo a alocação inaugural proferida pelo secretário de Estado do Orçamento, dr. Alípio Dias. Na conferência, patrocinada pelo Conselho de Cooperação

Aduaneira e que se prolongará até ao próximo dia 29, num hotel da capital, estarão presentes representantes das autoridades aduaneiras e da polícia das nações mediterrânicas, da Interpol e do Fundo das Nações Unidas para a Luta contra o Abuso de Drogas.

Guarda do «Mónaco» morto à paulada

Desconhecidos mataram à paulada, na madrugada de sexta-feira, o guarda-nocturno do restaurante «Mónaco», em Caxias. A vítima, figura popular na zona, onde era conhecida pelo alcunha de «Manuel dos Jornais», tinha 48 anos de idade, e deverá ter sido morto por assaltantes (desapareceram algumas garrafas de uísque), a quem poderá ter identificado. A PJ investiga.



Edifício da antiga Fabrica dos Tecidos de Seda, as Amoreiras, agora declarado de «interesse público»

Moinhos de maré são exemplo

Imóveis de interesse público um pouco por todo o país

Para a quase totalidade dos moinhos de maré do concelho do Seixal, o decreto do Governo hoje publicado no «Diário da República», que os classifica como imóveis de interesse público, chega um pouco tarde. A excepção do moinho de Corroios, propriedade da Câmara, os restantes encontram-se há muito parados, em adiantado estado de degradação ou utilizados para outros fins.

A lista de dez moinhos de maré, elaborada pela autarquia, integra um conjunto mais extenso — 52 imóveis em todo o País — de monumentos decretados de interesse público pelo decreto do Governo n.º 29/84, de 25 de Junho.

Desta extensa lista, merecem referência, entre outros, os que se situam no concelho de Lisboa: antigo Convento do Beato António, Bairro Grandela (Benfica), edifício da antiga Escola Industrial do Marquês de Pombal (hoje Escola Secundária de Fonseca Benevides), edifício da antiga Fábrica dos Tecidos de Seda (Amoreiras), edifício do antigo Hotel Vitória (actualmente, sede do PCP) e garagem Auto-Palace (Rua Alexandre Herculano), recentemente objecto de obras de restauro.

A casa de Júlio Dinis, em Ovar, a aldeia de Castelo Mendo (Almeida), o Restaurante Comer-

cial (Porto), o monumento megalítico da Rocha do Casal do Meio (Sesimbra) e o Santuário de Nossa Senhora dos Remédios (Lamego) são outros monumentos decretados de interesse público.

Como monumento nacional, o diploma, apenas contempla a Igreja Matriz de Estômbar, no concelho de Lagoa (Algarve). Em complemento, o decreto inclui seis imóveis considerados, a partir de agora, «valores conceituados».

No que se refere aos moinhos de maré do concelho do Seixal, o presente diploma constitui o primeiro passo para o reconhecimento do valor patrimonial de unidades de produção moageira que datam do século XIV, e que durante séculos alimentaram a cidade de Lisboa.

A indústria de moagem que se fixou no Seixal tirava partido da capacidade energética das ma-

rés, com a finalidade de produzir farinha que era transportada todos os dias para Lisboa por uma fragata.

O terramoto de 1755 causou-lhes, de um modo geral, danos que foram reparados, pelo menos no que se refere ao moinho Velho dos Paulistas, cerca de 50 anos mais tarde.

Recentemente, a Câmara Municipal do Seixal adquiriu três dos moinhos sobreviventes — de Corroios, Novo dos Paulistas e da Passagem — para os manter como «testemunho da actividade moageira tradicional e aproveitamento como espaço museológico», segundo nos declarou esta manhã o doutor Nabais, director do Museu Municipal do Seixal.

A alta eficácia que durante séculos caracterizou a sua actividade contrasta com a simplicidade tecnológica da sua concepção. Pegando na antiga ideia — ao que parece, árabe — da roda horizontal movida a água, instalaram-se sólidos edifícios com mais de 40 metros de comprimento que obstruem a entrada dos esteiros, deixando apenas uma pequena comporta.

Quando a maré enche, a comporta é levada a abrir, por força

da corrente que se estabelece de fora para dentro. Na maré vazante, a corrente de dentro para fora, força o fecho da comporta, aprisionando uma grande massa de água. Deste modo, gera-se um desnível que vai fazer funcionar os engenhos.

Um estudo elaborado pelo Grupo de Investigação e Divulgação Científica de Almada refere que «estes moinhos são perfeitíssimas obras de engenharia», sendo um mistério o modo como «foi possível assentar os blocos calcários de que são construídos no leito lodoso do esteiro».

Apesar destes êxitos de engenharia, a irregularidade do ritmo produtivo não pode ser solucionada, estando dependente da irregularidade das marés. Prova disso, é o facto de apenas serem produtivos durante duas semanas por mês.

Segundo o referido estudo, «duas vezes por dia, durante as quatro horas em que o nível baixo das águas o permitia, eram moídos entre seis e oito sacos de 50 quilos de cereal. A produção do resto do mês descia para dois, três sacos por maré e por engenho, numa perspectiva optimista».

Ao sol, sem água, no bairro das Furnas

«Estamos há dois dias sem água. Passámos o fim-de-semana com a vida completamente estragada, não tínhamos sequer água para beber» — eis um protesto que esta manhã chegou até nós.

Será possível esta denúncia que vem do bairro das Furnas? Vamos acreditar que ali, paredes meias com Sete Rios, em Lisboa, no ano de 1984, se demora mais de 48 horas a reparar uma rotura numa conduta?

O caso começou às duas horas da madrugada de sábado, como nos conta um velho morador, o sexagenário Avelino Branco Barata. Que a água extravasava de um cano rebentado, estava à vista de todos. E os moradores já tinham como certo que iriam ficar umas horas sem abastecimento em casa.

O corte foi feito pelos homens da EPAL. «Nisso foram muito eficientes» — comenta-nos um outro morador. Só que os habitantes do bairro das Furnas que se deitam mais tarde estranharam. Porquê? É que feito o corte das «torneiras» a brigada da companhia desapareceu.

Sábado começou mal, como é lógico. O calor apertava, fazia no bairro das Furnas exactamente o mesmo que em toda a Lisboa: uma das mais quentes da Europa, chegando aos 34 graus e batendo Madrid que não foi além dos 32.

Os telefonemas começaram a chover na EPAL. Os escritórios estão fechados como é normal, quem atende são os funcionários de piquete. «Digo-lhe que chegaram a ser... não digo mal-educados, mas um tanto bruscos» — conta-nos Avelino Barata.

As respostas eram invariavelmente as mesmas. Que ia ser tratado, que ia ser reparado. Quase 24 horas sobre o fecho da água, uma outra brigada ali se apresentou.

«Não há ruptura nenhuma» — constatarem.

«Pois não» — alguém respondeu. «Se a água está cortada há 24 horas».

«Então vamos abrir para ver onde delta fora» — respondeu o homem da EPAL.

Confiaram os habitantes do bairro das Furnas. Chegaram mesmo a perguntar: se fosse no bairro de Santa Cruz, com aqueles doutores e engenheiros todos, se fosse aí, a demora seria assim?

O piquete acabou por sair do local, nesse começo da madrugada de domingo, sem ter ensaiado, com a abertura da água, onde estava a rotura.

E assim chegaram os moradores do bairro das Furnas a esta manhã de segunda-feira sem terem uma pinga de água.

Não acreditamos, nós, até porque em questões de água mais se justificava ouvir as duas fontes. Um telefonema para a EPAL esclareceu-nos. Começaram por nos dizer que não acreditavam, que era impossível. Uma insistência deu confirmação: «É uma ruptura na via pública. As 12 horas de hoje estará reparada».

Nessa altura estarão a perfazer-se as 60 horas sobre o começo desta «travessia do deserto» por parte de um milhar de habitantes de Lisboa, bairro das Furnas.

Livres de perigo os 34 feridos

Há comboios em pleno de e para o Algarve

A linha entre Loulé e Faro, que tinha sido afectada por um acidente ferroviário ocorrido na manhã de sábado, ficou a funcionar normalmente ainda na manhã de ontem, um pouco depois das 9 horas. O número total de feridos do acidente foi, entretanto, estabelecido em 34, todos eles assistidos no Hospital Distrital de Faro.

Os sinistrados estão livres de perigo, tendo sido transferido para Lisboa um com fratura de crânio, enquanto outros dois foram operados em Faro.

O comboio que seguia de Vila Real para Lisboa, o rápido 9012, saiu da estação de Faro às 9 e 55, para se cruzar em Loulé com o comboio que vinha de Lagos.

Razões ainda desconhecidas levaram o maquinista do rápido a apitar constantemente indicando a existência de alguma anormalidade na máquina que puxava as seis carruagens.

A opinião das testemunhas oculares da passagem do comboio dizem que a composição passou na estação de Loulé, onde deveria ter parado, absolutamente desgovernada, dando-se o embate a cerca de 300/500 metros.

O maquinista da composição proveniente de Lagos, em declarações à ANOP, disse que viu o comboio rápido não parar na estação e imediatamente travou o

seu, imobilizou a composição e saltou, gritando para que os passageiros, cerca de 40, fizessem o mesmo.

Assistiu de fora, ao choque com o outro comboio, que, segundo calcula, embateu a uma velocidade de cerca de entre 60 a 80 quilómetros.

Abílio da Conceição Rodrigues, maquinista há 10 anos, frisou estar convicto que o sistema de travões do rápido não funcionou.

Entre os feridos contam-se diversos estrangeiros, que se dirigiam para a fronteira com a Espanha.

O facto de não se terem registado mortos terá ficado a dever-se à imobilização do comboio transvia (Lagos-Vila real) e à rápida intervenção das equipas de socorros.

O banco de urgência do Hospital de Faro, 20 minutos após o acidente, tinha mobilizado quase todo o corpo clínico de médicos e paramédicos.

O chefe da estação de Loulé não quis adiantar pormenores sobre as causas do acidente, remetendo os jornalistas para o inquérito que a CP mandou instaurar, confirmando apenas que o comboio não parou quando deveria aguardar a chegada da transvia, que trazia um ou dois minutos de atraso.



O fenómeno das cíclicas cheias no Ribatejo só é ultrapassável com um conjunto de medidas que tardam

Um vale que produz muito... e muito fica por produzir

Tejo: de barragem em barragem até ao aproveitamento final

SANTARÉM, 25 — A gestão dos recursos hídricos, a construção de uma barragem e de novos diques, a recuperação de outros, bem como a consolidação das margens e a reconversão agrícola, foram alguns dos aspectos debatidos no seminário ontem promovido por iniciativa das revistas «EC-Economia» e «Poder Local» reunindo cerca de centena e meia de interessados.

A questão nuclear deste encontro foi a das cheias do vale do Tejo, como de resto se percebe pelos aspectos acima referidos. A necessidade de regular o seu caudal com a construção de barragens e diques para impedir o espraçamento incontável e «desgovernado» das águas, assumiu particular relevância e constituiu a tônica do seminário, para além de poder ser considerada como a principal conclusão de fundo desta iniciativa.

O desenvolvimento da região, como também ficou patente através das inúmeras intervenções que assinalaram a participação das várias organizações presentes, passa pela construção de uma barragem entre a Foz do Zêzere e o Castelo de Almourol e de vários diques ao longo das margens do Tejo, nas zonas regularmente inundadas desde os campos da Golegã à Lezíria Grande. É esse o problema básico que, aliás, existe há uns bons trinta anos, quando se pôs a hipótese de barragens e diques para conter as inundações dos campos do vale do Tejo.

Entre 1951 e 1971 ocorreram meia centena de cheias do Tejo, todas elas sem vítimas mortais,

embora causando prejuízos. A de Fevereiro de 1979 foi extremamente dramática, deixando centenas de pessoas em condições económicas difíceis. Houve povoações submersas, sendo os prejuízos de centenas de milhares de contos. Foi então que se pôs, decisivamente, o problema da construção de novos diques, além da reparação dos destruídos. No entanto, mais de quatro anos depois, a reparação do último decorreu em Março do ano passado e apenas um novo foi construído.

«Celeiro da Nação»

A construção de barragens e diques, como foi acentuado durante o seminário, teria (e tem) um objectivo mais vasto: o de alargar as áreas de cultivo, incluindo de regadio, e não apenas o de limitar e impedir novas cheias. Permitiria, ainda, introduzir novas culturas, modernizar os métodos de exploração agrícola, melhorar a rede viária da zona e nela instalar indústrias subsidiárias da agricultura.

A importância do Tejo é grande e variada, como aliás a sua riqueza. Esta transparece e decorre da sua bacia de 25 mil metros quadrados e das potencialidades dos campos que desfilam ao longo das suas margens situam-se os mais úberes entre Alfarralde e o seu estuário. É aí que o Ribatejo se configura como o chamado «celeiro da nação», com as características bem demarcadas: além do rio, o seu relevo é pouco acentuado, na generalidade inferior a 200 metros.

Na margem Norte do rio fica uma faixa muito cultivada, densa e disseminadamente povoada em que os olivais, as vinhas e as figueiras dominam, a par da policultura dos cereais e árvores de fruto; na zona Sul, com povoamento escasso e concentrado, raros acidentes orográficos e característicos próximos do Alentejo, perfilam-se os arrozais, o montado de sobreiro, os campos arborizados, enquanto a lezíria, plana e periodicamente inundada, acompanha o Tejo.

Setecentos convites 150 participantes

Os problemas da região ribatejana não se limitam, porém, à não existência das obras atrás referidas. Há também dificuldades para a agricultura, decorrentes da tentativa de eucaliptização de vários pontos no Ribatejo, de que o «DL» de resto, já se fez eco: querem cercar Santarém e «encurralar» outras terras dos concelhos de Abrantes, Chamusca e Tomar.

Todos eles foram discutidos neste seminário para o qual foram feitos cerca de setecentos convites, mas no qual participaram, apenas, centena e meia de entidades, e nem todas, até à elaboração final das conclusões.

Entre outras reivindicações este encontro assumiu as de defender, ainda, a construção de estações de água residual, a racionalização da exploração agrícola e florestal, o controlo da sanidade das águas e a elaboração e implementação de planos de ordenamento territorial.

Excesso de velocidade na origem do despiste

Seis portugueses mortos e oito feridos no acidente com autocarro em Saragoça

Seis portugueses mortos e oito feridos, três dos quais em estado grave, é o balanço final do acidente ocorrido, na madrugada de sexta-feira, com um autocarro «Expresso» em Monpeal de Ariza, próximo de Saragoça. Júlio Baptista, um dos feridos, internado no hospital de Calatayud, disse à NP que os seus companheiros de viagem são unânimes em afirmar que o excesso de velocidade foi a causa que levou o autocarro a virar-se quando descia uma curva muito acentuada.

Júlio Baptista, de 59 anos, natural de S. Pedro da Cadeira, Torres Vedras, que regressava a Portugal, depois de ter consultado um oftalmologista espanhol, referiu que era um dos muitos passageiros que vinha a

dormir e que, ao dar por si, já estava a ser retirado do veículo, propriedade da Agência Júlia, empresa que trabalha em colaboração com a Rodoviária Nacional.

A identidade dos mortos é a seguinte: Maria das Dores Vitoriano Soares Caridade, Abel António Barbosa Caridade — pais de um garoto de cinco anos, Pedro Alexandre Soares Caridade, internado no Hospital de Saragoça — Maria Venturoiro Madalena de Sá, Joaquim Pereira Queimado, Isabel Maria Madalena de Sá, de onze anos e Gabriel Aristides. Quanto aos feridos graves são Odete Moura, Amélia Maria Fidalgo dos Santos e Maria do Carmo Pato Pereira Queimado, mulher de uma das vítimas mortais do acidente.

Protesto no Funchal: autocarros pararam

Os autocarros da Transfunchal estiveram parados, no sábado, de tarde, durante uma hora, no decurso do funeral do motorista falecido no acidente do Funchal.

A paralisação «como forma de protesto pelas más condições de trabalho» foi decretada, com pré-aviso, pelo Sindicato dos Trabalhadores de Transportes

Rodoviários da Região Autónoma da Madeira.

Centenas de pessoas, entre as quais entidades oficiais, incorporaram-se nos funerais de quatro das vítimas do desastre da Rua Pedro José de Ornelas, que se realizaram na tarde de sábado para os cemitérios municipais do Monte e de Nossa Senhora das Angústias, em S. Martinho.

ARTIGO DE FUNDO

Mário
Castro



N o bairro não se sabe onde começam e acabam o remendo e a estrutura. É uma colagem. Predomina o cinzento do cartão prensado e da madeira carunchosa.

Os gatos entram e saem pelas frinchas das tábuas. Desta forma se recatam dos cães das outras áreas. Vale-lhes serem magros. Há três tanques de cimento sob um tecto de zinco e lona. Aí se lava a roupa da comunidade. Certo, um canteiro onde vegetam couves tão escanzeladas como os talecos. Cerca de uma palçada de pequenos troncos bem ordenados. Uma oliveira, duas figueiras: gente de fibra! A latada de uvas mirradinhas deixou crescer a folhagem. Embelezas e dá sombra.

Por cima de uma porta (que é só metade de uma porta) o número 50, em grandes algarismos. A importância de ter bilhete de identidade!

Ao lado dos tanques, a poltrona sem um pé e assim mesmo imponente, velha senhora caída na desgraça.

No bairro de lata os cães juntam-se em «gangs» organizados não sei à sombra de que afinidades electivas.

Guerreiam-se com frequência, atordoam o cântico de vozes e escaramuças. A angústia propaga-se. Respondem-lhe das encostas de Santa Clara outros cães alheios ao negócio.

Agora estão na hora da sossega. Depois de uma noite à chuva, veio o Sol de rachar. Podemos, nas calmas, atravessar o bairro pelo baldio que interpõe uma terra de ninguém com o asfalto. Os bichos não se importam, ao contrário das outras vezes, com a agressividade do nosso «after shave». Recordo com alguma inquietação o ataque da matilha, um dia destes...

Vagueiam por ali no mormaço da hora. Dispendem, aproximam-se das duas cadelas, a Concha e a Mimosa, cheiram, vão-se embora, brincam uns com os outros, debaixo da figueira.

As duas cadelas. A Concha, por ter aquele aspecto vaidoso, sobranceiro, a Mimosa, por ser frágil, chovazinha de café com leite. Fora do cio, não prestam. Aproximam-se dos cães, eles cheiram, afastam-se. Ora guerreiam por causa delas até à raiva do sangue mordido, ora as desconhecem. Elas estão para ali, sentam-se filosoficamente sobre as patas traseiras. Elas ficam a vê-los brincar, a galipar, sem maldade. Elas semicerram os olhos. Elas, sem razão.

A minha permanência ali começa a tornar-se suspeita. Os cães, embora lentos, saem da horta, fitam-me como se se interrogassem sobre as minhas intenções. Desconfiam dos homens bem vestidos. Lá terão as suas queixas.

E eu queria apenas tentar perceber como seria a vida de dois alunos meus que moram ali e são repetentes há três anos...

Médicos

O Ar Condicionado é indispensável à sua vida profissional e ao seu conforto pessoal. Instalamos ar condicionado no seu escritório ou em sua casa com qualidade e rapidez. Fornecemos orçamentos sem encargos. Pagamento após instalação e com desconto de 10% para pagamentos a prazo.



Somos

Tepclima

R. Arco do Carvalho, 235-C 1300 LISBOA

Consulte-nos pelos telefones: 655502 • 654105 • 656728 • 658385 • 658401



HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO



ESPECIAL FÉRIAS/84

APESAR DE TUDO NÃO DEIXE DE FAZER FÉRIAS ESTE ANO. VOCÊ PRECISA MESMO DE UMAS FÉRIAS TRANQUILAS. 7 DIAS: 7700\$00 P.P., EM QUANTO DUPLA NO MÊS DE JUNHO OU 9100\$00, EM JULHO/SETEMBRO. É A POSSIBILIDADE QUE O HOTEL DO PARQUE LHE OFEREÇA NO SOSSEGADO AMBIENTE DAS SUAS 4 ESTRELAS, 2 PISCINAS CLIMATIZADAS NO VERDE NATURAL DO ALTO MINHO, ALÉM DE AGRAVÁVEIS SURPRESAS.

(SUPLEMENTO PARA O MÊS DE AGOSTO 2800\$00) PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO «ESPECIAL FÉRIAS/84», POR ESCRITO C.P. 4900 - ATRAVÉS DOS TELERS. 24151/5, TELEX 32511 OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS. — AGUARDAMOS A SUA RÁPIDA CONSULTA QUE DESDE JÁ AGRADECEREMOS —

Auto-férias

VIAJE NO SEU AUTOMÓVEL CONFIANDO-NOS A RESERVA DO SEU ALOJAMENTO

Algarve * Benidorm

Costa del Sol

Tânger * Agadir

8 OU 15 DIAS APARTAMENTOS HOTÉIS VIVENDAS

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1980

abreu

Alameda 35 - OPERADOR TURÍSTICO



PEÇA-NOS PROGRAMAS DETALHADOS

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341 LISBOA - Avenida de Roma, 66 - B Tel. 803809 LISBOA - Estrada de Benfica, 451 - C Tel. 742181 PORTO - BRAGA - GUIMARÃES - COIMBRA - CASCAIS - ALMADA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL

Fonte anónima revela

Crocker e Botha mantêm encontros com Savimbi

Jonas Savimbi, presidente da UNITA, manteve recentemente encontros com o subsecretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker, e com o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Roelof Botha, apurou sábado a NP de fonte africana.

A fonte, que falou na condição de não ser identificada, disse que os encontros, separados, ocorreram em alturas diferentes mas ambos na África do Sul.

Na sua primeira saída de Angola em vários anos, Savimbi encontrou-se com Roelof Botha no princípio de Maio debater a situação na África Austral, disse a fonte.

Teria sido depois de este encontro que, segundo a fonte, o governo sul-africano abandonou a hipótese de um acordo com o governo angolano semelhante ao assinado com Moçambique em Incomati em Março passado.

A reunião com Crocker terá tido lugar, segundo a fonte, durante o mais recente período político norte-americano na África Austral.

Crocker chegou à África do Sul em 24 de Maio, tendo-se encontrado com Roelof Botha. Depois de três dias em Lusaca, onde se reuniu com o presidente zambiano, Kenneth Kaunda, o subsecretário de Estado. Regressou não oficialmente à África do Sul em 29 de Maio, no mesmo dia em que o primeiro-ministro Pieter Botha e o seu ministro dos Negócios Estrangeiros partiam para Lisboa.

Fontes diplomáticas disseram então que Crocker era esperado no mesmo dia em Washington, mas fontes da embaixada norte-americana na África do Sul recusaram-se a comentar os seus movimentos ou a confirmar o seu regresso a Joanesburgo. Já anteriormente funcionários norte-americanos se haviam recusado a fornecer pormenores do itinerário de Crocker.

O encontro de Crocker com Savimbi enquadrar-se-ia na política de «empenhamento construtivo» seguida pelo governo norte-americano na África Austral. Não foi possível confirmar o encontro junto de fontes independentes.

Recorde-se que Crocker afirmou mais que uma vez que os Estados Unidos se encontram numa posição privilegiada por estarem em contacto com «todas as partes» em confronto na região.

Interrogado, numa entrevista

transmitida em 16 de Maio pelo programa Worldnet, do Departamento de Informação dos Estados Unidos (USIA), sobre os contactos do governo norte-americano com a UNITA, Crocker não os negou e disse que considerava a UNITA como «um movimento nacionalista de Angola consistente e obviamente importante».

MPLA acusa Pretória

O Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho acusou a África do Sul de incumprimento dos acordos de Lusaka.

Em comunicado, o Comité Central do MPLA, que se encontrava reunido desde quarta-feira, manifesta apreensão por essa situação e «pelo aumento do apoio da Administração Reagan à África do Sul no sentido de sabotar a aplicação da resolução 435/78 do Conselho de Segurança da ONU, sobre a independência da Namíbia».

O comunicado refere que o órgão máximo do MPLA se debruçou atentamente sobre a situação político-militar do país, caracterizada por actos criminosos dos bandos contra-revolucionários que, desesperados com as pesadas derrotas infligidas pelas Forças de Defesa e Segurança, multiplicam os atentados bombistas contra populações civis, os raptos de cidadãos estrangeiros e a destruição de infra-estruturas económicas e sociais.

«Cada vez mais o tipo de guerra que nos é imposta denuncia poderosos envolvimentos políticos, militares, financeiros e logísticos do imperialismo», acrescenta o texto distribuído no final da reunião do Comité Central.

O Comité Central do MPLA — prossegue o comunicado — considerou que devido a essa guerra bider como à conjuntura interna e externa, «a situação social do país continuou a deteriorar-se tendo durante este período, havido situações extremamente graves especialmente no domínio do abastecimento à população em bens essenciais e quanto à assistência médica e medicamentosa».

O documento refere que o Comité Central do MPLA se debruçou: especialmente sobre as situações vividas em Luanda, no Lobito e nas províncias do Centro, Sul e Leste, tendo recomendado a apresentação de propostas urgentes por parte dos organismos competentes.



Aspecto da manifestação de ontem (Telefoto UPI/NP/DL)

Contra a lei Savary

Um milhão de manifestantes desfilou ontem em Paris

Centenas de milhares de manifestantes ruidosos que se opõem a um diploma governamental (Lei Savary) alargando o controlo do Estado sobre as escolas privadas invadiram ontem as ruas de Paris numa das maiores manifestações realizadas na capital francesa.

Dirigentes da Associação de Ensino Católico, que lidera o combate à legislação governamental, afirmaram que participaram nos quatro desfiles, que convergiram na Praça da Bastilha, cerca de dois milhões de pessoas.

O ministro do Interior, citando uma estimativa realizada com recurso observação por helicóptero, apontou o número de 850 mil manifestantes.

O desfile durou mais de 12 horas, com cerca de 8 mil polícias nas proximidades, e com alguns incidentes registados, nomeadamente com jovens manifestantes nos Campos Elíseos.

Um porta-voz policial disse que 20 manifestantes foram detidos na sequência do arremesso de uma bomba de fumo.

Mais tarde, pequenos grupos de jovens mascarados reagruparam-se no Bairro Latino, quando a noite já caíra, tendo lançado pedras de calçada contra a Polícia de choque, bloqueando o tráfego com uma barricada em chamas e partido os vidros de uma veículo policial.

Os agentes policiais lançaram então gases lacrimogéneos, tendo sido posteriormente detidos cinco manifestantes. Dois poli-

cias ficaram feridos nos incidentes, de acordo com as autoridades.

Mitterrand regressa

O presidente francês, François Mitterrand, regressou no sábado a Paris da sua primeira visita oficial à URSS, sem qualquer novidade sobre eventuais alterações do posicionamento do Kremlin face à Aliança Atlântica.

O número um soviético, Konstantin Tchernienko, declarou a Mitterrand que «o estilo da actual Administração norte-americana não é a forma indicada para dialogar com a União Soviética».

A retirada dos novos mísseis nucleares de médio alcance da NATO colocados na Europa Ocidental continua a ser a única e inamovível condição colocada pela URSS para o recomeço das negociações de Genebra interrompidas em Novembro último.

A visita de Mitterrand a Moscovo havia suscitado especial interesse em alguns círculos dos Estados Unidos, que consideravam provável que o presidente francês detectasse alguma eventual modificação na posição de firmeza dos soviéticos face à actual situação de tensão sem precedentes entre as duas grandes potências.

Mitterrand abordou aparentemente todos os temas relativos ao desarmamento e às relações entre os dois blocos a partir de uma posição ainda menos comprometida em relação à NATO do que pretendiam os norte-americanos.

Acordo entra em

As autoridades libanesas em execução a primeira fase de segurança, transferindo a liderança para um outro comando cial de Beirute referiu que o deverá entregar o comando de 37 mil homens, ao general M

A rádio de Beirute indicou que Aoun convocará uma reunião 24 horas após a transferência de comando para debater vias políticas de implementação do plano de segurança.

O plano, designado Acordo de Bikfaya por ter sido na aldeia montanhosa com o mesmo nome que foi formulado a semana passada, prevê a criação de um novo Conselho de Defesa e de um Directório de Segurança Nacional, com muçulmanos nos principais postos.

O acordo de Bikfaya, mediado pela Síria, pretende reunificar o exército e garantir a maioria muçulmana do Líbano igualdade num Governo que tem sido dominado por cristãos, desde que o país se tornou independente da França em 1943.

Quando formou o seu governo, em 30 de Abril último, Karami prometeu manter a identidade árabe do Líbano, reunificar o exército e libertar o Sul do país da ocupação israelita.

Enquanto isto Israel cortou as ligações por mar entre o Sul do Líbano ocupado, e o resto do país, disse um alto funcionário israelita em Sidon.

A fonte, que não deu qual-

“Pravda”

A União Soviética reagiu sabado à libertação em Itália do búlgaro Ivan Antonov, detido durante as investigações do atentado contra o Papa, considerando que a sua prisão foi «uma das mais formidáveis operações de provocação realizadas pela CIA».

No editorial de sábado do jornal «Pravda», órgão do Partido Comunista da URSS e sob o título «os Fariseus de Washington» escreve-se que «a agência norte-americana de espionagem pôs os sentimentos religiosos dos povos ao serviço dos seus objectivos subversivos e imperialistas, que nada têm de sagrados».

«A CIA — acrescenta o «Pravda» — procura avolumar entre os católicos sentimentos de inimizade em relação aos países socialistas e deste modo impedir o diálogo entre comunistas e cristãos no seio dos movimentos anti-imperialistas».

«A retórica religiosa — prossegue o jornal — é utilizada, quando necessário, na ajuda aos planos agressivos e hegemónicos do imperialismo norte-americano que pela boca de Ronald Reagan já apelidou a União Soviética de «Império do Diabo».

A CIA, segundo o editorial, «procura tirar partido dos fanáticos (esta uma aparente alusão a Ali Agca, o homem que disparou contra João Paulo II) e dos con-

Conversações Nicarágua-EUA

A Nicarágua e os Estados Unidos iniciam hoje negociações no México, destinadas a resolver as suas diferenças informou um alto funcionário nicaraguense em Manágua.

O funcionário, um dos nove membros do Directório da Frente Sandinista, disse que um representante do Governo mexicano irá mediar as conversações que deverão ter lugar na cidade e Manzanillo, na costa do Pacífico.

O funcionário, que pediu o anonimato, acrescentou que a delegação nicaraguense será chefiada pelo vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Victor Hugo Tinoco, enquanto que a

parte norte-americana será representada pelo enviado especial à América Central Harry Shlaudeman.

Jesse Jackson e El Salvador

O candidato à investidura democrata nas eleições presidenciais norte-americanas, Jesse Jackson, manteve conversações no Panamá com guerrilheiros de esquerda de El Salvador.

Jackson, que se encontra no Panamá na primeira escala de uma digressão de seis dias que o levará a El Salvador, Cuba e Nicarágua, disse sábado que Washington e Havana deverão estabelecer de imediato relações diplomáticas e trabalhar para o objectivo da desmilitari-

zação da América Central.

Por outro lado, um alto funcionário norte-americano afirmou hoje haver «muitas informações» ligando o líder de direita salvadorinho Roberto D'Aubuisson a uma alegada conspiração para assassinar o embaixador dos Estados Unidos, Thomas Pickering.

A acusação foi no entanto classificada de «fabricação» pelo senador republicano Jesse Helms, que atribuiu a notícias erradas divulgadas pela imprensa.

Não obstante, a Administração do presidente Ronald Reagan considerou as provas suficientemente convincentes para enviar o embaixador itinerante Vernon Walters a El Salvador no mês passado para se encontrar com D'Aubuisson.



Enquanto no México se iniciam conversações EUA-Nicarágua, o líder sandinista Daniel Ortega prossegue a sua digressão por países socialistas europeus. Na telefoto UPI/NP/DL. Ortega saúda o general Jaruzelski em Varsóvia

**MOBÍLIAS
USADAS
COMPRO — VENDÔ
TROCO**

ARMAZENS MÓVEIS JORGE
AV. ALMIRANTE REIS, 35
Telef. 83 21 61
(Defronte Igreja dos Anjos)



CICLO PREPARATÓRIO — PARALELISMO PEDAGÓGICO

EXT. SENECA e Sebastião da Gama, Av. Almirante Reis, 106-1.º — Tel. 82 27 76 e 82 35 31

UM ENSINO RESPONSÁVEL • UM ENSINO RESPONSÁVEL • UM ENSINO RESPONSÁVEL

AÇORES

7 DIAS EM SÃO MIGUEL

PARTIDAS TODOS OS SÁBADOS

CIRCUITO AÇOREANO

8
DIAS

Visitando: S. MIGUEL, TERCEIRA e FAIAL (Pico)

PARTIDAS TODOS OS SÁBADOS

AÇORES E MADEIRA

Visitando: S. MIGUEL e MADEIRA. PARTIDAS TODAS AS SEGUNDAS FEIRAS

INFORMAÇÕES e INSCRIÇÕES

DESDE 1940

PEÇA-NOS PROGRAMAS DETALHADOS

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160	Tel. 371341
LISBOA - Avenida de Roma, 86 - B	Tel. 803600
LISBOA - Estrada de Benfica, 451 - C	Tel. 742181
PORTO • BRAGA • GUIMARÃES • COIMBRA • CASCAIS	
ALMADA • FARO • PORTIMÃO • FUNCHAL	

o interno do Líbano em fase de execução

s tencionam pôr hoje de um novo pacto de França do exército nifter cristão. A rádio oficial Ibrahim Tannous o exército, que integra Michel Aoun, no âmbito

de um plano aprovado no sábado pelo governo com o objectivo de pôr fim a mais de nove anos de guerra civil. O primeiro-ministro Rashid Karami e o seu governo de unidade nacional, composto por líderes cristãos e muçulmanos, aceitaram o pacto e nomearam Michel Aoun novo comandante do exército, após 63 dias de um debate aceso.

quer explicação para a medida agora tomada disse que as embaixadas não seriam mais autorizadas a operar entre Sidon e Beirute no Norte

Disse que quem quisesse agora entrar ou sair do Sul do Líbano teria de viajar pelas montanhas ou navegar para e de Jiyeh, no território ao Norte de Sidon, controlado pela milícia cristã pró-israelita. Ambas as rotas são consideradas perigosas.

Fontes israelitas adiantam que estão a isolar o Sul em ordem a forçar o governo libanês a negociar directamente acordos de segurança que mantenham a região livre das guerrilhas palestinas na eventualidade da retirada das tropas israelitas

Fontes libanesas anunciaram que os israelitas efectuaram hoje mais prisões no Sul do Líbano, detendo 15 pessoas durante rusgas efectuadas pela manhã na área Tamer, perto de Sidon

Cerca de 50 pessoas foram presas nessa área nos últimos dias, disseram as fontes.

Rapto e morte

A Polícia anunciou que um diplomata austriaco foi alveja-

do e morto numa rua de Beirute.

A Polícia disse também que um diplomata líbio, recentemente nomeado, foi raptado do seu hotel em Beirute Ocidental zona predominantemente muçulmana.

A Polícia revelou que atiradores fizeram parar o carro do cônsul austriaco na vizinhança de Manara, Beirute Ocidental, dispararam contra a cabeça e peito do diplomata, tiraram a sua mulher do carro e fugiram com o veículo a grande velocidade.

No hospital da universidade norte-americana para onde o corpo do diplomata foi transportado, identificaram-no como sendo Gerhard Loi Tzenbuer

O diplomata líbio, Mohamed Moughraby e os seus dois guarda-costas foram raptados por 10 atiradores perto do hotel Bristol disseram as fontes de segurança. Nem Moughraby nem os guarda-costas resistiram, acrescentou. Um grupo palestino desconhecido reivindicou o rapto do diplomata líbio.

OLP: conversações e luta

Delegações das cinco facções

rivais da Organização de Libertação da Palestina iniciaram em Aden novas conversações destinadas a terminar com a divisão no seio da OLP.

Os delegados têm mantido consultas com os seus líderes respectivos desde que os cinco dias de conversações realizadas em Aden no princípio deste mês se revelaram inconclusivas, sublinharam as fontes

As conversações decorrem sob o signo da mediação desempenhada pela Argélia e lemen do Sul.

O vice-chefe da FDLP Yasser Abed Rabu, disse em Damasco este mês que se registará brevemente «uma declaração histórica» pondo termo à divisão da OLP

Enquanto isto, as autoridades libanesas de Tripoli informaram que este fim-de-semana se registaram naquela cidade combates entre facções palestinas de que resultaram sete mortos e onze feridos.

Os combates envolveram partidários do líder guerrilheiro Abu Musa contra os do dirigente Abu Saleh no campo de refugiados de Bedawwi nos arredores de Tripoli 67 quilómetros a norte de Beirute

Abu Mussa foi o líder da rebel-

ião que afastou do Líbano, em Dezembro último o presidente da Organização de Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat e os guerrilheiros que lhe eram leais. Abu Saleh era o chefe político dos rebeldes.

Agora são os partidários de Abu Mussa e Abu Saleh que combatem uns contra os outros, desde sábado passado, numa luta pela supremacia

Uma tregua mediada pela Frente Para a Libertação da Palestina - Comando Geral (FPLP-CG) uma das facções dissidentes da OLP, não foi respeitada.

Cairo-Moscovo

O governo egípcio nomeou o diplomata Salah Bassouiny para ocupar o cargo de embaixador na União Soviética, que se encontrava vago desde 1978 - anunciaram fontes do ministério dos Negócios Estrangeiros.

As relações diplomáticas entre o Egipto e a União Soviética começaram a deteriorar-se em 1972 quando o ex-presidente Sadat decidiu expulsar do país cerca de 17 mil assessores militares soviéticos.

Seis anos depois, na sequência da oposição soviética à assinatura dos acordos de paz entre o Egipto e Israel, Sadat decidiu retirar o seu embaixador em Moscovo

Em 1981, Sadat ordenou a expulsão do embaixador soviético no Cairo, Vladimir Polyakov

Após o assassinio de Sadat, em 1981, e a sua substituição por Hosni Mubarak, em círculos diplomáticos começou a constatar que se assistia a uma melhoria no estado das relações diplomáticas com a União Soviética

Uma visita ao Cairo do ex-embaixador soviético Polyakov, em Abril foi encarada como um sinal de que estava iminente a troca de embaixadores entre os dois países

Novo secretário-geral da NATO

Lord Carrington tomou posse

O antigo ministro britânico dos Negócios Estrangeiros e da Defesa, lord Carrington, tomou hoje posse do cargo de secretário-geral da NATO, sucedendo ao holandês Joseph Luns que desempenhou aquelas funções durante 13 anos

Lord Carrington disse na ocasião que a organização está em boa forma. Interrogado acerca das tensões no seio da Aliança Atlântica, respondeu: Penso que a temperatura é normal como disse uma vez Winston Churchill.

Um crente firme no diálogo Leste-Oeste, lord Carrington herdará uma série de problemas inerentes ao principal cargo executivo da Aliança.

Entre eles os apelos para que a NATO reforce as suas forças convencionais, as dificuldades financeiras e a pressão dos Estados Unidos sobre a Europa para que aumente as suas despesas com a defesa

Carrington, um aristocrata de 65 anos, está céptico quanto à busca de soluções para os problemas da defesa ocidental, com base em novas estratégias ou novas tecnologias, sendo ainda um crente na dissuasão nuclear

Funcionários da NATO esperam que o novo secretário-geral da Organização tenha uma posição incisiva quanto às questões de Defesa e os assuntos mais vastos da Aliança.

Manifestação antimísseis em Tóquio

Milhares de japoneses manifestaram-se ontem em Tóquio contra os planos dos Estados Unidos para equipar a sua frota do Pacífico com mísseis de cruzeiro Tomahawk, susceptíveis de carregarem ogivas nucleares

A polícia afirmou que cerca de 11 mil pessoas participaram em manifestações apoiadas pelo

Partido Socialista na oposição e pelo maior grupo laboral do país, a Federação Geral de Sindicatos.

Os manifestantes, que, segundo os organizadores, totalizaram 25 mil, exigiram também que o Governo cumpra rigorosamente a sua política de não permitir a instalação de armas nucleares em território japonês

Iraque anuncia ataques a barcos no Golfo

O Iraque revelou ontem que a sua Força Aérea e caças da Marinha atacaram quatro «grandes alvos» a Sul da ilha de Kharg, principal terminal petrolífero iraniano - noticiou a agência oficial iraquiana.

Um porta-voz militar citado pela agência afirmou que os alvos navais foram atingidos com grande precisão

Esta constituiu a primeira notícia sobre um ataque à navegação no golfo desde 10 de Junho, quando o petroleiro Kazimih, do Kuwait, ficou danificado ao ser atingido por um míssil. O Kuwait afirmou que o ataque foi realizado por um avião iraniano

O porta-voz militar acrescentou que o ataque foi levado a

cabo em resposta à continua agressão iraniana e para aumentar mais o bloqueio iraquiano de Kharg, principal terminal petrolífero iraniano

A mesma fonte adiantou que os ataques prosseguirão e as consequências mais graves de forma a provocar baixas ao inimigo

Mais de 20 alvos navais foram atacados no Golfo desde Fevereiro, quer pelo Iraque, quer pelo Irão

Os dois países, que há 40 meses travam uma guerra violenta, concordaram na semana passada em suspender os bombardeamentos contra alvos civis desde então têm feito acusações mútuas de quebra de acordo

comenta libertação de Antonov

entre as diferentes crenças religiosas, manipulando-os em seu proveito»

O «Pravda» recorda de seguida a oposição dos bispos católicos norte-americanos «ao

rumo militarista e nuclear da política externa de Washington» e assinala que a Administração norte-americana «presta uma atenção cada vez maior ao Vaticano»

A este respeito, o diário evoca o restabelecimento de relações diplomáticas entre a Santa Sé e Washington e o encontro «eletoralista» ocorrido no Alasca entre Ronald Reagan e João Paulo II

A versão soviética do atentado contra João Paulo II, na Praça de S. Pedro, manteve sempre que Ali Agca foi manipulado pelos serviços secretos norte-americanos

Dois aviões

Alice Nicolau

Há dois aviões que não me saem da cabeça: um deles é o Boeing das Linhas Aéreas Sul-Coreanas (voo 007) abatido pelos soviéticos quando violava espaço aéreo da URSS. Outro é um enigmático avião, pretensamente um TU-22, que terá partido da base líbia de Al Kufra para ir atacar os arredores de Cartum, no Sudão.

Limite-me para comentar os dois casos a factos concretos, muito singelos. Sobre o primeiro avião temos as revelações da revista britânica «Defence Attaché», citada no último número de outra revista britânica «The Economist». Segundo uma análise técnica, exaustiva, feita por peritos na «Defence Attaché», o que se passou foi o seguinte: o avião sul-coreano estava envolvido numa operação de espionagem dos EUA, controlada pela nave espacial Vaivém: o avião sobrevooou propositadamente o território soviético, não para espiar directamente, mas para fazer accionar o sistema de defesa aéreo da URSS de modo que as emissões subsequentes — de rádio, radar e outras — pudessem ser gravadas. Já antes deste incidente, os americanos tinham tentado apanhar essas informações mediante uma combinação de avião com satélite. A revista examina os movimentos da nave espacial de Vaivém e do avião de vigilância electrónica RC-135 da Força Aérea dos EUA que passou junto do «Jumbo» civil na noite do incidente. A conclusão é a de que os três aparelhos estavam idealmente colocados para um esforço coordenado de recolha de dados. O RC-135 propositadamente mostrou-se ante os soviéticos como aparelho militar para que os sistemas da URSS entrassem em funcionamento, e depois abandonou o território deixando o avião civil a correr os riscos todos. Isto numa tentativa de levar os radares soviéticos a supor que o «Jumbo» era um avião militar e obrigando-os assim a accionar os seus sistemas que foram depois controlados pelo Vaivém espacial. Segundo a «Defence Attaché» este posicionamento ideal só muito dificilmente podia ser obra do acaso.

Quanto ao avião líbio (um TU-22) que teria ido atacar, isolado, um subúrbio de Cartum, as informações de que

disponho foram-me amavelmente cedidas por um especialista português a quem envio daqui os meus agradecimentos.

O alcance máximo do TU-22 é de 2250 quilómetros, o seu raio de acção de combate óptimo (em altitude) será, na melhor das hipóteses, de mil quilómetros. Em voo baixo, esse valor descerá para metade: 500 km. Para que o TU-22 não fosse detectado pelos radares teria que voar os 1200 km que separam Kufra da fronteira com o Sudão, em voo rasante. O avião teria que ser reabastecido em voo antes da fronteira e novamente a meio caminho e uma terceira vez no regresso (mesmo que o regresso fosse a voo alto). Em suma: um avião ido de um país inimigo teria de ser reabastecido três vezes antes de regressar à base, e estes reabastecimentos não poderiam ser feitos a voo baixo (portanto teriam de ser detectados pelos radares). Altamente improvável, para não dizer impossível, que os radares não se apercebessem da presença do avião.

Recordaremos, a propósito, mais que o caso do avião líbio intensificou a paranóia mundial contra Tripoli e Kadhafi, constituiu um passo na escalada contra a revolução líbia, desestabilizou ainda mais aquela região sensível do mundo.

O caso do «Jumbo» esse foi infinitamente mais grave.

Explorado ao máximo, o incidente foi pretexto para fazer aprovar nos EUA novos sistemas de armamento, para lançar à escala planetária uma vaga sem precedentes de anti-sovietismo, para que certos governos acordassem a «punir» Moscovo, para que as Nações Unidas não cumprissem cabalmente os seus objectivos da última Assembleia Geral. Além do mais, o incidente só por si colocou o mundo à beira do abismo. Ainda por cima pensadores verborricos lançaram-se em grandes, extensos e amazónicos artigos de análise sobre a natureza do sistema soviético, a partir do «crime cometido» contra o «Jumbo». Permitam-me apenas umas perguntas: quem vai agora rectificar tudo isso? Quem vai corrigir os males feitos? Quem vai analisar o sistema americano? Quem vai semente o ódio contra os EUA? Contra quem se vão chorar as lágrimas causadas pela morte dos inocentes passageiros do avião sul-coreano?

Cidade de Bombaim ocupada militarmente

Graves confrontos ocorridos domingo em Bombaim, entre hindus e muçulmanos levaram o governo de Indira Gandhi a ordenar ao exército a ocupação da cidade para garantir a ordem pública - informaram fontes oficiais

Os soldados encontram-se estacionados em quatro distritos desta cidade de oito milhões e meio de habitantes, situada a 1100 quilómetros de Nova Deli.

A intervenção do exército deu-se depois da morte de cinco pessoas num confronto entre hindus e muçulmanos ocorrido no final dum enterro, e depois de outra multidão se ter concentrado em frente de uma esquadra da Polícia para exigir a detenção dos organizadores dos distur-

bios que no mês passado provocaram 250 mortos

Também domingo dois extremistas sikh assassinaram um sacerdote hindu na aldeia de Garhiwala, no distrito de Hoshiarpur, a 480 quilómetros a norte de Nova Deli, enquanto a Polícia matava um sikh na aldeia de Baurewal, no distrito de Amritsar

O templo dos sikhs de Amritsar foi cenário no dia seis deste mês de um intervenção militar que provocou a morte de 600 pessoas

Enquanto isto líderes sikhs de diversos países iniciaram sábado em Espanha Novo México, uma reunião para debater os problemas que a comunidade enfrenta na Índia

AÇORES

7 DIAS EM SÃO MIGUEL
PART. DAS TODOS OS SÁBADOS

CIRCUITO AÇOREANO
8 DIAS Visitando S. MIGUEL, TERCEIRA e FAIAL (Pico)
PARTIDAS TODOS OS SÁBADOS

AÇORES E MADEIRA
Visitando S. MIGUEL E MADEIRA PARTIDAS TODAS AS SEGUNDAS FEIRAS

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1940

PEÇA NOS PROGRAMAS DETALHADOS

LISBOA Avenida da Liberdade 160 Tel. 371341

LISBOA Avenida de Roma, 66 B Tel. 803606

LISBOA Estrada de Benfica, 451 C Tel. 742181

PORTO • BRAGA • GUIMARÃES • OMBRA • LASCAR

ALMADA • FARO • PORTIMAL • FUNCHAL

obreu
Alvar 35 OPERADOR TURÍSTICO

Sector gráfico reivindica portaria regulamentadora

O Sindicato das Indústrias Gráficas e de Transformação de Papel exigiu «a rápida nomeação» da comissão técnica do Ministério do Trabalho para a elaboração da portaria regulamentadora do sector.

«A solução do problema da revisão do contrato colectivo vertical das Indústrias Gráficas e Transformação de papel é um imperativo para que seja assegurado o respeito pelos direitos legais e constitucionais dos trabalhadores» — refere uma nota sindical.

O sindicato acusa a entidade patronal de «arrogância e má-fé» ao recusar a negociação da revisão do contrato e informa que mais de 1600 trabalhadores e 56 empresas assinaram um abaixo-assinado dirigido ao ministro do Trabalho exigindo a solução do conflito laboral.

Sector hoteleiro

Quinzena de luta em preparação

O secretariado da Federação da Hotelaria e Turismo vai reunir-se na própria quinta-feira a fim de analisar uma proposta de realização de uma quinzena de luta no sector, suscitada pela situação de impasse em que se encontra o processo de negociações do respectivo contrato colectivo de trabalho.

A quinzena de luta proposta compreenderá, entre outras acções: a distribuição de comunicados aos trabalhadores e aos clientes; a afixação de cartazes; a realização de plenários e reuniões nos locais

de trabalho; a realização de assembleias de delegados sindicais; a realização de greves nas empresas do sector onde os trabalhadores não foram ainda aumentados, até dois dias, a realizar na segunda quinzena de Julho.

Um comunicado da Federação diz que o comportamento do patronato à mesa das negociações «é de boicote à conclusão do processo», quando em contrapartida «as empresas do sector estão em boa situação e registam elevadas taxas de ocupação».

A confirmar esta situação,

diz o documento, «está o facto de a maioria das empresas ter já decidido, desmentindo a comissão patronal negociadora, proceder a aumentos salariais».

Diz ainda a Federação que «a definição do caminho da luta, como via para a resolução dos problemas dos trabalhadores do sector» resultou a concentração de activistas, delegados e dirigentes sindicais dos hotéis do Centro/Sul e das abastecedoras de aeronaves, realizada no passado dia 19, em frente do Ministério do Trabalho.

Programa "Emprego/Formação" apresentado nos Açores

O secretário açoriano do Trabalho apresentou ontem em Ponta Delgada as grandes linhas do Programa «Emprego/Formação» destinado a incentivar o primeiro emprego.

O Programa apresentado por Octaviano Mota consta de uma portaria já enviada para publicação que atribui compensações financeiras às empresas empregadoras.

Estas compensações, a atribuir sob a forma de percentagem sobre o salário de cada trabalhador, serão concedidas às empresas dos sectores privado, público ou cooperativo que se proponham empregar jovens pelo período mínimo de três meses.

As empresas terão, por outro lado, que assumir o compromisso de assegurar preparação profissional aos jovens que empregaram no âmbito deste programa.

A portaria considera abrangidos os jovens com idades entre os 16 e os 25 anos inscritos nos centros de emprego dos Açores como candidatos ao primeiro emprego.

Octaviano Mota revelou que para obviar à tendência para discriminar o acesso das mulheres ao trabalho, será maior o subsídio

a atribuir às jovens colocadas pelo programa.

Referindo-se aos custos desta iniciativa, Octaviano Mota considerou tratar-se de um «investimento útil, já que é preferível do que pagar subsídios de desemprego a quem não trabalha».

Na conferência de Imprensa Octaviano Mota apresentou igualmente o programa de ocupação dos tempos livres (OTL/84) destinado à juventude escolar.

Este programa ocupou o ano passado cerca de mil jovens durante os meses de férias em todos os ramos de actividade.

Neste programa a Secretaria açoriana do Trabalho assegura o completo pagamento dos jovens empregados por um período de dois meses, atribuindo-lhes um subsídio diário de 300 escudos.

Neste programa são abrangidos os jovens entre os 15 e os 20 anos que tenham frequentado até ao final o ano lectivo de 1983/84 o Nono e o Décimo Segundo Ano de Escolaridade.

Os jovens serão colocados de acordo com as áreas de interesse manifestadas, bem como dos projectos de ocupação apresentados pelas empresas ou serviços oficiais ou autárquicos.

Trabalhadores da EPAL afirmam ter cumprido as normas da lei da greve

Os sindicatos representativos na EPAL emitiram um comunicado em que esclarecem que, contrariamente ao que foi divulgado em relação à greve do passado dia 14, «o conselho de gerência, o ministro do Trabalho e o Ministério do Equipamento Social foram avisados com seis dias de antecedência, ou seja, com tempo superior àquele que a lei obriga». E acrescentam que as associações sindicais «cumpriram todas as normas da lei da greve».

O documento refere que os trabalhadores «travaram a

sua luta pelo respeito pela legalidade democrática» e «defenderam a segurança do equipamento e das instalações, como obriga a lei».

«Quem está na ilegalidade — sublinha o comunicado — é o Governo que sempre deu cobertura às atitudes arbitrárias e prepotentes do seu conselho de gerência que, agora, demite, tentando assim sacudir a água do capote».

Os sindicatos afirmam que os trabalhadores da EPAL «não fogem ao quadro geral social e económico do País, pois que os brutais aumentos

dos bens essenciais com que o povo português tem sido castigado pelo (des) Governo Soares/Pinto, nos quais se incluem o escandaloso aumento da água e, como se não bastasse, a obrigação de cada consumidor ter que pagar mais 3\$20 por cada metro cúbico de água consumida, para amortizar a dívida de 800 mil contos da Câmara Municipal de Lisboa à EPAL». E quanto às razões que os assistem dizem: «Os aumentos unilaterais e selectivos do conselho de gerência eram abusivos; e só a grande unidade e firmeza

dos trabalhadores fez com que o Governo e o conselho de gerência os suspendesse. Se há tanto dinheiro para aumentar alguns, também terá que haver para dividir por todos».

«Conscientes da razão que os assiste», termina o documento «os trabalhadores da EPAL repudiam firmemente e não aceitarão as ameaças de suspensões e/ou processos disciplinares, por estarem certos de que nada os acusa, e que se alguma culpa existe, essa é do conselho de gerência/Governo».

CGTP reclama ratificação da convenção sobre segurança

A CGTP reafirma em comunicado a sua posição de «apoio incondicional à Convenção 155 da OIT, no sentido de esta ser ratificada por Portugal e dar origem, como se impõe, a iniciativas de aplicação efectiva das normas internacionais sobre saúde e segurança no trabalho,

nomeadamente a definição duma política nacional de prevenção, que esteve em discussão pública até domingo, segundo a Intersindical, justificando plenamente, «dada a evidente falta duma política nacional eficaz dos acidentes de trabalho e das doenças profissionais».

Desemprego aumenta nos países da CEE

O índice de desemprego nos países da CEE aumentou 5,9 por cento nos últimos 12 meses, elevando o seu número para 12,2 milhões — informou a comissão da CEE.

Os 12,2 milhões de desempregados representam 10,8 por cento do total da população activa nos dez países da Comunidade Económica Europeia.

O relatório do órgão executivo da CEE assinala que as mulheres continuam a ser as principais vítimas do desemprego, tendo o índice de desemprego aumentado 7 por cento de Maio de 1983 a Maio passado, um acréscimo

dois pontos superior ao registado para os homens.

Entretanto, um relatório de previsão de como será a Grã-Bretanha no século XXI, publicado na quinta-feira, prevê que o número de desempregados no Reino Unido continue a aumentar, atingindo dentro de 25 anos cinco milhões de pessoas.

O documento é moderadamente optimista acerca das perspectivas britânicas a longo prazo quanto a crescimento económico e inflação, embora advirta que, sem mais investimentos, a economia britânica continuará com tendência para a baixa.

OIT apela ao boicote económico a Pretória

A OIT apelou para que as sociedades investidoras na África do Sul «retirem» os investimentos para que as multinacionais se viam para «o desenvolvimento dos estados vizinhos».

A Organização Internacional do Trabalho fez o apelo numa resolução reiterando a necessidade de tornar efectivo o boicote

económico à África do Sul por causa da sua política de segregação racial (Apartheid).

A OIT pronunciou-se a favor da convocatória de uma reunião internacional para estabelecer um embargo petrolífero contra Pretória, envolvendo exportadores e transportadores de ramas,

além dos sindicatos afectados, num encontro sob os auspícios da ONU em 1985.

Segundo a Comissão para o Apartheid da OIT, num relatório apresentado durante a assembleia anual da organização, na África do Sul «não se produziu nenhuma mudança fundamental no sistema segregacionista, mas

sim nos processos de prática para os tornar mais refinados, eficazes e perniciosos».

A OIT manifesta na resolução «profunda preocupação» pela recepção concedida recentemente por oito países europeus ao Primeiro-Ministro sul-africano, Pieter Botha, a título oficial ou não.

NATURA

**FOI POSTO À VENDA O N.º 357
REFERENTE A JUNHO**

Se desejais evitar a doença e curar-vos das vossas males, pelos meios puramente naturais, assinala já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura Integral podendo estar certos que pelos ensinamentos recuperais mais bem-estar e alegria de viver.

Director e Proprietário: Dr. INDIVERI COLUCCI
DO SUMÁRIO DESTACAMOS OS SEGUINTES ARTIGOS:

- Embora marginada, a Naturopatia assenta em pedras
- Nem a «Força» dos resultados convence os Homens — responsáveis da realidade incommensurável da Medicina Natural? Reina a esperança de se abrir o véu a essa positiva realidade?
- Aleitamento materno diminui 95 por cento da Mortalidade Infantil
- O que é a Hipoglicémia e como tratar esta doença
- Tabagismo — Efeitos dos abusos nos vários órgãos
- As vitaminas
- Eu quero um bebé saudável
- Arroz versátil cereal
- Coma menos e viva mais
- Os alimentos contaminados podem ser mortíferos
- O mal de Parkinson e a sua cura pelo Naturopatia Científica
- Vitamina C pode substituir a insulina
- Pondo as coisas no seu lugar
- O morango
- Há que examinar a qualidade dos alimentos
- Página da cozinha
- Etc., etc

RUA ANTERO DE QUENTAL, 35-1.º (ao Intendente)

Telefone 55 84 98

Assinatura anual: 800\$00 • Semestral: 360\$00

Estrangeiro: 1020\$00 • Avulso: 60\$00

**MUNICÍPIO DE ALMADA
CÂMARA MUNICIPAL**

EDITAL N.º 83

José Martins Vieira, Presidente da Câmara Municipal de Almada.
Faço saber que, fica notificado o sr. Etelvino da Conceição Manuel, com residência em parte incerta algures em S. Paulo (Brasil), na qualidade de proprietário do lote 62 da Quinta de Baixo, Rua do Bocage, Sobreda da Caparica, para o prazo de 30 dias proceder a obras de reparação constantes no Auto de Vistoria efectuado aos 22 dias do mês de Junho do ano de mil novecentos e oitenta e três, ao abrigo do artigo 18.º do Regulamento Geral de Edificações Urbanas, cujo relatório tem o seguinte teor:

«Da vistoria os peritos verificaram que há perigo de queda do muro lateral esquerdo da moradia em questão, provocado pelo desmoronamento do lote anexo (62). Deverá o proprietário do lote em referência (62) proceder de imediato à consolidação das terras através da construção do muro de suporte e proceder à reparação dos estragos provocados pelo desmoronamento a que procedeu na propriedade contígua com o número de lote 63.»

E para se constatar, se passou o presente Edital e outros de igual teor, que vai ser afixado nos lugares públicos do costume.

Almada, 14 de Junho de 1984

O Presidente da Câmara,
José Martins Vieira



CONCURSO



Nome _____ Idade _____ Tel: _____
Morada _____ Profissão _____
Tem Televisor ? _____ N.º Licença _____
Acompanhante _____ Idade _____
Profissão _____

Cupão a enviar colado em bilhete-postal para Concurso «1-2-3», Apartado 4315 — 1507 Lisboa Codex

CEE de novo à beira do fracasso

Espectro de Atenas e Bruxelas paira sobre a cimeira de Fontainebleau

A cimeira da CEE que hoje se iniciou em Fontainebleau, nos arredores de Paris, será dominada pelo receio de que o espectro do fracasso, que sobre ela paira, mais uma vez se venha a abater sobre os dez chefes de Estado e de governo dos países membros da Comunidade. Informações chegadas de Bona, de Paris e de outras capitais europeias dão conta de que aqueles receios se avolumaram nos últimos dias e que não está excluído que as querelas intestinas que opõem os «Dez» possam vir de novo a condenar a cimeira ao insucesso.

O Palácio de Fontainebleau está hoje preparado para receber os chefes de Estado e de governo dos dez países membros do Mercado Comum que iniciam uma cimeira considerada decisiva para o futuro da Europa.

O resultado da reunião do Conselho Europeu será determinante para a conclusão deste ano das negociações para a adesão de Portugal e Espanha à Comunidade.

Em Fontainebleau, sob a presidência do chefe de Estado francês, François Mitterrand, os países membros da Europa comunitária devem solucionar os problemas que se arrastam em matéria orçamental, financeira, estrutural e institucional.

Peritos da Comunidade Europeia consideram que, sem acordo naqueles pontos, os «Dez» não poderão completar as negociações para a adesão dos dois países ibéricos.

Idêntica cimeira realizada há um ano em Estugarda (RFA) condicionou a luz verde para que Espanha e Portugal completassem as suas negociações à resolução dos problemas internos do Mercado Comum.

Também as cimeiras de Atenas (Dezembro de 1983) e Bruxelas (Março passado) fracassaram na ultrapassagem das divergências naquelas matérias.

Observadores comunitários atribuem o fracasso à posição do primeiro-ministro britânico, Margaret Thatcher, que exige o reembolso de contribuições que o Reino Unido considera superiores às dívidas aos fundos comunitários.

Thatcher negou-se e continua a negar-se a aceitar o aumento das contribuições nacionais para aumentar o orçamento da CEE enquanto os parceiros europeus não chegassem a acordo quanto à quantia a devolver.

Responsáveis comunitários assinalavam que sem o aumento dos recursos da CEE o Mercado Comum não poderá financiar os seus já de si pouco ambiciosos programas no campo das novas tecnologias, desenvolvimento das regiões mediterrânicas e alargamento a novos Estados.

A carta de Mitterrand

Entretanto um grupo de peritos e altos funcionários esteve reunido no sábado à volta de Claude Cheysson, ministro francês das Relações Exteriores e Roland Dumas, ministro dos Assuntos Europeus, a fim de ultimar os preparativos para a cimeira que hoje se iniciou.

O esboço final dos preparativos foi depois apresentado ao presidente François Mitterrand, de regresso de Mos-

covo. A França pretende levar para o encontro de Fontainebleau um 'ferrolho' diplomático aperfeiçoado, de forma a evitar que os debates se afundem na complexidade técnica dos problemas a abordar, como foi o caso das cimeiras de Atenas e de Bruxelas. Ainda há dias, o presidente Mitterrand tinha escrito aos outros nove chefes de Estado e de Governo. Após ter sublinhado a importância dos progressos realizados desde a cimeira de Bruxelas, ele constatou, na sua carta, que um «contencioso» existia contudo sobre o problema orçamental.

Para o presidente francês, esse problema condicionava, entre outros, o calendário da adesão luso-espanhola, e ele deveria ser abordado ao mesmo tempo que a questão do orçamento para 1984.

Mas — escreve o presidente — eu creio que será necessário colocar agora o desenvolvimento da Comunidade numa perspectiva política inspirada pelos interesses da Europa e de cada um dos nossos países.

Aparece assim que a França, embora não negligenciando a importância do problema orçamental, está convencida de que a CEE poderá 'sobreviver' mesmo que uma solu-

ção para o problema orçamental não seja encontrada desta vez.

É portanto nessa perspectiva que a discussão do problema orçamental será precedida, hoje, de uma abertura puramente política, durante a qual serão abordadas questões como as relações Leste-Oeste, desarmamento, situação no Próximo Oriente e guerra no Golfo, América Central e África Austral, e por fim o diálogo Norte-Sul.

Será somente a seguir que o problema da contribuição orçamental britânica poderá ser abordado. O presidente François Mitterrand tem ainda a intenção de fazer com que a questão do alargamento seja longamente debatida nesta altura, como preparação das visitas que ele efectuará na próxima semana a Lisboa e a Madrid.

A terceira parte do encontro de Fontainebleau dirá respeito às negociações dos acordos de Lomé, sendo a parte final dedicada àquilo a que o presidente chamou na sua carta «a Europa dos cidadãos».

No que se refere aos problemas do funcionamento da própria CEE, a cimeira irá examinar o problema da substituição de Gaston Thorn, presidente da Comissão, o qual deixa as suas funções no fim deste ano.

Hoteleiros querem ser considerados como industriais exportadores

A responsabilização global do governo na política de turismo foi uma das conclusões do Segundo Congresso Nacional de Hotelaria e Turismo, que decorreu na Póvoa de Varzim desde quinta-feira até ontem.

A secretária de Estado da Administração Marítima, Helena Torres Marques, presidiu à sessão de encerramento.

Os cerca de 250 congressistas consideraram «a relevante importância do sector em todos os domínios da vida nacional».

Outra conclusão dirigida ao executivo aponta para que a indústria hoteleira seja tida como indústria exportadora, com os

efeitos legais decorrentes dessa situação.

A elaboração de nova legislação adequada às realidades do turismo, «desburocratizando os mecanismos de intervenção do Estado e, consagrando incentivos fiscais e financeiros à altura das necessidades reais do sector» consta igualmente no rol e das conclusões.

O congresso pronunciou-se porque seja revista e implementada a política de formação profissional no sector, a todos os níveis do ensino, dispondo-se a Associação dos Hoteleiros de Portugal a colaborar nessa tarefa.

Neste âmbito pretende-se a

criação de uma nova escola de hotelaria no Algarve, o início da construção da de Coimbra e o desburocratamento dos problemas financeiros que afectam a escola do Estoril.

Concluiu também ser necessário dinamizar a congregação de esforços e meios, postos ao serviço da promoção turística, no sentido de tornar as acções mais eficazes e rentáveis, e de confirmar os órgãos de Comunicação Social como «parceiros essenciais» do turismo.

Os congressistas consideraram ser preciso redefinir o Conselho Nacional de Turismo, apoiar o desenvolvimento do turismo de habitação e rural, pros-

seguir os trabalhos tendentes à criação de uma federação e/ou confederação nacional de turismo, defender sistematicamente o meio ambiente, criar linhas de crédito para a recuperação do parque hoteleiro existente e para a construção de novas unidades e definir com rigor o quadro de financiamento e fiscalidade para a hotelaria.

A Associação dos Hoteleiros de Portugal, referem as conclusões deverá ser ouvida na elaboração das normas do Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA) e participar na regulamentação das aplicações das verbas do Fundo de Turismo.

Relações comerciais luso-espanholas discutidas de novo em Lisboa

Delegações técnicas de Portugal e Espanha reiniciam hoje em Lisboa as negociações sobre as normas em que deve basear-se o intercâmbio comercial entre os dois países.

O atraso verificado no encontro de uma «plataforma de consenso» entre o comércio e a indústria portuguesa para negociar com a Espanha e a proximidade de possíveis resultados nos processos de adesão dos dois países à CEE, fazem prever que as possibilidades de que se

atinga agora um acordo «são bastante reduzidas», afirmaram à ANOP fontes oficiais espanholas.

Esta reunião é a terceira desde o princípio deste ano, quando se iniciaram conversações entre as duas partes com a finalidade de chegar a acordo sobre um denominado «plano intercalar», que deveria substituir a segunda fase do «Anexo P» que regula as relações Portugal/Espanha no quadro da EFTA. O início desta fase estava

previsto para o dia um de Julho deste ano.

A impossibilidade de chegar a um entendimento dentro do período de tempo disponível, faz com que automaticamente continuem a ser aplicadas as normas do actual «Anexo P» que não representam grandes vantagens para Portugal. O facto de a reunião desta semana se celebrar a nível técnico, indica que não se vêem possibilidades de que os dois países cheguem a um acordo imediato.

As perspectivas de que as relações comerciais entre os dois países passem a ser reguladas por novas normas, são agora adiadas para o princípio do próximo ano.

Em Fevereiro decorreu em Lisboa a primeira reunião negocial a nível técnico. Nessa ocasião decidiu-se efectuar uma nova reunião dentro de dois meses, que só agora vai ter lugar.

Portugal pretende que a Espanha reduza os elevados direi-

Governo discute hoje plano de recuperação

O Conselho de Ministros reúne esta tarde em plenário extraordinário, no qual deverá ser analisado o Plano de Recuperação Económica e Financeira (PREF). O documento em questão, cuja discussão não conseguimos confirmar oficialmente, mas que tudo indica que virá a ter lugar, deverá ser apresentado nos primeiros dias do próximo mês ao Conselho Permanente de Concertação Social.

A realização desta reunião, extraordinária na medida em que o Conselho que habitualmente tem lugar às quintas-feiras também se efectuará esta semana, destina-se a acelerar o processo de aprovação do PREF, de modo a que possa ser respeitada a sua data de apresentação, anunciada recentemente pelo Primeiro-Ministro. Segundo notícias vindas a lume, aquele plano parece assemelhar-se mais a uma manta de retalhos constituída por medidas desgarradas que a um verdadeiro plano de conjunto.

Nordeste Transmontano já tem feira agro-industrial

A primeira feira regional agro-industrial do nordeste transmontano foi inaugurada no sábado em Macedo de Cavaleiros, com a presença do secretário de Estado das Obras Públicas, Eugénio Nobre.

Uma centena de expositores de todos os pontos do distrito e de outras regiões do País participam no certame que ocupa uma área de cerca de 7 quilómetros quadrados, dois dos quais vedados e reservados aos expositores.

Situado entre as zonas da terra quente e da terra fria transmontanas, o concelho de Macedo de Cavaleiros dedica-se essencialmente a produções de tipo tradicional como a amêndoa, a castanha, a azeitona, o morango, a uva e muitos outros frutos.

Zona de sequeiro, apenas com 3 a 4 por cento de regadio, espera-se uma considerável reconversão agrícola, com a entrada em funcionamento da barragem do Azibo, que permitirá a irrigação de cerca de 5 mil hectares.

Viseu mostrou o seu potencial industrial

A Feira Industrial da Região de Viseu, que ontem encerrou, demonstrou que a zona deixou de estar arrefogada essencialmente a uma agricultura tradicional e ao comércio, dispondo actualmente de um grande potencial industrial — referiram os seus organizadores à imprensa.

A feira, que teve este ano a sua segunda edição, decorreu durante uma semana num dos pavilhões da Feira de São Mateus, e contou com a presença de 7 dezenas de expositores.

Em relação à edição de 1983, a Feira Industrial contou este ano com a realização de colóquios e a apresentação de filmes técnicos.

A Feira foi organizada pela Associação Industrial da região e teve o apoio da Câmara Municipal, Comissão de Turismo e Governo Civil.

Caixas regionais de crédito defendidas no Algarve

O secretário de Estado do Fomento Cooperativo, Francisco Machado, manifestou-se ontem a favor da criação de caixas regionais de crédito agrícola, como meio fundamental para o desenvolvimento harmonioso e equilibrado da agricultura em cada região do País.

Francisco Machado, que falava no encerramento do primeiro seminário internacional sobre crédito cooperativo/crédito agrícola realizado em Faro, acrescentou no entanto que o crédito cooperativo não pode ser encarado como um crédito bancário qualquer.

«A existência do interesse social e da intercooperação impõe-se decisivamente e distingue-se de qualquer outro crédito», disse.

MOCAP evidencia sector do calçado

Referindo-se a exemplos da Europa, aquele membro do Governo fez notar que a constituição de bancos cooperativos, salvo raras excepções, têm tido suporte em caixas regionais e locais de crédito.

O secretário de Estado elogiou a UNICAMA — União das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo do Algarve — pela organização do seminário e incentivou a constituição da caixa regional do Algarve, cuja apresentação pública foi feita na sessão de encerramento do seminário, e que poderá vir a ser a primeira do País.

A secretária de Estado da Exportação inaugurou no sábado no Palácio de Cristal, no Porto, a décima terceira edição da Mostra de Calçado Português (MOCAP).

Raquel Ferreira visitou demoradamente os pavilhões dos 95 expositores presentes no certame, dialogando com frequência com os empresários, a fim de se inteirar da actual situação do sector.

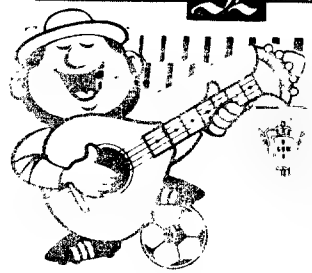
A MOCAP, vocacionada exclusivamente para visitantes profissionais estrangeiros, apresenta colecções de calçado português para a moda primavera-verão de 1985.

A mostra, que encerra hoje, registou na presente edição um número recorde de participantes, o que, na opinião dos organizadores, constitui um indicador positivo da recuperação económica do sector.

A décima terceira MOCAP, tal como as anteriores, é organizada pela Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes e Artigos de Pele e seus sucedâneos (APICCAPS).

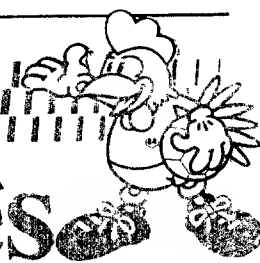
tudo desde que em Janeiro se definiram critérios políticos nesta área, que prevêem a intensificação dos intercâmbios, a filosofia das autoridades espanholas reside em conseguir por parte de Portugal um tratamento semelhante ao que Lisboa concede aos países da CEE e da EFTA.

Por sua vez, Portugal está de acordo com este princípio, desde que a Espanha lhe conceda o mesmo tratamento que os produtos portugueses recebem por parte dos referidos países.



DESPORTO

Os Deuses não falam português



A grande ilusão esvai-se como fumo quando a plateia esfregando os olhos para acreditar no que via, logo depois num êxtase louco, mirando o «placard».

Lá estava: 3-2 favorável à França. Mas, como e porque, se a escassos seis minutos do silvo derradeiro, os rapazes das quinas continuavam com os louros ao alcance, a coroa mesmo ali ao estender de um braço?

Meus amigos: aconteceu, pura e simplesmente que, totalmente confiante, mal cabendo na pessoal vaidadezinha de estar derrubando um gigante, acreditando que os gauleses já não tinham força para se tornarem asterixes, os mocinhos desataram a cometer erros que nem meninos de mama: e foi o que se viu. O relógio devorado pelos olhos e Domergue, o rapaz de 27 anos que todos consideravam um indisciplinado, um temperamental, um sujeito de carácter instável e pouco firme, a vir lá da defesa e, enchendo o pé, a bater Bento e a estabelecer o nulo que poderia dar razão a «penalties».

Agitou-se o banco francês. Hidalgo tirou o rosto de entre as mãos e talvez tenha soltado uma pequena prece: e já toda a gente puxava de papel para ir registando a marcha das grandes penalidades quando, no aproveitamento de outro instante de diabólica confusão, Platini (a quinze segundos dos tiros mais ou menos fatais) marcou o navio no bom rumo. Era a queda abismal dos lusitanos, novamente as bandeiras tricolores a surgirem ao vento, parecia que uma onda de loucura tinha tomado de assalto o marseilhes «Velodrome».

E, todavia, nunca um grupo nacional estivera tão perto de escrever a mais bonita história do futebol europeu.

Sacrificado até dizer «acabou», Jordão (que fora obrigado a viajar por terrenos de centro-campista, para beneficiar a colocação de Diamantino em cunha) teve, no tempo complementar, um apoio meritório: e a entrada de Gomes proporcionou, pela segunda vez em todo o campeonato, a possibilidade de ganharmos algumas bolas altas na área de rigor dos tricolores. Frasco com uma actuação muito meritória, caía muitas vezes no pecado de querer levar a bola para o seu quintal mas, com uma impressionante demonstração de recursos, Manuel Bento travava tudo o que a cortina defensiva (especialmente pelo lado de João Pinto) ia permitindo ao adversário: e, foram de tal molde os cortes, manchas, mergulhos e saídas, tantos os instantes em que suplantou as mais precárias situações (especialmente naquele «forcing» francês de retorno do balneário) que o guarda-redes benfiquista logo se tornaria o luso herói da noite, perante um ainda bruxeleante cintilar de Platini, o melhor jogador mundial de momento.

Nenê entrou a substituir Sousa: e a frente de ataque ficou ampliada. Porém, jogava-se a dez à hora quando Lacombe foi para o duche e entrou um tal de Ferreri que é assim a modos que uma mosca em torno do mel: esvoaça mas não ataca, precisamente o contrário de Tigana que pica e foge. Todavia, eis que Chalana coloca a esfera na cabeça de Jordão: e o negrinho faz calar a França. Era o empate, a obrigatoriedade de se atacar um trabalho suplementar.

Do êxtase, à lágrima

Novamente os portugueses carregando: é outra vez, o pequeno genial a endossar o couro para Jordão, em chuto enfiado, tal como acontecera no remate de Nenê face aos romenos, colocar Portugal com vantagem no marcador: estava siderada toda a França e, bem pior, não se antevia hipótese de, no tempo que faltava para o compromisso mútuo, evitar a manutenção do triunfo lusitano. Isso não impedia Tigana de (esgotada a caixa de ar de Giresse) pegar nos cordelinhos e continuar à procura de uma atenuante para o fracasso. Aproveitando os adiantamentos de João Pinto, não compensados por Lima Pereira, entregava bolas sobre bolas a Bellone, que saíam lá da esquerda calibradas para o desgaste de Eurico e parceiros.

Por duas vezes Nenê teve o golo ao alcance de uma aragem de sorte, de ambas as ocasiões a

metralha saiu dispersa e longe do alvo.

Mas, o ponteiro ia rodando, os portugueses (uma dúzia de milhar no mar imenso de vermelho-azul-branco) começavam já a saborear o petisco e, erro número três, não tiveram a matreirice, a malícia suficiente, para saberem ir dourando a pílula, cortando o jogo, provocando amolecimento do ímpeto contrário, retardando o ataque de Platini, agora já colocados no vértice das dezoito jardas que conduziam a Bento.

Se tivéssemos um «capitão» que fosse legítimo caixeiro viajante em todas as zonas do terreno e pudesse dar o conselho oportuno a todos os colegas, outro galo nos teria cantado: mas o número um do Benfica, pese embora toda a boa vontade, estava lá no fundo da «concha», os seus gritos iam parar mais depressa aos contrários que ao seu exército. Aqui, na nomeação de um chefe quando não se pode dispor de um «capitão» com a sabedoria e classe de Humberto Coelho, outro dos fundamentais erros do quadrunvirato técnico, que não poderia nunca esquecer que o melhor comandante é sempre aquele que pode rapidamente comunicar com os seus subordinados.

Erros? Muitos

Tudo começou com os franco-atiradores acantonados, espreitando-se os fuzis ensarilhados à espera da lebre saltar do matagal. Cabrita e José Augusto no banco, a nossa gente com muita calma, Diamantino tentando o impossível entre dois defesas que não permitiam que ele lhes roçasse o pescoço. Esse, logo, o primeiro erro de conjectura portuguesa: sendo o endiabrado rapaz de Sarilhos um atirador emérito mas que não pode estar implantado na área de rigor (porque nem sequer possui compleição para a luta corporal, antes dispõe de muitas faculdades sempre que a sua corrida pelos flancos é solicitada) atribuir-lhe um papel que, agora visto à distância, quase dá ideia de antecipada preparação de exéquias.

Depois, com Portugal defendendo à zona e Jaime Pacheco travando Platini, veio o lapso de Lima Pereira, rasteirando o platiniíssimo herói, deste campeonato: e, uma vez mais, golo de bola parada, inacreditável numa qualquer equipa que pratique futebol de alta competição. Toda a nossa cortina a rasgar-se como setim (as fotos apontam os principais receosos do remate) e, quando os olhos de Bento esta-



O pequeno genial Fernando Chalana chega carregado de males e de prestígio. A seu lado a sua inseparável Anabela

vam concentrados no mágico disparo fácil, surgiu Domergue a fazer um golo mais que inacreditável, repetindo-se o que por duas vezes acontecera no Jamor (face à Jugoslávia) e requeria, logo depois desse particular desenrolado às moscas no parque da Cruz Quebrada, atentos treinos e cuidadosa rectificação do processo defensivo. Pois, como se viu, ninguém aprendeu a lição ou, em contrapartida, entre quatro professores talvez não tenha surgido o pensamento de um pequeno apontamento de correcção. Foi o segundo (tremendo) erro.

E aconteceu o inacreditável: ninguém se lembrava de destruir, atirar a bola para a bancada, cair no chão e chamar o médico, demorar um segundo a mais em tempo que era preciso encurtar. A ingenuidade portu-

guesa era tão confrangedora, a passividade que vinha do banco era tão monótona que os franceses nem quiseram acreditar na benesse celestial: perante rapazes a quem parecia estar a crescer a primeira barba, fizeram um completo escanhoamento: em menos de seis minutos. O castigo (agora visto a frio) para uma equipa que não tem patrão, que apenas lutava com as armas individuais de que dispunha, que nunca soube como enrolar o adversário e conservar a suficiente vantagem que poderia ter significado a apoieia no Parque dos Príncipes, o rancho melhorado à mesa de um milhão de compatriotas. Foi um descalabro que ninguém poderá aceitar e, embora se possa dizer que conseguimos colocar em sentido uma nação, que acabámos com toda a coramina que existia nas far-

mácias francesas, que tivemos também um azar dos diabos em dois períodos cruciais do jogo mais na grande penalidade cometida sobre Jordão que o juiz não ousou conceder, teremos de concordar que o único vencedor possível seria mesmo a França, porque de erros vivem os escrivães e os advogados. E, Portugal, sempre acumulando cálculos imprecisos e nebulosos, não sabendo como conservar a fortuna e logo a desbaratando naqueles impossíveis negócios de tão depressa recusar atacar quando isso é absolutamente necessário como ostensivamente andar na galopada para as redes contrárias quando a prudência recomendava o recato com a bola, não podia (para mais que continua sofrendo golos com a bola parada) aspirar ao festim de quarta-feira, porque tal seria

Neves de Sousa enviado especial

trair a expressão pouco lisonjeira do modo como foi descomandada em instantes vários, apenas valendo o talento individual dos nossos jogadores para o disfarce a tudo o que de triste e bisonho foi acontecendo desde a concentração em Palmela até ao embarque, em Marselha, rumo a Lisboa.

Claro que, pelo que os atletas fizeram, a honra de estar no Parque dos Príncipes seria mais que merecida: não é menos certo, que, perante os atropelos cometidos por determinados elementos circundantes da embaixada futebolística da Praça da Alegria teriam de ser cobrados a peso de ouro. Ou de lágrimas.

Cair de pé

A França esteve muitas vezes perante o pelotão de fuzilamento: bastaria ter chegado da lateral a ordem (bem cumprida) para não haver lugar para aventuras e, em contrapartida, se evitar que a esfera ficasse na posse dos franceses nos tais minutos que poderiam parecer uma eternidade e, realmente, significar a nossa crucificação.

Mas, a palavra sábia não foi entendida ou não chegou a ser endossada, logo veremos quando cada qual começar a soltar a água do seu capote e vier à praça pública encontrar em outras arcos os bodes expiatórios.

Faltou aos nossos rapazes, já o dissemos, o Coluna de 1966, o Humberto de há alguns meses. Não tivemos, também, uma coesão organizativa que permitisse transplantar tranquilidade e confiança do banco dos responsáveis. Jamais existiu qualquer espécie de irmandade entre pupilos e mestres: cada qual, custe o que custar dizer, surja quem quer que seja a tentar desmentir-lo, procurou salvar a pele e nada mais. Daí que o 2-1 que estava no marcador do palco de Marselha fosse exclusiva obra de um belo punhado de jogadores e, nunca de um trabalho de cerebral e mística conjugação, de um



Foi assim que o sensacional Arconada foi batido pelo dinamarquês Lerby. Depois viriam a «sessão» das grandes penalidades e de forma algo surpreendente para toda a Crítica a Espanha era finalista

DESPORTO



Era o «cinco-quatro» que determinava o apuramento dos espanhóis para a grande final a realizar quarta-feira no Parque dos Príncipes. Autor do golo histórico: Manuel Sarabia

estreitar de corações identico ao que se nota (mesmo à vista desarmada em Hidalgo e seus alunos. Nessa diferença abismal, naufragamos à vista de bom porto.

Contudo, a queda foi demorada e reduzida à mais simples expressão, envolta em compreensão e todo o respeito do antagonista, que não ganhou para o susto. Quando, no final do espectáculo, Carlos Manuel pretendia que Michel Platini trocasse as camisolas e o grande maestro francês beijou aquela que usava e recusou o câmbio, estava encontrada a diferença que marca o admirador do admirado.

O bom rapaz e belo jogador entra no centro nevralgico das operações para congeminar o ataque, aparece no instante fatal para as cores contrárias, sempre de fato-macaco e nunca com jactâncias.

Platini: nós te tiramos o chapéu, pelo exemplo que deveria ser apreendido até pelos que, jamais, nunca se poderão comparar ao teu génio.

Não se olvide, porém, que Portugal esteve várias vezes no alto do mastro, daí caindo apenas por excesso de autoridade ou mero acidente de percurso erigido de pequenas vaidades e muitas esperanças multiplicadas. Bento, Jordão, Frasco, depois Álvaro e Eurico: aí temos um quinto de ouro, a que se pode acrescentar uma dúzia de lampejos de Chalana, que deixou por estas terras um rasto de ouro. Depois, é forçoso mencionar a codícia de Gomes e a tranquilidade perigosa de Nené, a boa vontade de Sousa e Diamantino, o esforço mal doseado ou com filhas de Lima Pereira e João Pinto, a colagem de Pacheco a Platini enquanto as pernas o permitiram.

No globo, uma actuação portuguesa que foi histórica, se apenas valesse o trabalho dos artistas e não fosse necessário um encenador, um director de palco, um ponto e um contra-regra. E foi isso que faltou a um grupo de rapazes que nunca souberam que equipa ia jogar, de tantas voltas que dava de cada vez que os pensantes orientadores se lembravam de mais uma mudança, ainda que recusando compreender que a astúcia do leão é fruto de saber esperar o exacto momento em que deve saltar sobre a presa e a sorte de escapar ao caçador depende de como estiver o faro apontado para o vento.

Portugal, caros companheiros

de leitura, perdeu por culpa própria o grande momento que todos ambicionávamos: saibasse, ao menos desta vez, encarar as realidades e fazer agulha para o futuro.

Amanhã: como será?

Quando o estádio começava a ficar deserto ou mesmo já quando ontem (domingo) alguns jornalistas que partiam para Lyon se cruzaram no aeroporto de Marselha com os «onzes» de Portugal e França que embarcavam no voo comum para Paris, ainda Cabrita voltava a dizer:

— Estamos trabalhando para o futuro. Temos, em Portugal, muitos e bons jogadores que podem, já no Mundial de 86, dar novamente cartas.

Sobre aquele dramático final de jogo com os gauleses:

— Eu tinha dito aos meus rapazes: é necessário evoluir, contemporizar, demorar com a bola, só pela certa voltar ao ataque. Mas eles deslumbaram-se, perderam por momentos a cabeça, foi o diabo.

Hidalgo aplaudia o português:

— Esta equipa fez esquecer, por completo, o 0-3 em Guimarães. Para mim, esta vitória em-

Marselha foi a mais bela da carreira como seleccionador e, realmente, cheguei a não acreditar nela.

Adiante:

— «O árbitro falhou na aplicação da lei da vantagem. Não fez a protecção do jogo».

Cabrita atalha:

«E tirou-nos um penaltie —...»

Hidalgo continuou muito fidalgo:

— «A Portugal, é necessário que Cabrita se mantenha à frente do onze».

Está à porta o mundial e quero encontrá-lo no México».

Bem: enquanto prosseguiram os jogos florais, colamo-nos à meia dúzia de colegas que era companheira de viagem e fomos meditando. Se houvesse necessidade de grandes penalidades, os primeiros portugueses escalados para as concretizar seriam Jordão Chalana, Pacheco, Nené, e Gomes. Havia um milionário prémio para cada integrante da «selecção de todos nós». Alguns empresários que tinham os olhos fixos em nós voltaram cépticos ao ponto de arranque.

Mas, de que vale falar nisso se a vida continua?

Hoje, amanhã, os vencidos ficarão sepultos, pequenos traços

Totobola

1 Braga-Guimarães	1
2 Varzim-Espinho	1
3 Salgueiros-Boavista	X

4 Portimonense-V. Setúbal	1
5 Gil Vicente-Lixa	2
6 Beira-Mar-Leixões	1

7 Feirense-P. Ferreira	1
8 U. Coimbra-Covilhã	X
9 U. Tomar-Torriense	2

10 Alcabça-U. Leiria	X
11 O. Moscavide-Elvas	X
12 C. Piedade-E. Amadora	1
13 Lusitano-Barreirense	1

Dois totalistas

Duas apostas com 13 resultados certos foram hoje apuradas no vigésimo quinto concurso do Totobola. A cada aposta cabe o prémio (provisório) de 4 028 867 escudos.

Com 12 resultados certos foram escrutinadas 116 apostas correspondendo a cada uma o prémio de 69 463 escudos, também valor provisório.

Um França-Portugal familiar

Perdoa, miúdo...

Perdoa, miúdo: enquanto tu, aí em França, vibravas pelos Platinis, Tiganas e Giressos eu, a dois mil quilómetros daí, esfarrapava-me todo pelos Jordãos, Euricos e Chalanas. Por uma vez, e embora tu e eu olhássemos com simpatia para as cores contrárias, quebrou-se o elo da nossa solidariedade. Há razões para tal.

Sabes, a vitória dos «Patrícios» tinha um significado particular. Para nós, portugueses, que andamos por esse mundo fora a ganhar um pão que, se as coisas fossem diferentes, podíamos ganhar na terra em que nascemos; que somos vítimas do racismo que alastra e condenados a fazer os trabalhos que os outros não querem fazer, a vitória sobre a França tinha um sabor a desforra.

Mais ainda: neste país onde a fome se instala e a liberdade se vê cada dia mais ameaçada (sabes, prenderam o Otelo e ameaçam-nos com uma liberdade vigiada...), a vitória teria um sabor (temporário, temporário...) igual àquele algodão doce que tu tanto gostas de comprar quando aqui vens e vamos à Feira Popular.

Ainda não acabei: tenho que somar a todas essas razões a necessidade de gritar «Estou vivo, existo!» de um povo cansado de sacrifícios, vítima da maior burocracia do mundo, rodeado de corruptos e oportunistas que quotidianamente, tal como vampiros, lhe sugam o sangue e a esperança.

Eu sei que tu não estás ainda muito por dentro destas coisas. As voltas que o mundo dá fizeram com que tu, apesar do sangue português que te corre nas veias, só aqui venhas no Natal e nas férias grandes. Não podes, nestas condições, ter uma perspectiva exacta do que aqui se passa.

Mas, também sei, que compreenderás facilmente as razões que me levaram, por uma vez, a não estar no teu campo. Vibrei com os golos do Jordão, as fintas do Chalana e as defesas do Bento, confesso. Não deixei de gritar «gatuno!» quando o árbitro, pareceu-me a mim, fez vista grossa a um «penalty» cometido contra o Jordão na grande-área de Joel Bats. Fiz isso tudo e não me arrependo.

Quando cá vieres — em Julho, não é? —, falaremos mais e melhor da minha falta de solidariedade para contigo.

Nesse dia, pedir-te-ei de viva voz, uma vez embargada pela emoção de te rever e pelo «crime» que cometi: «Perdão, meu filho!».

Manuel Anta

comunicar cada vez melhor



O maior Grupo Português de Telecomunicações e Electrónica Profissional com tecnologia própria. Somos uma organização 100% nacional assegurando mais de 3.700 postos de trabalho.

CENTRAIS TELEFÓNICAS, TELEFONES, RÁDIO, TRANSMISSÃO, SISTEMAS, TELEVISÃO, METALMECÂNICA, INSTALAÇÕES.

A qualidade dos nossos produtos é reconhecida nos cinco Continentes: Hong Kong, Iraque, Malta, Nova Guiné, Venezuela, Angola, Moçambique, Zimbábue, Irlanda, Reino Unido, Papua, Jordânia, Singapura, Tanzânia...



INDUSTRIA ELECTRÓNICA PORTUGUESA S.A. L.

Telex 31 31 71 - 33 10 51 Telex 12190 CAEPC P
Teleg. Centrel Lisboa
Apartado 1060 - 1002 LISBOA CODEX
Av. Infante D. Henrique, 333
1800 LISBOA



DESPORTO

Ciclismo: Grande Prémio "JN"

Louros para Eduardo Correia e para a equipa do Lousa

Terminou em ambiente de apoteose o 6.º Grande Prémio «Jornal de Notícias». Os louros do triunfo foram para Eduardo Correia (Sporting/Raposeira) que defendeu heroicamente os três segundos de vantagem que o separavam do seu mais directo adversário, (Fernando Carvalho (Ajact/Morphy Richards), e para a equipa do Lousa/Trinarianjus/IBA que venceu colectivamente e por margem que, «a priori», ninguém ousaria vaticinar.

No pódio instalado na Praça do General Humberto Del-

gado, em pleno «coração» do Porto, as honras foram, ainda, para o lousanense Carlos Santos que conquistou as camisolas verde (pontos) e rosa (metas-volantes), para o jovem

Manuel Cunha, da Ovarense/Herculano, que se impôs na montanha (camisola azul) e no combinado (branca) e para

Fernando Carvalho (Ajact/Morphy Richards) que além do segundo lugar na geral individual, alcançou também o Prémio da Juventude, simbolizado pela camisola roxa.

No aspecto desportivo, o 6.º Grande Prémio «JN» foi na verdade um êxito, já que a propalada superioridade leonina não foi tão evidente como isso, e, por outro lado, sobressaíram valores individuais e colectivos que em prestaram outro interesse à competição. É o caso da formação do Lousa/Trinarianjus/IBA que passou a liderar a prova a partir da Régua, jamais cedendo um milímetro que fosse para a equipa de Alvalade. Do mesmo modo, julgamos realçar o excelente comportamento da equipa da Ajact/Morphy Richards, que tendo alinhado apenas com cinco corredores, acabou por colocar dois deles (Venceslau e Fernando Carvalho) nos três primeiros lugares. Destaque ainda para a equipa da Ovarense/Herculano que teve em Manuel Cunha o seu «exponente máximo», embora ontem, como dissemos, Belmiro Silva tivesse aparecido no contra-relógio, feito à sua medida, reforçando assim a posição da turma de Ovar.

No capítulo técnico este Grande Prémio só terá «pecado» pelo facto de ter passado em dois troços que não constavam do livro oficial. Os enganados, porém, não tiveram qualquer influência no desfecho da corrida, sendo certo que a responsabilidade dos mesmos vai por inteiro para os batedores da GNR que enfiaram por onde não deviam. Uma última palavra para a forma como a corrida foi dirigida pelo jornalista Serafim Ferreira: simplesmente impecável, como impecável foi o trato dado aos jornalistas e a todos os elementos da caravana, numa demonstração de disponibilidade para colaborar com todos, sem trair a verdade da prova e, bem assim, o esforço dos heróis da estrada. Um bom prenúncio para a Volta a Portugal, que se avizinha, e cuja organização é também da responsabilidade da empresa do «Jornal de Notícias».

Geral Individual Final

1.º Eduardo Correia (Sport./Rap.), 24 h 56 m 4 s; 2.º Fern. Carvalho (Ajac./Morphy Rich.), a 0,3

s; 3.º Venc. Fernandes (Ajac./Mor. Rich.), a 0,16; 4.º José Xavier (Sport./Rap.), a 0,23; 5.º Manuel Cunha (Ovar./Hercul.), a 0,29; 6.º Fern. Fernandes (Lousa/Tri./Iba), a 0,51; 7.º Arm. Terebentino (Tav./Macal-Min.), a 2 m 8 s; 8.º Bel. Ribeiro (Maria J.A./Viag.), 2,19; 9.º Manuel Neves (Ovar./Hercul.), a 2,29; 10.º R. Terebentino (Coim./Café Gama), a 3,7;

Geral por Equipas Final

1.ª Lousa/Trinarianjus/Iba, 74 h 46 m 35 s; 2.ª Sporting/Raposeira, 74,51,52; 3.ª Ovarense/Herculano, 74,52,48; 4.ª Ajact/Morphy Richards, 74,55,06; 5.ª Coimbra/Herculano, 75,02,48; 6.ª Tavira/Macal-Minarelli, 75,03,25; 7.ª Maria J. Abreu Ld./Vigam., 75,07,35; 8.ª Olhanense/Algarve, 75,37,17 e 9.ª Paços de Ferreira, 76,18,30.

Geral por Pontos Final

1.º Carlos Santos (Lousa/Tri./Iba), 37 pontos; 2.º Ant. Fernandes (Olan./Algarve), 29 e 3.º Firmo Bernardino (Lousa/Tri./Iba), 23.

Geral do Prémio da Montanha Final

1.º Manuel Cunha (Ovar./Hercul.), 19 pontos; 2.º Carlos Santos (Lousa/Tri./Iba), 17 e 3.º Adel. Teixeira (Lousa/Tri./Iba), 15.

Geral das Metas-Volantes Final

1.º Carlos Santos (Lousa/Tri./Iba), 9 pontos; 2.º Jacinto Paulinho (Coim./Café Gama), 9 e 3.º Paulo Ferreira (Sport./Rap.), 7.

Combinado - Final

1.º Manuel Cunha (Ovar./Hercul.), 17; 2.º Carlos Lopes (Lousa/Tri./Iba), 20 e 3.º Venc. Fernandes (Ajac./Morphy Rich.), 24.

Prémio da Juventude Final

1.º Fer. Carvalho (Aj./Mor. Rich.).

Média geral final do Grande Prémio: 36,716 k/h.
Média geral final do Camisola Amarela: 36,525 k/h.



Em noite de boa inspiração os comandados do magnífico «expert» Torcato Ferreira golearam espectacularmente os italianos do Giovinazzo e asseguraram presença na Taça das Taças.

Hóquei em patins

Benfica e Sporting «rolam na Europa»

Mau grado o afastamento do Futebol Clube do Porto da Taça dos Clubes Campeões Europeus, o hóquei em patins português continua a «rolar sobre bem lubrificadas esferas» já que o Benfica e o Sporting estarão presentes nas finais das provas em que participam a nível europeu. A jornada de sábado decorreu assim:

Benfica «esmaga»

O Benfica ao golear no Pavilhão da Luz o Giovinazzo, de Itália, por 14-1, qualificou-se para a final da Taça das Taças em hóquei em patins.

O Benfica venceu ao intervalo por 2-0 e na segunda parte embolou para um triunfo por margem folgada, onde Rocha com oito golos se cotou como o melhor marcador. Os outros golos do Benfica pertenceram a Rui Baptista (três), Vítor Rosado (dois) e Garrido. Amato apontou o tento italiano.

O Benfica havia perdido o encontro da primeira «mão» em Itália, por 6-3, e venceu por 20-7 no total.

Sporting confirma

O Sporting também se qualificou para a final da Taça CERS ao bater o Voltregá, de Espanha, por 6-3, em jogo da segunda

«mão» da meia-final.

O Sporting, que em Alvalade vencera por 10-9, sentiu menos dificuldades do que se esperava acabando por triunfar por 16-12 no total.

Porto não resiste

O Barcelona, com uma desvantagem de cinco golos da primeira «mão», qualificou-se para a final da Taça dos Campeões Europeus ao vencer (em casa) o FC Porto por 9-1. Os catalães, crónicos campeões da Europa, garantiram a presença na final com 12-9 no conjunto dos dois jogos. Depois de uma vitória por 8-3, há uma semana nas Antas, o FC Porto foi traído por um árbitro demasiado caseiro (o alemão federal Brune) que na primeira parte tudo permitiu aos espanhóis. Assim foi sem espanto que o Barcelona chegou ao intervalo a ganhar por 5-0, tendo, deste modo anulado a desvantagem trazida de Portugal.

No início do segundo tempo, o Barcelona elevou para 6-0, mas o FC Porto, mais ofensivo, reagiu e Vítor Hugo reduziu, até que, nos quatro minutos finais, Pauls, por duas vezes e Ayats estabeleceram o resultado final: 9-1.

Na final o Barcelona defrontará vencedor da outra meia-final entre os espanhóis do Liceu da Corunha e os ingleses do South-sea.

Atletismo

Rita Borralho triunfa na Bélgica

Rita Borralho venceu ontem a prova de estrada «20 quilómetros de Antuérpia» no tempo de uma hora 13 minutos e 35 segundos.

Na maratona de Antuérpia, corrida ao mesmo tempo, Gual-

dino Viegas ficou em quarto lugar com 2.16,18 e Manuel Leite em décimo com 2.25,03.

A prova masculina foi ganha pelo inglês Sarlimans com 2.15,57.

Piquet vence G.P. de Detroit

O brasileiro Nelson Piquet, em Brabham, venceu ontem o Grande Prémio de Fórmula Um de Detroit.

Piquet, actual campeão mundial, manteve a liderança durante toda a prova de que ocupou a «pole position», e venceu o seu segundo Grande Prémio consecutivo, depois de seis corridas sem pontuar.

Apenas seis carros terminaram este oitavo Grande Prémio do campeonato mundial, com o jovem Martin Brundle, em Tyrrel, em segundo lugar.

O italiano Elio de Angelis, em Lotus, foi terceiro, seguido de Teo Fagi, Brabham, Alain Prost, McLaren e Jacques Lafite, Williams.

Colectividades

● A ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA DE OEIRAS vai organizar um torneio de futebol de salão que terá início no próximo dia 2 de Julho. O objectivo consiste na

organização de fundos e as inscrições encontram-se abertas, na sede da Colectividade. Palácio do Egipto, Oeiras, até ao dia 29 do corrente.

Futebol de «consumo interno»

Disputou-se, ontem, mais uma jornada dos torneios complementares tendo-se verificado os seguintes resultados:

I Divisão Zona Norte

Salgueiros - Boavista 2-2; Sporting Braga - Vitória Guimarães 2-0; Varzim - Sporting de Espinho 4-2. Classificação: 1.º Varzim, 12 pontos; 2.º Espinho, 10; 3.º Boavista, 9; 4.º Guimarães, 7; 5.º Salgueiros, 6; 6.º Braga, 4.

Zona Sul

Portimonense - Vitória de Setúbal 2-1; Classificação: 1.º Vitória de Setúbal, 8 pontos; 2.º

Agueda, 5; 3.º Portimonense, 4; 4.º Farense, 3.

II Divisão Série A

Gil Vicente - Lixa 0-1; Tirsense - Valdevez 4-2; Classificação: 1.º Lixa, 9 pontos; 2.º Gil Vicente, 8; 3.º Fafe e Tirsense, 6; 5.º Valdevez, 3.

Série B

Beira-Mar - Leixões 1-0; Feirense - Paços de Ferreira 3-1; Valonguense - Sanjoanense 2-1; Classificação: 1.º Leixões, 12 pontos; 2.º Paços Ferreira, 11; 3.º Sanjoanense, Beira-Mar

e Valonguense, 7; 6.º Feirense, 4.

Série C

União Coimbra - Sporting Covilhã 1-1; Guarda - Benfica Castelo Branco 2-3; Classificação: 1.º Sporting da Covilhã, 10 pontos; 2.º União de Coimbra, 8; 3.º Guarda, 6; 4.º Benfica Castelo Branco, 5; 5.º Académico de Viseu, 3.

Série D

Rio Maior - Naval 1.º de Maio 0-3; União Tomar - Torreense 3-5; Ginásio Alcobaça - União Leiria 2-2.

Classificação: 1.º União de Leiria e Torreense, 13 pontos; 3.º Naval 1.º Maio, 9; 4.º Ginásio

Alcobaça, 8; 5.º União Tomar, 3; 6.º Rio Maior, 2.

Série E

Oliveiras e Moscardine - «O Elvas» 1-1; Cova Piedade - Estrela Amadora 5-1; Odivelas - Sacavenense 1-2.

Classificação: 1.º «O Elvas», 12 pontos; 2.º Oliveiras e Moscardine, 10; 3.º Estrela Amadora e Sacavenense, 7; 5.º Odivelas e Cova Piedade, 6.

Série F

Lusitano Évora - Barreirense 1-0; Esperança Lagos - Olhanense 4-1.

Classificação: 1.º Lusitano Évora, 10 pontos; 2.º Amora, 8; 3.º Barreirense, 7; 4.º Esperança de Lagos, 4; 5.º Olhanense, 3.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Opiniões dos outros

Julgo contribuir para maior reflexão sobre o fenómeno TV, transcrevendo opiniões de consagrados estudiosos. Aqui estão algumas.

A CASA DE BANHO

«A Televisão não é uma jaula aberta para o mundo, mas apenas um periscópio que as pessoas tiram do seu submarino pessoal para mergulhar no oceano do social. É uma imagem bem menos sedutora, mas creio que verdadeira. A Televisão permite que as pessoas aprisionadas em seus pequenos apartamentos participem de todos os acontecimentos, sejam eles desportivos, políticos, trágicos ou artísticos. Com o simples gesto de apertar o botão da sua TV, eles ouvirão de descobertas submarinas, da Lua, dos quadros de

pintores famosos, do último filme francês e da última partida da selecção. Mas todos esses acontecimentos são armazémados em seu cérebro de uma maneira desordenada e superficial, formando uma cultura que eu chamo de cultura em mosaico, isto é, feita de pequenos pedaços de conhecimentos como os ladrinhos que decoram a nossa casa de banho».

(Entrevista de Abraham Mole para a revista VEJA)

VIOLÊNCIA

«A violência é tão enraizada

na vida americana que parece brincadeira imaginária directamente relacionada com a televisão. E isso como se a televisão não fosse também parte do sistema»

(João Rodolfo do Prado, «TV QUEM VÊ QUEM»)

BONDAD E MALDADE

O jornalista colombiano Luiz Beltrán destacou que no continente existe um monopólio informativo nas mãos de duas agências americanas, afirmando que estes organismos de comércio noticioso mundial governam o tráfico de notícias na América Latina a um nível alarmante.

«A sorte das crianças imobilizadas pelo aparelho de televisão não foi melhor que a de seus pais e, por exemplo, em Caracas comprovaram que o

«bom herói» é mais de 86 em cada cem vezes, americano e apenas 7,9 por cento venezuelano.

«A bondade reflecte-se nas imagens como traço predominante dos brancos e dos ricos, enquanto a maldade é abundante entre negros e pobres.

«As conclusões de Beltrán afirmam que o conteúdo da televisão é alienatório porque, dado que procede, em muito alta percentagem, de fontes de produção extra-regionais propõe aos telespectadores, mais subtil que abertamente, valores alheios às culturas dos países latino-americanos e que, em muitos casos, se chocam em estereótipos negativos de ordem social e em esquemas de discriminação social. Não propiciam, em contraposição, a divulgação de valores próprios.

(João Rodolfo Prado, Idem)

crítica de teatro

CARLOS PORTO

O poder da carroça

«A CARROÇA DO PODER», de George Bernard Shaw. Tradução: Jaime Salazar Sampalo e Luísa Galolas. Encenação, cenografia e figurinos: Herlânder Peyroteo. Assistência de encenação: Maria Amélia Matta. Interpretação: António Rama, António Sarmento, Rui de Carvalho, Lygia Teles, Carla Maria, Carlos Cabral, António Anjos, Carlos Duarte, Costa Ferreira, Barroso Lopes, Irene Isidro, Catarina Avelar, Alberto Vilar, Mário Pereira, Paula Mora, Victor Ribeiro. Teatro Nacional D. Maria II. 24.5.1984.

Pode fazer-se um jogo, assaz curioso, sobre o título do espectáculo do Teatro Nacional D. Maria II. É que carroça tem, como veículo de transporte, um toque anacrónico que parece servir perfeitamente tanto para o texto de Bernard Shaw como para a encenação de Herlânder Peyroteo.

A primeira dúvida que se levanta é esta: o que terá levado os responsáveis do «D. Maria» a propor esta peça aos espectadores daquele teatro? Sabe-se que existem centenas de peças interessantes, inclusive algumas daquele autor, que não são representadas (e muitas não o serão nunca), e por isso a dúvida parece-me legítima. É que não se vê o que haja na peça de interessante para o espectador português, a não ser o de apreciar o humor de Bernard Shaw, o que sendo bom não me parece suficiente para justificar a montagem deste texto. É claro que

uma outra razão subsiste: as claras conotações políticas de «A Carroça do Poder» em relação à situação política portuguesa, conotações tão claras que permitiram a uma conhecida jornalista política (Fernanda Mestrinho) escrever um artigo em que descreve a acção da peça como se analisasse os pontos de fricção da nossa actualidade política, em especial no que se refere às relações entre os vários poderes institucionais.

Se esta razão me parece digna de uma grande vénia (tenho uma grande consideração pelo senso de humor), não elimina as dúvidas que subjazem nesta opção: porque esta peça?

Herlânder Peyroteo aproveitou o material humano de que dispunha para tornar ainda mais plausível (e por isso mais caricata) a citada razão optativa. Rui de Carvalho surge como um rei aburguesado, sério, tranquilo, um poder de encaixe e uma capacidade de humor dignos de registo; o primeiro-ministro é tão tolo como o modelo que se imagina (mas será possível? devo estar a exagerar e Carlos Cabral que me perdoe o exagero); Mário Pereira tem um dos seus melhores trabalhos numa das personagens que reflectem o carácter viperino do autor. À volta destes, e das senhoras, entre as quais

haverá uma qualquer Tatcher de serviço, decorre este jogo de anedotas que é por vezes bastante saboroso.

No que Herlânder Peyroteo parece ter acertado foi no espaço cénico: um palácio em ruínas e em obras, o que é uma ideia, também ela, bastante conotativa! O espaço dos amores clandestinos do rei, com o seu véu diáfano, é um outro bom achado.

Enfim este espectáculo do Teatro Nacional D. Maria II é um interregno numa temporada também ela intercalar. Esperemos que novos tempos, e novos ministros venham permitir que aquela companhia cumpra a missão para que deve estar vocacionada: apresentar teatro nacional e os grandes textos da dramaturgia mundial.

Desenho, pintura, escultura...

Inscrições para os «ateliers» do AR.CO abrem a 2 de Julho

Vão abrir no próximo sábado, dia 2 de Julho, as inscrições para a frequência dos «ateliers» semestrais de formação aprendizagem organizados pelo AR.CO nos sectores de Desenho, Desenho Gráfico, Escultura, Fotografia, Ourivesaria e Pintura.

Iniciando-se em 8 de Outubro, estas oficinas funcionam, como

habitualmente, em horários diversificados, podendo, por isso ser frequentados isolada ou conjuntamente, de acordo com os objectivos e disponibilidades dos interessados.

Os sectores de formação/aprendizagem do AR.CO são orientados, respectivamente, por Rui Aço (Desenho), Vítor Simões (Desenho Gráfico), Graça Costa

Cabral (Escultura), Manuel Silveira Ramos (Fotografia), Tereza Seabra (Ourivesaria) e José Mougan (Pintura).

Todos os interessados poderão obter mais informações dirigindo-se à Secretária do AR.CO (Rua de Santiago 18, ao Miradouro de Santa Luzia) ou através dos telefones 463355/872749.

SE VOCÊ PRECISA DE ANDARES, LOJAS, ESCRITÓRIOS OU ARMAZÉNS, ENTÃO NÃO COMPRE SEM NOS CONSULTAR, TEMOS TUDO O QUE VOCÊ SONHOU

NO LABANJEIRO

Andares de 3 e 4 assoalhadas, edifícios prontos a habitar

EM PAIVAS AMORA

Andares de 4 assoalhadas, lojas c/armazéns

EM SETUBAL

Temos somente para venda 2 andares de 3 assoalhadas

EM BEJA

e 2 de 4 assoalhadas, escritórios e um armazém Na Urbanização dos FALCÕES Mira-Serra, temos andares de 2-3-4 e 5 assoalhadas c/e sem arrecadação, lojas desde 96 m² a 331 m²

JURO BONIFICADO

CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA EMIGRANTES

Escr.: R. das Flores, Lote 20

Tel.: 221 17 61

Paivas-Amora 2840 SEIXAL

DELEGAÇÃO: Urbanização Falcões — Tel.: 08 42 59 04 — 7800 BEJA

Hoje

RTP1



Carlos Cruz apresenta mais um programa do concurso «Um, dois três», através da RTP

Das 13.35 às 17.70 Ciclo Preparatório TV

17.37 Curso de Inglês

18.05 Notícias

18.10 3, 2, 1, Contacto

18.40 Telerregiões

19.05 «A Balada de Hill Street»

20.00 Telejornal

20.30 Direito de antena — com o Partido Socialista

20.45 «O Bem Amado» — episódio n.º 46

21.25 Concurso 1, 2, 3. O programa de hoje conta com a participação do Centro Cultural de Évora, com os famosos Bonecos de Santo Aleixo, do Grupo de Dança do ISEF e de Lydia Barloff

23.45 Últimas notícias

RTP2



No programa da Música da RTP-2 desta noite poderemos ver uma fantasia musical intitulada «Gustavo III — Adeus a um rei de Teatro»

19.32 Notícias

19.40 Folclore Danças e cantares

20.10 O traje em Portugal. «Diz-me o que vestes, dir-te-ei quem és»

21.10 Desenhos animados «Guerra dos Sexos» (episódio n.º 41)

22.15 Jornal da Noite

22.45 ... da Música. Gustavo III — «Adeus a um rei do Teatro». Participação especial do Coro Adolf Frederik Bach e da solista Margot Rodin. No papel principal o actor Sven Lindberg

Amanhã

RTP1

RTP2

17.37: Follow me; 18.05: Notícias; 18.10: Candy; 18.40: Telerregiões; 19.05: O Barco do Amor; 20.00: Telejornal; 20.35: O Bem Amado; 21.10: Três gerações do fado; 22.20: Primeira Página; 23.15: Últimas notícias.

19.32: Notícias; 19.40: Portugal Romano; 20.10: Adágio; 20.40: D'Hoje pr'amanhã; 21.30: Guerra dos Sexos; 22.15: Jornal da Noite; 22.45: A Balada de Hill Street.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP1

Concurso
1, 2, 3
(21.25)

RTP2

... Da Música
(22.45)

O BEM-AMADO!!

Dirceu diz a Juarez que chegou um telegrama em que anunciam que as vacinas chegarão no dia seguinte. O médico pede-lhe para que assim que chegarem as vacinas ao posto porque recela que a epidemia esteja. Em casa das solteiras, Odorico é muito bem recebido e não deixa de ironizar por Jujú ter sido enganada pelo primo Ernesto. Teima sente-se comovida com o amor que Neco manifesta por ela, mas fica tensa ao ouvi-lo falar em abandonar a cidade para sempre. Dirceu está muito preocupado por colaborar com o prefeito ao seconder do médico as vacinas. Odorico manda alguns homens fazerem desaparecer as vacinas e Dirceu olha-o angustiado.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



Teatro
Vasco Santana

Apresenta



«QUANDO A BANDA TOCAR»

HOJE ÀS 21.30 h.

Texto, direcção e encenação de Luzia Maria Martins todos os dias às 21.30 excepto às 2.ªs feiras. Matinée aos domingos.

20.º ANIVERSÁRIO
Desconto de 50% para estudantes, sindicatos, comissões de trabalhadores etc...
Sub/Mont.

A retirada americana da Unesco

Continuação da pág. 2

fundidas em todos os países?
A.M. — Em todos sem restrições.

A Agência Latino-Americana dos Serviços de Informação (ALASEI) também funciona na cidade de México desde fins do ano passado. Demos a nossa cooperação à CANA (Agência de Notícias das Caraíbas) e à ANN, que é uma agência dos países da Ásia.

A existência destas agências nem sempre garante o desenvolvimento da informação nas regiões interessadas, principalmente devido ao custo elevado da transmissão das notícias. As tarifas de transmissão das notícias dos países em desenvolvimento, entre si, e desses países para os países industrializados, são, em geral, mais elevadas do que os praticados nos países industrializados. O problema há muito que está em estudo, principalmente em cooperação com a UNESCO e os ministros da informação e das telecomunicações dos países não-alinhados, reunidos no Cairo em 9 e 10 de Maio, acabam de tomar medidas importantes a este respeito. Eles decidiram, com efeito, reduzir pelo menos em 50% as tarifas de transmissão das notícias entre os seus países respectivos, e estabelecer um grupo de trabalho encarregado de estudar a questão das tarifas relativas à transmissão das notícias e dos programas televisados.

Claro que a criação de agências de imprensa nos países em desenvolvimento não deveria impedir as agências de imprensa de outras regiões de operar nas mesmas zonas, e vice-versa. Não há, com efeito, razão nenhuma para que as agências de informação dos países em desenvolvimento também possam operar nos países industrializados. Assim, a informação poderá

desenvolver-se em condições de um melhor equilíbrio.

A UNESCO ajuda os meios de Comunicação

— *Pensa que os países que trabalhassem nessa nova ordem mundial da Informação e da Comunicação se sentiriam depois mais voltados para a liberdade de Informação?*

AM — Essas questões têm de ser abordadas sem preconceitos. Há países onde o pluralismo dos meios de Informação é assegurado, outros onde não o é, outros ainda onde a liberdade é restrita. Em certos países, a ausência de meios de Informação regulares não significa que a Informação não circule. As comunicações orais são decerto mais utilizadas nos países em desenvolvimento do que nos industrializados. Não se pode acaimar um povo e impedi-lo de comunicar quando ele tem vontade de o fazer. Depois, o transistor existe por todo o lado e nenhum governo pode impedir quem quer que seja de escutar as notícias vindas de fora.

Sobre os meios modernos de Informação, tem que se ver a realidade das coisas e é isso que a UNESCO se esforça por fazer. A maior parte dos meios de Informação dos países outrora colonizados foram criados pelos colonizadores. Quando esses países se tornaram independentes, utilizaram-nos com os mesmos métodos, sem mudar quase nada. De resto, nesses países não há geralmente capitais que permitam desenvolver meios de Informação privados. Para mais, muitos deles não têm especialistas da Comunicação em número suficiente. O que a UNESCO faz, e é aí que ela dá uma contribuição preciosa para o desenvolvimento da liberdade da Informação, é dar a sua ajuda ao desenvolvimento dos meios de Comu-

nicação de massa nesses países.

No que diz respeito ao problema de fundo, não penso que a liberdade de Informação seja unicamente ligada à propriedade dos «meios». Não faltam exemplos em que os «meios» criados por governos asseguram uma Informação independente e livre, tal como não faltam órgãos de Informação criados por grupos ou particulares que não toleram uma Informação oposta aos seus pontos de vista ou aos seus interesses. A liberdade da Informação parece-me depender, sobretudo, da possibilidade dada aos jornalistas de fazer o seu «metier» com toda a independência.

— *Resta que, em circunstâncias dramáticas é difícil imaginar que um governo proprietário de um «meio» deixe, na verdade, esse «meio» importante.*

AM — Eu não queria referir-me a um país especial. Mas, em todo o mundo, a Comunicação tornou-se um dos domínios tão essenciais e fundamentais da vida social e mesmo económica, que todos os grupos — políticos, governamentais, privados — se esforçam por influenciar o conteúdo e orientar a Informação difundida pelos «meios» num sentido conforme com os seus pontos de vista e os seus interesses. Podem surgir pois contradições e até conflitos entre as autoridades estabelecidas, os grupos de interesses e os que trabalham nos «meios». Os trabalhadores dos «meios», é preciso ter a honestidade de o reconhecer, nem sempre são isentos de críticas.

Creio que a UNESCO pode, em todo o caso, fazer aí qualquer coisa. Ela foi criada para contribuir para favorecer o conhecimento e a compreensão mútua das nações, e para facilitar a livre

circulação das ideias pela palavra e pela imagem.

Eliminar o analfabetismo

— *P-Também há o problema do analfabetismo...*

AM — Um dos objectivos da UNESCO é imprimir um impulso vigoroso na educação popular e na difusão da cultura, ajudando os Estados membros a desenvolver a sua acção educativa.

A alfabetização ocupa pois um lugar importante nos seus programas, principalmente através da Rádio e da Imprensa escrita. A UNESCO ajuda muitos dos seus Estados membros a desenvolver, em particular, uma imprensa rural nas línguas faladas pelas populações, e nas quais foram alfabetizadas. Os jornais são inteiramente preparados pelos próprios adultos que escrevem os artigos, os imprimem em material simples e asseguram a sua difusão.

Para além do programa vulgar da UNESCO, o programa internacional de desenvolvimento da Comunicação (PIDC) traz o seu concurso a numerosos projectos dessa natureza. O PIDC, cujo conselho acaba de terminar os seus trabalhos em Paris, examinou 81 projectos e aprovou 76,63 dos quais são novos. Muitos desses projectos dizem respeito a meios de Comunicação (livros, Rádio, Televisão), a formação em todos os domínios da Comunicação. Mas se os meios se mantêm limitados, não vejo razão para que o PIDC não dê o seu concurso a agrupamentos de jornalistas que desejam desenvolver a Imprensa onde ela não existe ou onde é insuficiente.

Entrevista conduzida por André Fontaine e Bernard Brigueux

Exclusivo «Le Monde»/«DL»

Analfabetismo cresce nos países da CEE

O mundo ocidental está a lutar de novo com um problema crescente que se julgava já morto: o analfabetismo.

Segundo as últimas estatísticas, entre os 270 milhões de habitantes da CEE há pelo menos 21 milhões de analfabetos ou semianalfabetos. Mas os especialistas dizem que o seu número será muito maior porque muita gente oculta, por vergonha, que não sabe ler nem escrever.

Os números disponíveis sobre os Dez países membros da Comunidade Económica Europeia variam. Assim, por exemplo, na Alemanha Federal, onde há anos se pensava não haver analfabetos, existem entre 600 mil a três milhões.

Na Grã-Bretanha há dois milhões, na Holanda 400 mil, e na França dois milhões. Nos dois primeiros países há ainda mais 350 mil trabalhadores estrangeiros que não sabem ler nem escrever. Aliás, todos os quatro países possuem em comum um grande número de imigrantes.

A grande variação nos números de analfabetos não reside somente no pudor das pessoas inquiridas. Há que considerar outros critérios, como por exemplo quem se pode considerar hoje em dia como analfabeto.

Para além dos que não sabem ler nem escrever incluem-se geralmente neste grupo as pessoas que terminaram a instrução primária praticamente iletradas e que rapidamente esqueceram o que lá aprenderam.

Hoje em dia há um novo tipo de analfabetos: os funcionais, pessoas que são incapazes de manejar os modernos meios de informação, como

por exemplo computadores ou mesmo telex. Por isso se pode afirmar que agora o analfabetismo já não é exclusivamente a falta da formação que impede uma pessoa de ler e de escrever.

O moderno analfabetismo está estreitamente relacionado com a evolução sociológica e social da sociedade industrial, e devido ao qual as pessoas correm o risco de ficarem marginalizadas.

Os ministros da Educação dos Dez ocuparam-se recentemente deste assunto numa reunião no Luxemburgo, tendo-se mostrado tão reservados nas suas conclusões como os analfabetos envergoados. Nenhum deles falou em público sobre a precária situação no sector da formação.

Os ministros limitaram-se somente a anunciar conclusões do tipo geral. Foram no entanto encarregados pela comissão da CEE de elaborar até finais de 1985 um estudo panorâmico sobre os progressos na luta contra o analfabetismo nos países do Mercado Comum.

As investigações até agora realizadas em alguns países membros só oferecem pontos de referência. Assim, por exemplo, na Bélgica, os únicos instrumentos dignos de crédito para as estatísticas são os testes a que são submetidos os recrutas ao ingressarem na vida militar.

De acordo com um cálculo por alto obtido a partir destes testes, 168 mil dos nove milhões de belgas são analfabetos. Outros inquéritos falam no entanto em 360 mil.

A Itália, apesar dos grandes sucessos conseguidos para tentar acabar com o analfabetismo, continua à cabeça

EXTERNATO

MARQUÊS DE POMBAL

R. MORAIS SOARES, 93 - LISBOA - (AO CHILE) - TEL. 3 834658 - 831416

PREPARATÓRIO-UNIFICADO GERAL-COMPLEMENTAR 12.º ANO-ADM. UNIVERSIDADE

DIURNO - NOCTURNO
INSCRIÇÕES ABERTAS PARA O ANO LECTIVO 1984/85

OLHE O PERIGO DE FRENTE!



COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	86\$00	92\$00
ALEMANHA FED (marco)	50\$85	51\$95
ÁUSTRIA (xelim)	7\$15	7\$35
BÉLGICA (franco)	2\$331	2\$535
BRASIL (cruzeiro)	\$046	\$076
CANADA (dólar — notas de 1 a 2)	10\$820	11\$020
(notas de 5 a 1000)	10\$870	11\$070
DINAMARCA (coroa)	13\$85	14\$25
ESPAÑA (peseta)	\$862	\$982
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	141\$55	143\$55
(notas de 5 a 1000)	142\$05	144\$05
FINLÂNDIA (marka)	24\$00	24\$60
FRANÇA (franco)	16\$55	17\$25
HOLANDA (florim)	45\$05	46\$05
IRLÂNDIA (libra)	15\$825	16\$025
ITALIA (lira)	\$075	\$085
JAPÃO (iene)	\$574	\$609
NORUEGA (coroa)	17\$95	18\$45
REINO UNIDO (libra)	19\$55	19\$75
SUECIA (coroa)	17\$25	17\$85
SUIÇA (franco)	61\$15	62\$25
VENEZUELA (bolivar)	7\$65	\$965

Observações:
1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

rádio

«ANTENA UM»

16.00: «Musicomania» Raul Durão;
18.00: Noticiário «A Gaita dos Sete Foles»;
19.00: «Informação e Música»;
20.00: Folhetim: «A Tragédia da Rua das Flores», romance de Eça de Queiroz;
20.25: «No Estúdio e no Estádio» (Inf. Desportiva — 2.ª edição);
20.35: «Música portuguesa»; 21.00: «Dinamarca — Pátria dos Vikings»; 21.30: «Noites de Luar»; 23.00: Títulos do último jornal; 23.20: «Diário do Europeu».
Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas

Programa 2

15.45: Sinfonia n.º 6 em lá menor de Mahler; 17.10: Solos — Suite n.º 4 em mi bemol BWV 1010 de Bach; 18.05: Obras de Haydn; 19.00: Terra-viva, planeta azul; 19.30: Morte e Transfiguração Op. 24, de Richard Strauss; 20.10: Música de tecla. — Variações Goldberg BWV 988, de Bach. — Coral: «Ich hab Mein Sach Gott Heimgeleitet», de Delphin Strumig; 21.00: O canto e os seus intérpretes; 22.00: Tempo de bailado; 22.50: Sonata n.º 6 em ré maior de Handel; 23.00: Intercâmbio musical. O Outono na Estíria 1983 em gravações cedidas pela ORF, Radiodifusão Austríaca. 1.ª PARTE: — «Sentimenti di Carl Philipp Emanuel Bach, de Hans Werner Henze. — Chaconne, de Franz Cibulka. INTERVALO. — Concerto Royal n.º 4, de Couperin. 2.ª PARTE: — Música para Orquestra de Câmara de Dobrowolski — 2 canções de Fabio Nieder sobre textos de Heine. — Ária de Concerto, de Fabio Nieder; 00.05: Música; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RADIO COMERCIAL

14.00: «Matinée»; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Programa de «Sport Lisboa e Benfica»; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca (2 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Desporto; 23.00: 24.ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-ESTÉREO

15.00: O Vapor; 16.00: O Som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em Órbita; 20.00: Um programa de José Ramos; 21.00: Jazzfone; 22.00: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14 068

HORIZONTAIS:

- 1 Resmungar. Aquele que.
- 2 Agora. Recusa. Cólera.
- 3 Move os remos. Reis. Zomba.
- 4 Aqui. Saboreia. Autores.
- 5 Classe de tropa. Uma das Cicladés. Reis.
- 6 Artigo definido. Senhora.
- 7 Cercar.
- 8 Branqueamento. Cinquenta e um em romano. Negativa.
- 9 Verbais. Doutores.
- 10 Estro. Espécie de forragem.
- 11 Európio. Transpiras. Chefe etíope.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9918

HORIZONTAIS

- 1 Termina. Pesquisas.
- 2 Limpe com água. Feiticeiro.
- 3 Gemera. Colocarás.
- 4 Pálos de certos animais. Pronome pessoal.
- 5 Nesse lugar. Ronha (no cavalo). Nota musical.
- 6 Passada.
- 7 Amanhã. (ant.). Escarnecem.
- 8 Pronome relativo. Vazios.
- 9 Cantão da Suíça. Rio de Portugal. Sufixo que designa abundância.
- 10 Vagueias. Rede de arrastar.
- 11 Sacerdote muçulmano. Limpar metais.

VERTICAIS:

- 1 O mesmo que morcão. (indolente). Toma como alimento.
- 2 Limpar com areia. Solitário. Cidade da China.
- 3 Figura que simboliza o povo americano. Sarracenos.
- 4 Causas agastamento a.
- 5 Prefixo de privação.
- 6 Rádio (s.q.). Assinala.
- 7 Nascimento de um astro. Alegrias.
- 8 Peneira.
- 9 Interjeição de dor. Vigiar.
- 10 Vagueira. Esquilo lanoso.
- 11 Romance de Eça de Queiroz. Costuras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 067

HORIZONTAIS:

- 1 QUEM. QUER.
- 2 Urna. Uru. Qa.
- 3 Idas. Rue. Ua.
- 4 Cl. Campares.
- 5 Hama. Es. Rs
- 6 Usar. Id.
- 7 Cabaça. Mm.
- 8 Médios. Má.
- 9 Veros. Acne.
- 10 Oscar. CD.
- 11 Itu. Atascar.

VERTICAIS:

- 1 Quichua. VAI.
- 2 Urdias. Me.
- 3 Ema. Macerou.
- 4 Mascarados.
- 5 As. Bisca.
- 6 QUEM. NÃO. AI.
- 7 Urupe. Cs. Rã.
- 8 Eurásia.
- 9 MCCC
- 10 QUER. MANDA.
- 11 Usassem.

Provérbio: QUEM QUER VAI QUEM NÃO QUER MANDA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

- 1 Nadar. Papão.
- 2 Amas. Bani.
- 3 Tom. Mão. La.
- 4 Aramariamos.
- 5 Sor. Rua.
- 6 Re. Arrã.
- 7 Gane. Medo.
- 8 Ale. Uma Sal.
- 9 Ra. Traça. Ga.
- 10 Riria. Am. Ai.
- 11 Assa. Essa.

VERTICAIS:

- 1 Natal. Garra.
- 2 Amor. Calais.
- 3 Damas. Ne. Rs.
- 4 As. More. Tia.
- 5 Maré. Uia.
- 6 Bar. Ema.
- 7 Ora. Aca.
- 8 Ora. Aura. Ame.
- 9 Palmares.
- 10 Anão. Adagas.
- 11 Oliss. Olaia.



cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
Int. men. 13 anos
A SOMBRA DO PASSADO

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- M. 18 a.
MONTY PYTHON, O SENTIDO DA VIDA
Realização de Terry Jones
Comédia

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30, 21.30
M. 18 anos
BRIGADA ANTI-CRIME

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
Mai. 16 anos
PORKY'S II
11.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
Int. men. 13 anos
O DRAGÃO DO LAGO DE FOGO

CASTIL 530194

R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. acons. men. 18 anos
10 - UMA MULHER DE SONHO

CINE BLOCO 558824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
Mai. 12 anos
LAÇOS DE TERNURA
Às 24.00 h
GALAXIA - A MULHER DO ANO 3000

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
A ILHA DOS URSOS

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
M. econ. men. 10 anos
AVENTURA DO POSEIDON
Às 24.00
BUTCH CASSIDY E O KID

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30, 21.30 h
Mai. 16 anos
A ESCOLA DO DEVER

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30, 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
PORKY'S
Às 24.00
007 - MOONRAKER

CONDES 322573

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
VIOLÊNCIA E SEDUÇÃO

2000 210055

Av. B. Voluntários, lts 113/4

15.30, 18.30 e 21.30
Maiores 12 anos
MILAGRE DE AMOR

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
OS DOIS MAGOS DA BOLA

ESTÚDIO 555134

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. acons. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
100.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Mai. 16 anos
A IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1
Às 15.00, 18.00, 21.30 e 24.00
Não acons. m/13 anos
PAPILLON
com Steve McQueen
e Dustin Hoffman

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45
Maiores de 16 anos
VIOLÊNCIA E SEDUÇÃO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 21.15 h
Não acons. men. 13 anos
A FILHA DE RYAN

LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30 h
Mai. 12 anos
A FÚRIA DO GUERREIRO

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
POR FAVOR NÃO TATEM O DENTISTA

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
STAR 80, A TRAGÉDIA

ODEON 328283/4

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 18 anos
AS MOTOS DA MORTE

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14.00, 16.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
FURACÃO NO ASFALTO



Uma cena do filme «Identificação de uma mulher» realizado por Michelangelo Antonioni em exibição no Quarteto e Estúdio 444

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h
Não acons. men. 18 anos
HARRY O IMPLACÁVEL

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15
Maiores 16 anos
OUTRA FORMA DE AMAR
Às 23.30
Maiores 16 anos

A MAIS LOUCA AVENTURA DE BEAU GESTE

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Maiores 16 anos
PAIXÃO
Às 23.30
Maiores 18 anos
A CIDADE BRANCA
SALA 3
Às 14.00, 16.30, 19 e 21.30
Maiores 16 anos
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
Às 24.00
VIOLÊNCIA E PAIXÃO

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Maiores 16 anos
A MULHER EM CHAMAS
Às 23.30
Maiores 18 anos
RIO SEM REGRESSO

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
(M. 6 anos)
O REI DA COMÉDIA
c/Robert De Niro e Jerry Lewis
Às 24.00
A ÚLTIMA VAGA

ROMA TEL. 727778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30 horas
Maiores de 16 anos
Nunca um objectivo foi tão importante... e perigoso!
OS COMANDOS DA NOITE
Com Gene Hackman

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
A ILHA AZUL

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Às 15.30, 18.15 e 21.30 h
Int. men. 13 anos
NA CALADA DA NOITE

SALA 2

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.45
- M. 12 A.
YENTL
c/ Barbra Streisand

SALA 3

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.15
Maiores de 12 anos
O COMPANHEIRO
Com: Albert Finney e Tom Courtenay

7.ª ARTE 730715

Av. República, à E. Entre Campos, junto ao n.º 63

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 horas
(Maiores 18 anos)
MONTYPYTHON'S - O SENTIDO DA VIDA
Domingo, às 11.15 matiné infantil
FESTIVAL BUGS BUNNY

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15.00, 18.45 e 21.30
Maiores 12 anos
A EDUCAÇÃO DE RITA

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
M. 12 anos
WAR GAMES

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, lote 879

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
Int. men. 13 anos
PERIGO IMINENTE

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Estreia do ciclo de Roman Polanski-(1.ª Semana)
POR FAVOR NÃO ME MORDA NO PESCOÇO
Secundado por Sharon Tate

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Porky's II» às 21.30 (16 anos)
ALFA 2 - «Laços de ternura» 21.45 (16 anos)
ALFA 3 - «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
OLIMPIA - «Matulões Alugam-se» sessões permanentes (18 anos)
CITY CINE - «Frankenstein Júnior», às 21.30 (13 anos)
TERMINAL - Star 80 a tragédia 21.30 (16 anos)
ALFA-CLUB - «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)
LONDRES - «Infielmente Tua», às 21.30 (12 anos)
TIVOLI - «Porky's II» às 21.30 (16 anos)
APOLO 70 - «Aconteceu... no Oeste» às 21.15 (13 anos)
CAPITÓLIO - «As Devassas» às 21.00 e 23.00 (18 anos)
RESTELO - «Feliz Natal Mr. Lawrence» às 21.30 (16 anos)
MUNDIAL - «Quo Vadis» às 21.30 (13 anos)
CINE ESTÚDIO - ACS - «Urgu - A Music War», às 21.15 (13 anos)
ZODÍACO - «A Passagem», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «Dragão Implacável» às 21.30 (18 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA - «O Primeiro entre Poucos» às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «O Dia Seguinte», 21.15 (18 anos)
ESTORIL - Casino - «Mercenários por Conta Própria», 21.15 (18 anos)
ESTORIL - Palácio - «Eutanásia de Um Amor», 21.30 (13 anos)
S. JOÃO DO ESTORIL - Cinelândia - «Jovens Belas e Provavelmente Ricas», 21.15 (16 anos)
CASCAIS - Impala - «Flashdance», 21.30 (6 anos)
CASCAIS - Oxford - «Impacto Súbito» às 21.30 (16 anos)

Outra Banda

ALMADA - Incrível - «O Homem das Lentes Mortais», 21.15 (13 anos)
ALMADA - Académia - «A Vida é uma Festa», 21.15 (13 anos)
ALMADA - Cine-Estúdio - «A Escola do Dever» às 21.30 (16 anos)
COSTA DE CAPARICA - Sincine - «O Nevoeiro» às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Cine Estúdio Flores - «Yentl», 21.30 (13 anos)
ERICEIRA - Cineestúdio - «Melodia para Um Assassino», 21.15 (18 anos)

Porto

TRINDADE - «Loucuras de um Recruta» às 21.30 (13 anos)
BEBE - «Kamikaze», às 21.45 (16 anos)
RIVOLI - «Conan e os Bárbaros», às 21.30 (18 anos)
COLISEU - «Ben-Hur» às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL - «Romeu e Julieta», às 21.45 (14 anos)
ÁGUA - «O Grande Mestre dos Lutadores», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM - «O Meu Tio da América», às 21.30 (13 anos)
RAIMON - «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)
BATALHA - «Loucuras na Praia», às 21.30 (12 anos)
CHARLOT - «Caçador de Palha», às 21.30 (18 anos)
CHAPLIN - «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO - «Dentista na Cama», às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL - «A Manhã da Luxúria», às 21.30 (18 anos)
TERÇO - «Rocky II» às 21.30 (16 anos)
JÚLIO DINIS - «Uma Criada das Boas», às 21.30 (18 anos)
FOCO - «Porky's II» às 21.30 (16 anos)
LUMIÈRE-L - «Guerra do Miradum», às 21.45 (12 anos)
LUMIÈRE-A - «A Educação de Rita», às 21.45 (12 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALAMEDA-CHILE - Luas - Av. Almirante Reis, 199 A (Tel. 41269); AREIRO - Pç. Londres - João XXI - Av. João XXI, 18A (Tel. 886482); BAIXA - Cortez - Rua São Nicolau, 93 (Tel. 325378); BOA HORA - Sepul - Cç. Boa Hora, 94 A (Tel. 631958); CASTELO - Silva - Calçada Santo André, 16 (Tel. 962074); CHAFARIZ DENTRO - Cruz de Maré - Largo Chafariz Dentro, 38 (Tel. 866126); ESTRELA - Game - Cç. Estrela, 130 (Tel. 660339); FEIRA POPULAR - Santa Maria - Av. 5 de Outubro, 283 A (Tel. 783018); GALINH. CHARNECA - LUMAR - São Bartolomeu - Vila Paulo Jorge, 1 (Tel. 790989); LUZ - 2.ª CIRCULAR - Da Luz - Est. Luz, 124 A (Tel. 723179); RATO - Cunha - Rua Escola Politécnica, 18 (Tel. 325455); XABREGAS - MADRE DEUS - Conceição - Cç. D. Gastão, 30-32 (Tel. 381279); BRANCO - COLINA DO SOL - AMADORA - Vidal Reis - Urb. Afornelos - Cç. G-Lote 35 (Tel. 996540); ODVELAS - Almeida - Pç. A. Rua Tomás da Anunciação, 38-B.

REFORÇO

ALVALADE - EST. UNIDOS - Rio Janeiro - Av. Rio Janeiro, 4-C (Tel. 881409); AREIRO - APEADEIRO - Ideal - Av. Alm. Gago Coutinho, 49-A (Tel. 892803); BAIRRO ALTO - Gonçalves - Rua Rosa, 176-178 (Tel. 362687); BENFICA - União - Est. Benfica, 592-594 (Tel. 700092); CAMPO DE

leabros

Lisboa

MARIA VITÓRIA - «O Bem Tramado» às 20.30 e 22.15
VILLARET - «SuperSilva», às 21.30 (12 anos)

OURIQUE - Elma - Rua D. Maria Pia, 358-A (Tel. 686176); INTENDENTE - Intendente - Lg. Intendente Pina Manique, 50-51 (Tel. 547838); MARQUÊS PRONTEIRA - Ronil - Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438); PAMPULHA - JANELAS VERDES - Nazaré Pinto - Rua Presidente Arraia, 39 (Tel. 687460); PICHELEIRA - Mariz - Cç. Picheleira, 140 BC - Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tel. 880703); SALDA-NHA - Delva - Rua Av. Duque d'Ávila, 125 (Tel. 545225); SANTO AMARO - CALVÁRIO - Lisbonense - Rua Leão de Oliveira, 2-B (Tel. 637020); BUIRACA - AMADORA - Vaz Martins - Rua António Ferro, 6A (Tel. 970680); OLIVIA BASTO - Nova - Rua Agóres, 11 A (Tel. 9810305); PONTINHA - Pontinha - Est. Santo Elói, 4, L. SE (Tel. 990220); PRIOR VELHO - Matos - Tv. Prioras (Tel. 2519939).

Outra banda

ALMADA - Cristo Rei - Av. Cristo Rei, 21-A (Tel. 2768498) Perm.; COVA PIEDADE - Atlântico - Av. Rainha D. Leonor, 45-A (Tel. 2764486) Até às 22 h; COSTA CAPARICA - Carlos - Av. do Mar, 34-A-Quinta de St.ª Ant.ª (Tel. 2401060) Até às 19 h; LARANJEIRO - Tovar Chaves - R. Dr. António Elias, 104-D (Tel. 2298119) Até às 22 h; SE-SIMBRA - Leão - Av. Liberdade, 13 (Tel. 2233471); LAVRADIO - Parreira - R. D. Silva Cristino, 15-A (Tel. 2042016) Até às 19 h; BARREIRO - Avenida - Av. Alfredo Silva, 88 (Tel. 2073212) Perm.; BAIXA DA BANHEIRA - Teixeira - B.ª Moçambique, 84-B (Tel. 20440948) Até às 19 h; CORROIOS - Universo - Est. Nacional, 10 (Tel. 2290084) Até às 19 h; AMORA - Duarte Ramos - R. Bafatá, 11-Loja 30 - Centro Comercial Bafatá - Até às 22 h; TORRE DA MARINHA - Alves Velho - L. Camões, 27 (Tel. 221132) Até às 22 h; MONTIJO - União Mutualista - R. Almirante Reis, 93 (Tel. 2310035) Até às 22 h; MOITA - União Moiteira - Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025) Até às 19 h;

ALHOS VEDROS - Portugal - Av. Bela Rosa, 8 (Tel. 204250) Até às 19 h; AL-COCHETE - Nunes - L. Coronel Ramos Costa, 10 (Tel. 234137) Até às 19 h.

Linha de Sintra

AMADORA - S. Jorge - R. Pedro del Negro, 5 - Reboleira (Tel. 938703) Perm.; Romeiro - Urb. Casal de S. Brás, Lote 116 Per.; Campos - R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072) Até às 22 h; DAMAIA - Damala - P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523) Até às 22 h; QUELUZ - Zeller - R. República, 83 (Tel. 950045) Até às 22 h; CAMARATE - Nova de Charneca - R. Cid. Lisboa, 9-A (Tel. 251872) Até às 19 h; CACÉM - Silva Duarte - R. Elias Garcia, 167 (Tel. 9248120) Perm.; MEM MARTINS - Química - Est. Mem Martins, 285 (Tel. 9210012) Perm.; MERCES - Claro Russo - R. Abade Faria, 2-A (Tel. 9215275) Até às 22 horas; RIO DE MOURO - Rinchos - Araújo Até às 22 h; SINTRA - Simões - Estefânia (Tel. 9230832) Perm.; COLARES - Abreja (Tel. 9290088); MOSCAVIDE - Varrelas - Av. Moscavide, 44-B (Tel. 2518520) Até às 22 h; SACAVÉM - Cortes - Av. M.ª Luísa Braamcamp, Lote 2 (Tel. 2514369) Per.; LOURES - Sávia - Av. República, 29 (Tel. 2531240) Perm.

Linha de Cascais

ALGÉS - Almeida Nito - Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 2112070) Perm.; LINDA-A-VELHA - Melo Almeida - R. D. Diogo Couto, L. 182 (tel. 219687) Até às 19 h; TRES - Guimarães - L. Duartes, Lote A-1/c (Tel. 2441816) Iote Até às 22 horas; ALCAMIDECHÊ - Carvalho - B.ª Padre P. Correia, 4-B (Tel. 2690363) Até às 22 horas; PORTO SALVO - Ferreira Bastos - R. D. Firmino Rebel.ª (Tel. 2421015) Até às 22 horas; CAXIAS - Nova - R. Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839) Per.; CARCAVELOS - Vilar - Av. M.ª Conceição, lote 6 (Tel. 2470777)

farmédias

Perm.; S. DOMINGOS DE RANA - Go dinho de Silveira - Av. Saboia, 29-E (Tel. 280085) Até às 22 horas; MAL-VEIRA DA SERRA - Luz - Est. Oeiras - Alcântara Guerreiro - P. Residencial Dr. Augusto Castro, Lote 10 (Tel. 2443089) Até às 22 h; PAREDE - Meau - R. J. Elias Garcia, 42 (Tel. 2471785) Até às 22 h; S. PEDRO DO ESTORIL - S. Pedro - R. 9 Abril (tel. 2683052) Até às 22 h; SASSOIEIROS - Amarel - Quinta das Encostas (Tel. 2461312) Até às 22 horas; BIRRE - Imani - Até às 22 horas; MADORNA - Madeira - R. A. (Tel. 2476326) Até às 22 horas; AMOREIRA - Abrantes - Viv. M.ª Carlos Anjos (Tel. 2682313) Até às 22 horas; MONTE ESTORIL - Lopes - R. Hanger, 3 (Tel. 280008) Até às 22 h; CASCAIS - Cordeiro - Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170) Perm;

PORTO

Reforço: das 9 às 12 e das 14 às 22 h

LEMOIS & FILHOS - Praça de Carlos Alberto, 31; FALCÃO - R. de Santo Ildefonso, 61; BOTELHO - R. da Alegria, 853; QUEILHA FERREIRA - R. Vasques da Mesquita, 32 (às Antas); CAMPO ALEGRE - R. do Campo Alegre, 723.

De dia e toda a noite

MAGALHÃES - R. de Serralves, 586; BARREIROS - R. de Serpa Pinto, 8/10; COSTA CABRAL - R. de Costa Cabral, 1832; SOEIRO - R. de Santos Pousada, 71; BIRRA - Praça da Liberdade, 125.

Coimbra

SANTA ISABEL - Av. Sá da Bandeira, 28, T. 24916; M. NAZARÉ - Av. João das Regras, 132 (St.ª Clara) T. 23033.



PORTE
PAGO



Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL -
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1 - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARES DE HOJE				
PREIA-MAR BAIXA-MAR				
00.00	03.30	m 05.49	01.50	m
12.31	03.40	m 18.15	01.40	m
Dia 26				
00.52	03.40	m 06.33	01.30	m
13.16	03.50	m 19.00	01.20	m
TEMPERATURAS DO AR AS SEIS HORAS:				
VIANA DO CASTELO	22°			
BRAGANÇA	13°			
VILA REAL	17°			
PORTO	23°			
COIMBRA	22°			
CABO CARVOEIRO	18°			
PORTALEGRE	22°			
LISBOA	18°			
ÉVORA	17°			
BEJA	19°			
FARO	18°			
SAGRES	—			
PONTA DELGADA	16°			
FUNCHAL	18°			



Mário Tomé Destruição do regime novembrista é a saída para a crise

O dirigente nacional da União Democrática Popular (UDP), Mário Tomé, disse ontem em Machico (Madeira) que a única saída para a actual situação política, económica e social é a «destruição deste regime reaccionário embrista».

Tomé, que falava aos cerca de 200 delegados presentes na abertura do II Congresso Regional da UDP, defendeu a instauração em Portugal da «República Popular», única que «permitirá ao povo a mais ampla liberdade para se organizar e lutar».

Defendeu a saída de Portugal da NATO «para que ela deixe de mandar em Portugal e não constitua uma ameaça permanente à paz e à liberdade».

Em relação ao Fundo Monetário Internacional, aquele ex-deputado afirmou que se a UDP mandasse o FMI deixaria de dirigir a política e a economia portuguesa.

«O povo português não deve nada a ninguém e é, isso sim, vítima há muitos e muitos anos da roubalheira e das negociatas dos burgueses com os estrangeiros», continuou.

Tomé considerou depois que é objectivo primeiro da UDP derrotar o PSD e Alberto João nas próximas eleições regionais e dar mais força à corrente que, no seio do povo, quer lutar a sério no presente para preparar o futuro».

Margarida II em Portugal

Continuação da pág. 1

Presidente da República e mulher e pelo embaixador do seu país em Lisboa. O Primeiro-Ministro e as restantes entidades oficiais aguardaram-na na tribuna instalada frente ao Mosteiro dos Jerónimos.

Aproveitando o facto de Margarida II viajar para Lisboa de iate, o Presidente da República quis ensaiar um cerimonial diferente e mais digno para a recepção a chefes de Estado estrangeiros.

Uma força a cavalo da GNR prestou honras e escoltou a soberana num trajeto pela colina de Belém. O cortejo chegou à tribuna cerca de 20 minutos depois, onde Margarida II passou revista a uma guarda de honra formada por um esquadrão da Polícia do Exército.

Após o desfile em continência desta força, a soberana dinamarquesa dirigiu-se ao Mosteiro dos Jerónimos em cuja entrada se encontrava uma guarda de honra formado por cadetes da Armada e da Força Aérea, e depositou uma coroa de flores no túmulo de Camões, seguindo depois para o Palácio de Queluz.

Em conferência de Imprensa

FUP repudia ligações com as FP-25 de Abril

“Otelo Saraiva de Carvalho não era militante da FUP”, afirmam responsáveis da organização

A FUP confirmou ontem que Otelo Saraiva de Carvalho não era militante da organização. Em conferência de Imprensa, realizada nos arredores de Lisboa, dirigentes da Frente de Unidade Popular referiram que o estratega militar do 25 de Abril foi fundador da organização mas que a abandonou devido à sua reintegração no Exército. «O seu estatuto actual — disseram — é o de convidado permanente para qualquer reunião a que entendesse querer assistir.» No mesmo sentido se tinha já pronunciado Mouta Liz, do Secretariado permanente da FUP, em declarações prestadas à ANOP.

Os promotores da conferência de Imprensa reafirmaram, por outro lado, que a «FUP nada tem a ver, política ou organicamente, com as FP-25». No entanto, disseram, «ao contrário dos outros partidos políticos, consideramos as FP uma organização de esquerda». A posição em relação àquela organização clandestina baseia-se na informação da Imprensa, através da qual têm conhecimento que «nunca foram os trabalhadores e organizações de esquerda os alvos visados pelas FP-25».

José Gomes, até hoje responsável da FUP no Alentejo, e o único dos três elementos do partido, presentes na conferência, que se identificou, referiu, a propósito, que é «o terrorismo do poder que se abate sobre os trabalhadores e os militantes políticos». A título de exemplos, recordou as mortes do padre Max, de Luís Caracol, de Caravela e Casquinha e os acontecimentos do 1.º de Maio de 1982 no Porto.

Na conferência, que tinha como objectivo «esclarecer sobre o que se passa com a FUP após a investida policial da semana passada», foi revelado que, do Secretariado permanente da organização, só Mouta Liz se encontra em liberdade, motivo pelo qual foi necessário proceder à substituição dos elementos que estão presos. Neste sentido, os responsáveis regionais da FUP, que «ainda não foram detidos», constituíram-se em Secretariado, com o objectivo de manter a organização em funcionamento.

José Gomes — que manifestou o receio de vir a ser «detido de um momento para o outro» — salientou que «a FUP não parará a sua actividade. Cada vez que um camarada for preso, haverá outro a substituí-lo». «O poder quer forçar-nos à clandestinidade», disse José Gomes, para acrescentar que «isso não acontecerá. Somos um partido legalizado e como tal vamos continuar».

O que não impede, contudo, a adopção de certos cuidados por parte dos responsáveis da FUP, que consideram serem alvos de «uma investida policial». Cuidados que rodearam também a conferência de Imprensa. Os jornalistas encontraram-se num local determinado de Lisboa, de onde partiram em carros para os arredores da capital. Já na conferência foi dito aos jornalistas que uma das viaturas que deveria ter sido utilizada estava refenciada pela Judiciária, que se encontrava de guarda ao carro.

Requerimento ao Tribunal

Os dirigentes da FUP afirmaram ainda que em nenhuma das suas sedes foram encontradas

coincidido com a ausência do País de Mário Soares e de a operação ter sido feita sem o conhecimento do Presidente da República. Facto que, no entanto, «não iliba Eanes de responsabilidades, nomeadamente no que respeita à prisão de Otelo Saraiva de Carvalho».

Provocação contra a UDP

Referindo-se aos 42 detidos, os promotores da conferência de Imprensa revelaram que entre eles se «encontram diversas pessoas que tinham abandonado, há vários anos, a actividade política. «Por outro lado, José Gomes adiantou que «um dos presos — José Manuel Moutinho Teixeira — se encontra fe-

Por outro lado, José Gomes fez ainda um apelo à solidariedade com os presos e informou que todo o apoio a estes deve ser canalizado para o telefone 41370, na Rua de Arroios-96-3.º — salas A e B, onde, a partir desta semana, funcionará uma Comissão de Apoio aos Presos, constituída por familiares.

Monta Liz procurado?

Em declarações à ANOP, Mouta Liz, do Secretariado Permanente da FUP, afirmou que «a Polícia Judiciária já há alguns meses que tinha conhecimento das armas que apresentou como apreendidas, na operação desencadeada, terça-feira, contra as FP-25». Segundo ele, a «PJ

Mouta Liz considerou que seria legítimo que o poder, por suspeição, procedesse a investigações sobre um ou outro elemento da FUP, mas «já não é legítimo que se exerça uma acção repressiva global sobre uma organização política legal, se prenda a sua direcção, se fechem sedes e se confisque o património».

Ameaças contra Eanes e Soares

Entretanto, sucedem-se os telefonemas anónimos feitos em nome das Forças Populares-25 de Abril. Desta vez, o autor de duas chamadas, feitas para a sede em Lisboa da agência EFE, fez ameaças de represálias, se Otelo Saraiva de Carvalho não for libertado dentro de uma semana.

Ramalho Eanes, Mário Soares, Mota Pinto e Lemos Ferreira «serão as personagens visadas pelas FP», caso não se concretize a libertação de Otelo. O autor dos telefonemas informou que, nesses atentados, as FP seriam ajudadas por outras organizações internacionais e exigiu que o ex-comandante do COPCON fosse entregue na Embaixada dos Estados Unidos. As FP-25 ameaçaram ainda com a ocupação de Embaixadas de Portugal em Madrid e em Paris.

Recorde-se que, conforme noticiámos no sábado, a ANOP recebeu também um telefonema feito por um homem que disse pertencer às FP, e no qual anunciava a disposição de trinta elementos da organização se entregarem à Polícia. Pronunciando-se sobre esta chamada, o ministro da Justiça, Rui Machete, afirmou que o Governo não tem confirmação da veracidade do telefonema.

Falando sobre as condições apresentadas por aqueles elementos para se entregarem, Rui Machete diria que só os tribunais poderão pronunciar-se. Observou, no entanto, que a legislação portuguesa contempla algumas das exigências, uma vez que prevê como atenuante a entrega voluntária às autoridades policiais.

Rui Machete afirmou que quando foi determinado o lançamento da operação policial contra as «FP-25», «o Governo tinha um conhecimento pormenorizado do processo e até que ponto o tenente-coronel Otelo Saraiva de Carvalho se encontrava envolvido».

Lista dos detidos na operação contras as FP-25 de Abril

São já conhecidos os nomes das 42 pessoas presas, na terça e quarta-feira passadas, por alegadas ligações às FP-25 de Abril. Destes, 36 foram já identificados pela FUP como sendo seus militantes e alguns, segundo a organização, «não tinham actividade política há já alguns anos». É a seguinte a lista dos detidos:

Manuel Antunes Gomes, Joaquim Dias Lourenço, César Escumalha, Lídio Galinho, Maria Teresa Seródio, Eduardo Silva, Francisco Santos, Joaquim Santos, Fernando Almeida, Maria Helena Costa Pereira, Vítor Ribeiro, Francisco Soares, Manuel da Conceição Soares, José Manuel Pra-

tes, José Sousa Moreira, António Colaço Rosa, José Manuel Vargas, José Pereira da Silva, José Silva Neves, Maria Helena Marques, António Pinto Guerra, Manuel Godinho Claro, José Santos Jacob, João Aguiar Gomes, Manuel Alves Magalhães, Ângelo Benevides, Manuel Guedes Monteiro, João Gomes Rola, José António Pereira, Eduardo Miranda da Silva, Júlio Lopes de Castro, Fernando Ramalho, Manuel Duarte, Fernando Alves Magalhães, José Teixeira, António Machado da Silva, Maria Luísa Magalhães, Manuel Pereira Crespo, Pedro Goulart, Otelo Saraiva de Carvalho, Humberto Dinis Machado, Vítor Guinot dos Santos.

armas, documentos comprometidos ou dinheiro com cintas do Banco de Portugal. Segundo eles, estas notícias, «postas a circular pela Polícia», pretendem comprometer a FUP.

«Os papéis que levaram das nossas sedes foram comunicados da organização, cartazes e um manifesto nacional da campanha que tínhamos iniciado há cerca de três semanas» precisaram. José Gomes confirmou que da sede central foi levado um ficheiro com mais de três mil fichas, duplicadores e máquinas de escrever.

Quanto à selagem das sedes da FUP, afirmou que foi feito um requerimento ao Tribunal Constitucional, que será apresentado esta semana, e que visa «a reabertura das sedes, o mais rapidamente possível».

Os dirigentes da FUP referiram também a circunstância de as buscas às sedes e a casas e a detenção de 42 pessoas ter

rido, no Hospital Prisional de Caxias».

Para os dirigentes da FUP, a operação judicial desencadeada a passada semana tem objectivos muito mais vastos. «Se agora foi a FUP, outros se seguirão», acrescentaram. A título de exemplo, referiram provocações contra a UDP, entre as quais um falso telex da ANOP, lido pela RTP, e no qual se dizia que aquela organização se tinha reunido para analisar a prisão de elementos seus. Segundo eles, essa notícia partiu de um centro de contra-informação organizado.

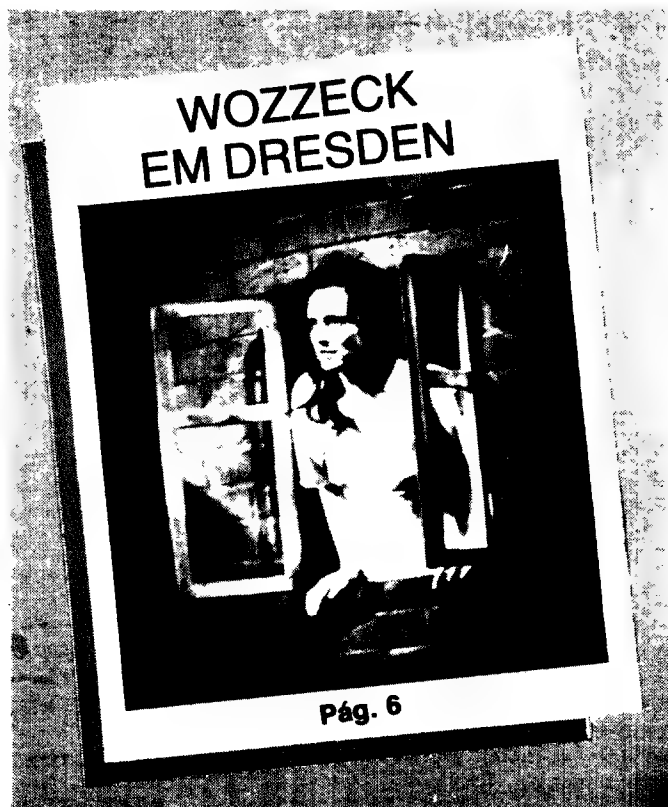
Ainda no campo das provocações, referiram as declarações proferidas, na sexta-feira, por Alberto João Jardim. Estes factos levam os responsáveis da FUP a pensar que o «PS perdeu o controlo da situação, que está nas mãos da direita e da extrema-direita».

teria tido conhecimento das armas através de uma denúncia e jogaram-nas agora para tentarem comprometer a FUP».

Mouta Liz, que é também membro da comissão de trabalhadores do Banco de Portugal, disse que «não tinha conhecimento de qualquer notificação pessoal em relação à sua pessoa, mas que houve jornais que falaram que era procurado pela Polícia por ser tesoureiro da FUP, o que é falso e me leva a pôr muitas reservas quanto à isenção da justiça».

À semelhança do que foi dito na conferência de Imprensa, Mouta Liz sublinhou que a acusação de que os militantes da FUP detidos têm ligações com as «FP-25» não passa de pura especulação. «A comprová-lo existe o facto de, até ao momento, não ter sido apresentado qualquer elemento que prove essas ligações».

O SUPLEMENTO DAS SEGUNDAS-FEIRAS



sete ponto sete

PUBLICADO PELO "DIÁRIO DE LISBOA"

Destaque TROVANTE



Cinco aspectos da Operação FP

NA madrugada da passada terça-feira, forças policiais, com destaque para a Judiciária, desencadearam em vários pontos do País uma operação contra as Forças Populares 25 de Abril, organização de extrema-esquerda que tem levado a cabo, em Portugal, uma série de acções violentas, incluindo homicídios e roubos importantes, contra aquilo que classifica de «ditadura e terrorismo do Estado burguês».

Entre o amálgama de dados conhecidos da opinião pública e relativos a esta operação, vale a pena distinguir cinco aspectos, cada um dos quais parece ser consideravelmente autónomo dos restantes. Cada um de «per si» é um aspecto tendencialmente dominante no cenário representado por esta operação policial, mas, sabendo-se como está associada à proposta de lei sobre segurança interna, é prematuro, no momento em que estas linhas se publicam, definir qual deles — ou quais deles —

acabarão por se tornar na «face decisiva», no «resultado» da operação.

Em primeiro lugar, trata-se, efectivamente, de uma ofensiva de Estado, através de alguns dos seus instrumentos de repressão, contra uma organização que pratica o terrorismo político. A operação visa levar a tribunal e condenar os responsáveis e simples membros das Forças Populares 25 de Abril, mesmo se o ministro da Justiça já prometeu aos que, entre eles, se entregassem declarando o seu arrependimento, que as atenuantes podem chegar a produzir suspensão de pena.

Assim definida, esta operação é uma jogada importante no xadrez violento que o Estado e uma organização ilegal jogam um contra o outro.

Em segundo lugar, porém, e a despeito das denegações do ministro socialista da Administração Interna, esta é igualmente uma operação que desmantela, na prática, uma organização legal — a FUP. Supõe-

-se que as Polícias invadiram as sedes da FUP, prenderam 36 membros desta organização (num total, até à data, de 42 prisões), apreenderam material impresso, aparelhos de imprensa e viaturas, partindo de fortes indícios de que haveria recobrimento parcial entre as duas organizações — a legal e a ilegal. A opinião pública ignora inteiramente se os «fortes indícios» em que as Polícias se terão baseado ultrapassam, na realidade, a «mera suspeita», tanto mais que, como alguns advogados de detidos têm vindo a sublinhar, o regime de prisão em incomunicabilidade, durante 20 dias, parece estar a ser utilizado, indevidamente do ponto de vista da lei, para obter provas sobre matérias em relação às quais não existiriam senão suspeições.

Em relação a este segundo aspecto da operação, e se é legítimo pensar que as Polícias têm de dispor de ocasião para averiguar se alguns militantes da FUP são igualmente membros

das FP-25, ou mesmo se alguns pertencem de uma organização legal terão servido para apoiar ou promover actividades ilegais, é muito mais duvidoso que essa averiguação torne necessária e legítima a prisão de todo o Secretariado Permanente da FUP, o encerramento e selagem de todas as suas sedes, a confiscação de um arquivo de fichas com mais de 3000 nomes, muitos dos quais são de meros simpatizantes (contactados uma só vez, porque apoiavam a candidatura à Presidência de Otel Saraiva de Carvalho) e a apreensão de materiais de propaganda política destinados a uma campanha próxima.

Com efeito, não basta reconhecer ao Estado democrático a legitimidade da sua defesa contra o terrorismo político para, subindo vários degraus no caminho da «democracia musculada», legitimar o desmantelamento, ou a suspensão de actividade, de uma organização po-

Continua na pág. 4

SE A MODA PEGASSE

A decisão argentina de dirigir ao Fundo Monetário Internacional uma carta de intenções «unilateral», que não resulta de qualquer acordo entre a equipa de Bernardo Grinspun (ministro da Economia) e a delegação chefiada pelo próprio Eduardo Wiesner (chefe do Departamento do FMI para todo o hemisfério ocidental), alertou os meios financeiros internacionais. Mas a «rebelia» de Buenos Aires adquiriu outra dimensão quando o presidente Alfonsín anunciou que a Argentina poderia vir a não honrar os compromissos relativos à sua gigantesca dívida externa.

Buenos Aires transformou-se, assim, num sintoma «insurreccional» da maior importância: a atitude argentina radicaliza exigências de renegociação da dívida externa e dos juros e outras condições de futuros empréstimos, exigências características, hoje, de boa parte dos países devedores. Num estudo agora publicado em Paris, a OCDE recorda que, num total de 157 países ou territórios observados, 35 discutiram em 1983, com grupos de credores, a renegociação das respectivas dívidas externas, que, por terem adquirido peso excessivo, impedem os objectivos de desenvolvimento para que se foram constituindo.

Na verdade, em período de alta das taxas de juros como revelou ser a primeira metade dos anos 80, a espiral negativa do endividamento externo cresceu e acelerou-se como um gigantesco «maelstrom», generalizando a crise dos devedores, produzindo situações de ruptura ou de falência total como a da Bolívia e obrigando o sistema financeiro ocidental a considerar a hipótese de alteração dos prazos de pagamento, suspensões e adiamentos no quadro de renegociações caso a caso.

A situação em que se encontram os devedores latino-americanos é exemplar: durante a «cimeira» que acabou de decorrer na Colômbia (de 21 a 23 deste mês), os Estados devedores foram informados de que terão de pagar, até ao fim do ano, juros no valor global de 22,5 mil milhões de dólares, enquanto, também este ano, os empréstimos globais a eles feitos não poderão ultrapassar os 15 mil milhões de dólares. Pagos os juros e recebidos os empréstimos, as operações significarão portanto, para os devedores sul-americanos, um considerável acréscimo ao seu enorme défice.

É num contexto internacional assim caracterizado que se ouve, em Lisboa, a exigência de renegociação da dívida portuguesa, feita pelos comunistas à saída da primeira assembleia da sua «ORL». E foi referindo-se directamente a este contexto que Álvaro Cunhal afirmou que «tanto especialistas como governos vão chegando à conclusão que nem as dívidas externas existentes nem os juros respectivos poderão, alguma vez, ser pagos».

Continua na pág. 2



Otel na conclusão do processo de legalização da FUP: entre ele e a Justiça disputa-se, desde as «presidenciais» de 1976, uma espécie de jogo do gato e do rato

MENSAGENS PESSOAIS NA PÁGINA 8

SE A MODA PEGASSE

Continuação da pag. 1

Efectivamente, na sequência das primeiras negociações directas com devedores, alguns grupos de credores e as próprias organizações internacionais abrem a frente da renegociação. Abrem-na na esperança de que os pagamentos acabem por se efectuar, embora eventualmente fora de prazo e em condições globalmente mais maleáveis, mas ao mesmo tempo tentando definir com clareza as novas regras do jogo:

É significativo, a este respeito, que seja a OCDE a aconselhar os bancos privados a liderarem, de futuro, os empréstimos aos países em desenvolvimento desde que se empenhem mais directamente na vida interna de cada um deles, e vigiem de perto a aplicação desses empréstimos, para evitar que o dinheiro seja desviado dos seus objectivos «de progresso».

Na verdade, como o caso argentino gritantemente testemunha — a informação é dada pelo circunspecto «The Economist» na sua edição de 16 de Junho — bancos americanos e outros emprestaram biliões aos militares argentinos «para armas», e sabe-se que muito desse dinheiro foi parar a contas pessoais em Miami e em Lugano.

A argumentação do presidente Alfonsín a favor de uma quebra de compromissos assume, sem dúvida, o carácter particular da nova situação argentina: o novo regime democrático não quer ser «afundado» pela dívida herdada dos militares. Mas ao mesmo tempo verifica o caso geral dos Estados cuja política económica e financeira é dominada pelo FMI: Alfonsín quer que a Argentina cresça (5 por cento este ano), e que os sindicatos aceitem o seu plano de relançamento da economia nacional, sem o que nenh'um a política parece poder sobreviver no quadro democrático.

É sobretudo este segundo aspecto da questão argentina que o mundo financeiro internacional observa, neste momento, com a maior atenção. É que, se a moda pegasse...

João Mendes



Ler, as páginas 4 e 5 desta edição, o artigo «Hard-Core: a dívida externa»

Um novo «olho» para a reportagem

NA verdade é preciso sermos um pouco atrasados para não sabermos servir-nos dela. É muito simples. Uma caixa que se segura com uma das mãos e se coloca sobre o ombro. Um teclado electrónico de comando que permite escolher as operações desejadas e realizar automaticamente tudo o que é necessário numa sequência de alguns minutos. Uma pequena maravilha, a Betacam. Tem 50 centímetros de comprimento e 15 de largura. Peso pluma: de 8 a 10 quilos. Preço: 200 000 francos o primeiro modelo (mono-tubo), 400 000 francos o mais completo (tributo). A sua qualidade, o seu génio, é a sua grande cabeça. Tudo está lá dentro. Um achado nipónico, uma câmara de olho vivo, facilmente manejável, com magnetoscópio incorporado, o conjunto imagem e som num só bloco.

O defeito da Betacam? O microfone colocado por cima como uma lanca ainda é um pouco surdo, mas um otorrino afina-lhe os tímpanos. Em suma, a Betacam, realizada por Sony e Thomson, é um amor de câmara, ágil como uma esferográfica, curiosa como um garoto da rua. Quer seja no Irão, na Nicarágua ou em Granada, ela enrola-se, desenrola-se. **Espantoso**, alegra-se um caçador de imagens da agência Sygma, **duas horas e meia de filmagem em «cassete»**. **Pela primeira vez um repórter de Televisão e um fotógrafo de Imprensa têm a mesma mobilidade**. «Espantoso» é pouco. Não é para toda a gente. Nos corredores sombrios da Rua Cognac-Jay, sede da informação de TF1 e de Antena 2, cantarola com ar distraído as três sílabas Bé-ta-cam, e verá o efeito produzido. Aqui, gente friorenta, apanhada por uma corrente da ar, estremece, chega a tiritar. Um tornado abater-se-ia sobre os médios audiovisuais, dizem alguns. A Betacam, também chamada «caméscope», é este leve anticiclone que incomoda regularmente hábitos um pouco sensíveis.

O problema da Betacam, apresenta-se como uma partida de dominó a quatro, uma adivinha. Tradicionalmente uma



A Betacam revoluciona o trabalho dos técnicos

equipa de televisão em reportagem, é composta de quatro membros: dois jornalistas (um redactor e um repórter «camera-man») e dois técnicos (um encarregado de som e um de luzes que também tem a função de motorista). Agora lançamos um só homem, de Betacam, numa manifestação, substituímos o automóvel por uma moto que torna o engarrafamento, e deixamos na garagem os outros três homens e o carro. Caso extremo, decerto, mas possível.

Que fazer do encarregado de som ou de luzes que o sistema caméscope substitui? Despedi-los? De modo algum, estamos no seio do serviço público. Que fazer então? O caso é urgente. Filmar em Betacam para certos casos, o que é mais fácil e claramente menos caro. Há muito que o Betacam é utilizado pelas televisões americanas e japonesas. Em França ainda se hesita, se espera. Porquê?

A TF1, depois de longos meses de espera durante os quais uma câmara Betacam dormitava numa gaveta (para não atirar os conflitos internos), começa agora a ser experimentado (na emissão «Presse-citron»). Paralelamente surgem comissões entre parceiros sociais. Clima pesado, lentições administrativas, política do «frigorífico», questões de campanário. No aspecto técnico tenta-se definir um modo de exploração da Betacam, minimizando as suas qualidades. Francis Héricourt, responsável

pelas novas tecnologias na TF1, afirma: **Todos estão de acordo para tomar em conta o problema, para agir, também. Tenta-se encontrar uma solução que não tenha unanimidade contra ela**. Uma coisa é certa: é-se consciente de que essa mutação não se fará sem que alguns (os técnicos de som e de luzes) percam muito com isso. Por sua vez, os técnicos, acusados pela Imprensa de corporativismo, clamam alto e bom som: **A Betacam não nos mete medo, pede-se um plano de reciclagem e aceitamos reconversões. Mas não quaisquer umas: ter acesso ao estatuto de jornalista-«cameraman», ou encontrar-se numa sala de montagem, ou ainda exercer uma montagem mais técnica no seio da equipa**. «Quanto à redacção, ninguém se importa muito: a Betacam é uma evidência, uma caso incontornável, como há alguns anos a passagem do suporte filme para o suporte vídeo.

Se, na TF1 as relações entre técnicos e jornalistas são violentas, o ambiente parece mais sereno na Antenne 2, que continua à espera da sua primeira Betacam para estudar, ela também, o seu modo de exploração. Ela prevê a compra de cinco a partir de 1985. As negociações são discretas. Vinte dos oitenta técnicos estão dispostos a mudar de funções; seja a reconverter-se em sectores mais técnicos que necessitam de uma reciclagem, seja a conseguir o lugar de «cameraman»-repórter, que

estes últimos não querem abrir a qualquer pessoa. Aceite, a Bé-tacalan? Quase. Conscientes de que essa nova ferramenta modificará as condições de filmagem — segundo Michel Thoulouze,

— **encaminhar-nos-íamos para uma multiplicação das equipas de geometria variável, modulável**.

Nas âleas «campenizas» da FR3, esse pequeno cabo Horn foi facilmente ultrapassado... A cadeia de André Holleaux, depois do aparecimento da primeira Betacam em Junho de 83, insuflou uma política de concertação e de informação. Ela prevê, para os dois anos próximos, a compra de oitenta Betacam. Este tipo de máquina parece ser perfeitamente adoptado à filmagem em regiões. Jean-Pierre Lemoine, responsável pelo sector reportagem em Paris-Ile-de-France, acha que 40% dos «golpes» são possíveis de fazer por um único jornalista com a Betacam.

As equipas disseminadas nas regiões passarão de 135 para 170, e 75% dos assistentes de luzes e 25% dos de som serão reciclados. Eles passarão testes (concebidos pela INA) para uma reconversão nas profissões de técnicos de exploração ou de manutenção, de montadores ou de jornalistas-reportéres (os lugares mais desejados). **Política progressiva de adaptação, portanto, em FR3, que modifica as suas estruturas para não ser comido pelas agências de imagens**, diz Jean-Pierre Lemoine.

A Betacam, câmara do ano 2000? Não exactamente. Caixa explosiva, encomenda armadilhada? Também não. Uma mutação técnica importante e novos hábitos de trabalho a adquirir (o que é sempre difícil num sector preservado, ligado aos seus privilégios). Mas as reservas feitas por jornalistas sobre o perigo que constituiria a colecta intensiva de imagens cuja selecção e montagem só pertenceriam a intermediários, estranhos às reportagens, põem uma verdadeira questão de ética profissional.

Esperemos que uma vez adaptada a Betacam, ela já não tenha sido ultrapassada.

«Scoop» mundial em Grenada

ESTATURA média, olhos risonhos e redondos de cómico americano é sem dúvida alguma um homem sagaz. Outro sinal distintivo: Michel Parbot anda sempre de chapéu preto. Profissão declarada: caçador de imagens na agência Sygma. Mas este antigo repórter da televisão (abandonou-a em 1968), segundo certos rumores ouvidos na rua Cognac-Jay, seria um representante secreto da firma Sony, ou, melhor ainda, um agente da CIA. Razões para tais calúnias? Michel Parbot foi o primeiro jornalista a ter filmado o desembarque das tropas americanas na ilha de Granada. Sozinho! Scoop mundial para Michel Parbot e para a Sygma, que vende a preço de ouro as suas imagens às cadeias americanas e francesas. Para a Betacam também e para os seus fabricantes Sony e Thompson. Os rumores aumentam na Cognac-Jay.

Michel Parbot é suspeito de não ter estado sozinho nessa grande estreia, de ter sido assistido pelo irmão. Michel Parbot ri com vontade: «Não tenho irmão nenhum, mas quatro irmãs. Quando a Sigma descobre uma coisa importante, somos dois, um fotógrafo e um jornalista cameraman.» Um, dois, três, que importa. Uma certeza: «a Betacam mudará os hábitos de filmagem, voltamos aos primeiros tempos da televisão, afirmam os seus utilizadores. Um homem só, dois quando muito de câmara em riste, sobre uma moto, substituem um carro e a equipa habitual de quatro homens. Rapidez, eficácia, a Betacam é, antes de mais uma câmara feita para a informação, facilmente manejável em pequenas reportagens, manifestações de rua ou desportivas, entrevistas. «Ve-

jam um frente a frente com John Houston, diz Michel Parbot, sem as complicações da iluminação e do som, a personagem é outra, o documento mais verdadeiro». «Quanto aos repórteres de televisão, na sua maioria formados na escola dos jornais televisivos da ORTF ou nos corredores de «Cinq colonnes à la une», parecem mais sofisticados. O produto de informação não é o mesmo, mais reservado, a reportagem responde a outras exigências e a utilização excessiva da Betacam chegaria tarde ou cedo a fazer da televisão uma simples agência de imagens.

Preocupação estética, verdade da informação, nobreza da profissão de repórter por um lado, por outro, realidade financeira. Para Michel Thoulouze, responsável da informação de Antenne 2, é claro: «Os orçamentos adjudicados à informação têm vindo a diminuir nos últimos três anos e os bilhetes de avião a aumentar. A utilização de materiais tradicionais permitiria cobrir exclusivamente as figuras impostas (o Líbano, o conselho de ministros...): a Betacam podia de futuro fazer as figuras livres, todo o resto.»

O custo da reportagem de Michel Parbot na Austrália, recentemente difundida em «Dimanche Plus» é eloquente: 16 000 francos em Betacam. Com uma câmara e uma equipa tradicional teria custado 800 000 francos. O futuro será povoado de imagens cada vez mais de reportagens. Em flashes, em spoot, e, por que não, em clip. Os jornalistas de inquéritos deverão ceder terreno aos selvagens caçadores de imagens?

DESTAQUES



TROVANTE

O concerto dos Trovante nos dias 20 e 21, no Coliseu de Lisboa, foi o término da viagem iniciada com «Baile no Bosque» em 1981 e, também, o auge da carreira do grupo, iniciada há oito anos. Os ambientes musicais aprofundados com «Cais das Colinas» e com «84» atingem agora o máximo da sua expressão em palco. Testado e consagrado pelo público lisboeta dos Trovante (um público cada vez mais «teenager»), o concerto do Coliseu segue no dia 29 para o Teatro Rivoli do Porto e depois para Viana, Viseu, Setúbal. A par do reconhecimento de que se trata de um espectáculo muito conseguido, com o público consideravelmente ganho à partida e a tentar reter o grupo em palco muito para além do termo da sua actuação — o que testemunha a popularidade actual dos Trovante e também a eficácia do grande lançamento feito simultaneamente pela «Concerto», pela Rádio Comercial e pela RTP — justificam-se talvez algumas considerações contraditórias:

1) Os Trovante precisaram de recorrer a temas que não são originalmente seus — o «Caramba» de Sérgio Godinho e o «Baile no meu cora-

ção», que gravaram com o brasileiro Morais Moreira e que passou, durante meses a fio, na rádio — para **levantarem**, no dia 20, o público do Coliseu. Esta relativa dificuldade em **erguer** um público que desejava, desde o início, aderir ao espectáculo deveria merecer alguma reflexão por parte do grupo. É verdade que o final apoteótico compensou largamente essa morosidade inicial. Mas a morosidade existiu.

2) No momento em que os Trovante parecem ter conquistado um público muito jovem e fiel, que canta com eles alguns dos seus grandes êxitos — as «Sete Saias» e a «Saudade», por exemplos — tem-se ao mesmo tempo a sensação de que necessitam de dar um forte salto em composição e em temáticas, para não ficarem a partir de agora, a repetir-se. A popularidade do seu trabalho actual pode permitir ao grupo renovar seriamente o seu repertório e produzir obra nova — que inclusivamente os leve a realizar espectáculos recorrendo menos a temas de outros compositores e músicos — Fausto, Sérgio Godinho e Zeca Afonso em especial.

3) A presença em palco dos

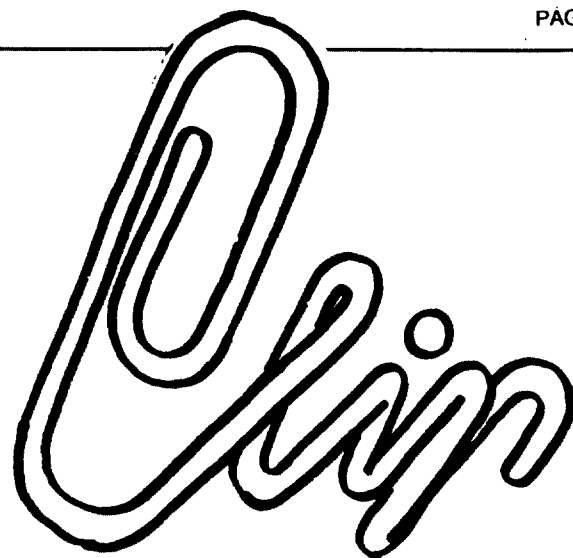
Trovante modificou-se consideravelmente: há uma nova expressão corporal em Luís Represas e também, menos notória, em João Gil. Ela precisaria de se estender aos outros elementos do grupo e de servir mais o espectáculo. Com este concerto, os Trovante deram um **primeiro passo** no sentido da encenação, da teatralização da sua presença em palco. Esse movimento foi razoavelmente bem sucedido mas comprova que o grupo tem de se preocupar mais com esse aspecto das suas actuações.

4) De muito boa qualidade foi o momento só-bateria-percussões de José Salgueiro e José Martins: parece-nos que há lugar para mais solos na música dos Trovante, e que eles ganhariam em sobrepor menos constantemente todos os instrumentos uns aos outros. A «sofreguidão» do som total, mistura e fusão de todas as «vozes» instrumentais de que dispõem, poderia, por vezes, ser substituída por trabalho para um só, ou dois, instrumentos. Ouvir mais a viola, ou mais o sax, ou mais o piano ou o violoncelo (que introduziram, bem, pelos dedos de Fernando Júdice) é hoje difícil nos arranjos dos Trovante.

5) Finalmente, continua a haver, nos Trovante, «letras que não cabem nas músicas»: poemas exageradamente palavrosos, que obrigam a um débito rapidíssimo e inevitavelmente confuso. Esse modo de lidar com as palavras e com o que se faz com elas acaba por caracterizar uma boa parte das relações que o grupo entretém com a voz humana (no caso, quase exclusivamente a voz de Luís Represas que está, aliás, em grande forma). Os Trovante ganhariam, sem dúvida, em conquistar uma maior fluidez da dicção, para que o esforço poético valha a pena. O Rossio, como eles também sabem, não coube, nunca, na Rua da Betesga.

Estas considerações não excluem, antes abrem caminho, para o abraço de parabéns. A obstinação dos Trovante faz-lhes merecer o êxito presente. Eles tinham desejado um espectáculo tão «empático» como o da Aula Magna e subiram, inseguros, ao palco do Coliseu. Apesar das condições acústicas das duas salas nada terem de comparável, cremos que alcançaram o objectivo.

Sete Ponto Sete



● Aberto na FIL desde a passada sexta-feira, e só até ao próximo dia 1, o Terceiro Festival de Banda Desenhada de Lisboa (parasitando o Juventus) resulta, mais uma vez, da associação entre o Clube da «dita» e a AIP. Independentemente dos convidados, sobretudo espanhóis, uma chamada de atenção para a zona da escola de Angoulême, uma das «mecas» da BD, e outra para os «Novos» portugueses, que podem entusiasmar **fans** e... editores. Já agora uma palavra a respeito destes últimos: ao promoverem apenas os grandes «hits» das editoras francesas, não estão eles a **testar** um mercado para aqueles de quem alugaram o exclusivo? Não preferirão de futuro os «elefantes brancos» da B... europeia balonar directamente em português, e exportar para os diferentes mercados que a nossa língua lhes abre?

● Está na hora de começar a encher o porquinho com os trocos, porque se confirma a vinda à FIL, a 24 de Julho, dos «Weather Report», pela mão da Zero Internacional: eles são, hoje, Jo Zawinull (teclas) e Wayne Shorter (sax), o inacreditável Mino Cinelu (percussões), Victor Bailey (baixo) e Omar Hakim (bateria). Os «Weather Report» são considerados músicos excepcionais. Esta é a sua primeira deslocação a Portugal e seria lamentável perdê-la: o seu concerto ficará, sem dúvida, como um dos grandes momentos de grande música que Lisboa tem vivido nos últimos anos.

● Sexta-feira à noite, no teatro Rivoli do Porto, os «Trovante» vão bisar o êxito do Coliseu dos passados dias 20 e 21. As opiniões partilham-se entre os que embandeiraram em arco e perdoam ao público acrítico, e os que sem deixarem de reconhecer o mérito do grupo, e de gabarem o seu último concerto, consideram que há pouca invenção e muita mastigação no seu trabalho actual. O êxito da presente série de concertos parece, entretanto — a avaliar pelo que se passou em Lisboa — garantido.



● Na galeria de exposições temporárias da Gulbenkian, uma curiosíssima exposição aguardada com expectativa e que já abriu as suas portas: a do pintor canadiano Robert Bateman, um dos raros animalistas contemporâneos, que se inscreve na tradição de Andrew Wieth e tem sido apreciado em Toronto (sua cidade natal), Nova Iorque, Londres, Washington, sobretudo pelos públicos ecologistas, pouco preocupados com a pintura, mas muito preocupados com a defesa do mundo selvagem. Bateman é um naturalista apaixonado, que tem trabalhado com biólogos, geógrafos e especialistas da história da Natureza.

● Leitura aconselhada pelo «Clip» para as suas férias — se já entrou nelas — ou para os seus fins de tarde citadinos, se ainda não interrompeu, este ano, o seu trabalho: «Mapa Cor-de-Rosa», de Maria Velho da Costa. Um sabor terrivelmente britânico.

M U D A N Ç

O «voto» de Machete contra a proposta de Lei da Seg



Recebido, em Havana, por Fidel Castro: um convite que não agradou a toda a esquerda portuguesa

Continuação da pag. 1

lítica legal. Se os tribunais derem como demonstrados as intuições dos responsáveis pela operação, segundo os quais a relação entre a FUP e as FP-25 obedecem a dois conhecidos modelos, um basco outro da Irlanda do Norte, ainda assim caberá aos defensores do Estado democrático perguntar se as autoridades policiais podem, baseadas em tal intuição, impedir o funcionamento de uma organização política legal. Se os tribunais não conseguirem provar a justeza dessas intuições, então haverá mais razão para se considerar que este constituiu um precedente de inegável gravidade, com o qual todos os partidos e organizações políticas que coexistem, legalmente, no espaço democrático, se devem preocupar.

Um terceiro aspecto relativamente autónomo nesta operação é o facto de ela visar igualmente, e em condições de duvidosa legalidade, o tenente-coronel Otelo Saraiva de Carvalho. Tanto quanto deixou transparecer o juiz de instrução que o ouviu e uma outra fonte ligada ao processo, o tenente-coronel teria sido preso «por denúncia de um outro detido» e porque há razões para pensar que ele seria dirigente «intelectual ou executivo (sublinha-se a incompatibilidade dos qualificativos) das Forças Populares 25 de Abril». Sabe-se que o mesmo militar foi, há dias, absolvido pelo tribunal de Évora

do crime de «incitação à violência», de que se encontrava acusado devido a afirmações proferidas, naquela região, durante a última campanha para as eleições presidenciais. E sabe-se igualmente que Otelo Saraiva de Carvalho é um dos fundadores da FUP — organização que em grande parte se constituiu para funcionar sob a sua imagem, e para apoiar a sua corrida para Belém — mas que se encontra dela afastado desde a sua reintegração no Exército. Segundo declarações de um porta-voz da FUP na sexta-feira passada, ontem retomadas por outros membros da organização em conferência de Imprensa, Otelo Saraiva de Carvalho teria desde essa data um estatuto de «convitado a participar nas reuniões da FUP», mas não teria qualquer outro vínculo formal com ela.

Durante a busca domiciliária de que foi alvo, o tenente-coronel estranhou que o incomodassem por causa das «FP-25». Nesta como em todas as outras matérias deste processo, os tribunais terão de dar como provados os factos de que ele é acusado. Mas o facto de o incluir tão aberta e espectacularmente entre os principais suspeitos, sujeitando-o à incomunicabilidade durante 20 dias e desafiando a legalidade (como em relação aos outros detidos no mesmo regime) ao proibi-lo de falar a sós com o seu advogado, tem para boa parte da opinião — mesmo entre aqueles que não são seus simpatizantes políticos — um incerto sabor de perse-

guição pessoal a que a justiça deve, obrigatoriamente, ser alheia. E este sentimento desenvolve-se porque, desde a criação da FUP e a primeira campanha de Otelo de Carvalho para a Presidência, se estabeleceu, entre ele e a Justiça, uma espécie de jogo de gato e do rato, como se alguém pretendesse esmagá-lo legalmente, aproveitando a Lei até à última vírgula para lhe retirar qualquer fôlego. Esta forma de utilizar a Lei nem sempre, porém, dá dela a melhor imagem, ou a serve da melhor maneira, no Estado democrático.

Um aspecto desta operação policial é a sua coincidência com a discussão, no Parlamento, da proposta de Lei sobre Segurança Interna e Protecção Civil. Que essa coincidência seja fortuita ou tenha sido desejada é desinteressante: o facto é que essa coincidência produziu — ou pode produzir — uma indesejável influência sobre os deputados (e os aparelhos políticos que eles representam) que a vão votar, e uma influência, igualmente indesejável, sobre a opinião pública, quanto à sua forma de «viver» o combate ao terrorismo político e seus limites, limites que o Estado democrático tem de definir com clareza e sem paixão.

Este quarto aspecto da operação policial que nos ocupa apresenta-se, do ponto de vista dos objectivos eventualmente visados, confuso e contraditório. Partamos do princípio que a coincidência foi preparada e desejada pelo gabinete de crise do

Governo, durante as suas reuniões na cave blindada da residência oficial do Primeiro-Ministro, ou por outrem que pensava intervir deste modo, a favor da proposta de lei do Governo: assim, as polícias demonstrariam a sua eficácia quando bem enquadradas pelo poder político, produzindo um sentimento favorável a um re-enquadramento das suas liberdades de acção.

Se este foi o objectivo da «coincidência», então o resultado pode ter sido exactamente o contrário. Na verdade, ao desencadear, no quadro do presente quadro legal, uma vasta operação que já se diz ter vibrado um golpe importante em órgãos vitais das «FP-25», apesar de não ser ainda, e citamos o director-geral da PJ, «um tiro no coração», as polícias e o próprio Governo estão a demonstrar, na prática, que não é necessário alterar a Lei para melhorar as defesas do Estado. Na prática, esta operação é um voto do ministro social-democrata da Justiça, Rui Machete, contra a proposta de Lei do seu Governo.

Os deputados que, no Parlamento, levantaram objecções de fundo à proposta do Governo, não deixaram de ser sensíveis a esta «leitura» dos acontecimentos, e é legítimo pensar que outros terão, sem o expressarem embora, pensado do mesmo modo. Quem, depois da actual operação policial, pode ainda defender que as buscas domiciliárias sem autorização prévia são condição *sine qua non* para a defesa do Estado? A eficácia

«Hard-Core»: a dívida externa tal como a vêem os

Um estudo recente da OCDE («Endividamento externo dos países em desenvolvimento») relativo ao passado ano de 1983 mas só agora publicado em Paris, analisa em pormenor o comportamento e a crise específica de 157 países ou territórios devedores a outros Estados, instituições bancárias internacionais ou bancos privados. 35 desses países ou territórios reuniram-se, durante esse ano, com grupos de credores, para tentarem ver diferidos ou suspensos os pagamentos dos juros e obrigações decorrentes do seu endividamento. Globalmente, poder-se-á dizer que a renegociação da dívida externa está na ordem do dia, e que a OCDE prevê o incremento da importância dos bancos privados no financiamento dos países em desenvolvimento, sob condição de aqueles se «implicarem» mais directamente no modo como cada país que contrai empréstimos utiliza o valor assim obtido. O artigo que segue constitui uma súmula do que a OCDE considera fundamental nesta matéria.

Um compromisso implícito entre os governos dos países devedores, os países credores-chave, as principais organizações financeiras internacionais e a comunidade bancária internacional constitui, segundo um estudo da OCDE, a principal garantia de que o sistema financeiro internacional poderá apoiar o relançamento mundial e contribuir para o relançamento do crescimento económico e para o progresso do desenvolvimento nos países devedores.

Por mais importantes que sejam as acções a implementar para resolver os problemas individuais, é igualmente essencial que a cooperação internacional dê a maior atenção à tarefa prioritária de assegurar o dinamismo e a durabilidade dos fluxos comerciais e financeiros na economia mundial,

criando em todos os países os incentivos e as condições necessárias ao investimento e ao crescimento. Esta tarefa, desenvolvida ao longo da que resta desta década, é vital tanto para o bem-estar dos países desenvolvidos como para o progresso económico e social do Terceiro Mundo.

Um melhor conhecimento geral da complexidade da natureza dos agregados de endividamento e dos problemas que se colocam para os medir e os interpretar tornou-se indispensável, se quisermos de facto compreender a situação de endividamento dos países em desenvolvimento.

Uma atenção especial é atribuída a estas questões estatísticas, conceptuais e de interpretação. O impacto das variações do valor do dólar também tem de ser examinado

neste contexto.

O estudo da OCDE analisa especialmente a interacção entre défices correntes, volume e valor de trocas, acumulação das dívidas e taxas de juros. Os pagamentos dos juros, mais ainda do que as amortizações e respectivo refinanciamento, são considerados como a questão central.

A crise de endividamento desenvolveu-se em torno da incapacidade dos principais devedores fazerem frente ao aumento rápido das cargas financeiras num contexto de elevadas taxas de juro reais, de deterioração das trocas, de estagnação do seu volume, e tudo isto acompanhado de empréstimos massivos e, em alguns casos, de fuga de capitais.

Entre o fim de 1978 e o fim de 1982, a alta das taxas de ju-

ros e o aumento importante dos empréstimos traduziram-se na duplicação dos pagamentos de juros respeitantes às dívidas a médio e a longo prazo. Globalmente, estes pagamentos passaram de 25 mil milhões de dólares em 1979 a 50 mil milhões em 1982 (para o conjunto dos países em desenvolvimento) e de 17 a 35 mil milhões de dólares (para os países em desenvolvimento não membros da OPEP e não membros da OCDE).

O aumento anual dos encargos representados pelos juros da dívida a médio e longo prazo dos países em desenvolvimento cifrou-se, em média, em cerca de 8 mil milhões de dólares para o conjunto dos países em desenvolvimento e em 6 mil milhões para os países não-OPEP e não-OCDE. O essencial destes aumentos foi suportado pelos poucos grandes contraídos de empréstimos que pagam as taxas de juro mais elevadas. Uma ruptura determinante viria a ocorrer entre 1982 e 1983: em vez de aumentarem fortemente, os pagamentos de juros diminuíram ligeiramente. Esta mudança teve manifestamente origem na baixa das taxas de juros relativos à dívida de taxas variáveis, ela própria devida à evolução das taxas de juros nos Estados Unidos.

A «economia» assim realizada pelos países em desenvolvimento não-OPEP e não-OCDE, apenas no tocante aos

juros das suas dívidas a médio e longo prazo, foi estimada em 7 mil milhões de dólares para o ano de 1983. Se a ela juntarmos a economia realizada sobre a dívida a curto prazo, o conjunto desse valor deve subir para 9 mil milhões de dólares.

Esta forte redução dos custos financeiros foi particularmente importante para os países que se debatem com os mais graves problemas decorrentes do endividamento. É evidente que a baixa do Outono de 1982 interveio na «hora H» para impedir uma situação, ainda hoje grave, de se converter num impasse financeiro global.

Os atrasados não-pagos aumentaram, no entanto, em 1983, ainda mais do que em 1982. E a quebra dos pagamentos efectivos de juros em 1983 reflecte este fenómeno da baixa das taxas de juro.

Calcula-se que uma liquidação dos atrasados em 1984 implicaria um aumento (não repetitivo) dos pagamentos de juros da ordem de vários milhares de milhões de dólares.

A dívida em perspectiva

Os problemas de endividamento, cujo número e importância desconcertam os especialistas, e que é agora necessário gerir e resolver, tiveram origem na conjugação de três

elementos diferentes:

1) As grandes mutações no ambiente económico mundial durante o período 1979-1983.

2) Os «empréstimos excessivos» contraídos junto dos sectores bancários por certos países em desenvolvimento e, ao mesmo tempo, o «crédito excessivo» concedido a esses países pelo mesmo sector bancário, na sequência do segundo «choque do petróleo».

3) A adopção, num considerável número de países em desenvolvimento, de estratégias económicas aplicáveis de modo durável, conjugadas, por vezes sobretudo nos principais países devedores, com bruscas mudanças de orientação e com uma situação financeira caótica.

No entanto, seria errado pensar, como simplificarmente se pensa por vezes, que os problemas de endividamento dos países em desenvolvimento são todos os mesmos, ou que todos esses países sofrem de tais problemas.

A lista de países em desenvolvimento para quem o endividamento não representa um problema grave é tão impressionante como a daqueles onde ele é, de facto, muito sério. Entre eles está a Coreia do Sul (o quarto devedor mundial na ordem decrescente), a Argélia, a Indonésia, a Índia, a Tailândia, a Malásia, Taiwan, a Tailândia, a Índia e a China, bem como a Turquia, país membro da OCDE e que viveu, entre 1979 e 1980, uma grave crise de endividamento.

A

S

Segurança Interna

aparentemente obtida — a julgar pelas declarações de entidades responsáveis — na presente operação policial, levam pelo contrário a crer que alguns reajustamentos de pormenor à legislação actualmente em vigor tornariam dispensável a «re-construção» do edifício da segurança interna.

Há um quinto aspecto desta operação policial contra o terrorismo político que tem sido menos focado, mas que está patente, como os restantes, à observação de qualquer cidadão interessado nas movimentações políticas que acompanharam estes acontecimentos: é a emergência do ministro da Justiça, Rui Machete, no papel de «patrão político» da ofensiva.

Já no seu encontro com representantes da Imprensa estrangeira em Portugal, imediatamente antes do desencadear da operação, Rui Machete escolheu as «FP-25» como principal tema de conversa, de tal forma que, entre os seus interlocutores, se generalizou o sentimento de que algo estava na iminência de acontecer. Uma vez desencadeada a operação, Rui Machete torna pública a sua disponibilidade pessoal para informar o Presidente da República sobre a iniciativa. Ora, sabe-se que, nas relações entre o Governo e a Presidência da República, é ao Primeiro-Ministro que compete informar o Presidente sobre as iniciativas do Executivo. Na ausência do Primeiro-Ministro, este deveria ser substituído, nessa incumbência, pelo vice-primeiro-ministro, o que não

aconteceu. Por outro lado, é igualmente público que o ministro da Administração Interna, o socialista Eduardo Pereira, só foi informado do desencadeamento da operação com 24 horas de antecedência, embora nela intervissem polícias que dependem da sua tutela.

Assim, a oportunidade de demonstrar à opinião pública que o Governo tem uma relação cabal e eficaz com as polícias fica, no seio do Executivo, nas mãos dos sociais-democratas e não dos socialistas (embora em situações como esta fossem de esperar explicações e declarações providas mais da Administração Interna que da Justiça). Mas, além disso — e este último item respeita sobretudo às definições do poder entre sociais-democratas — é Rui Machete, e não Mota Pinto, quem lidera o processo de informações sobre matéria tão melindrosa e importante, em nome do Governo.

Mário Soares não deverá ter considerado que este quinto aspecto da operação policial o desfavoreceu pessoalmente ou aos socialistas: por um lado, se algo de «odioso» a operação comporta — o que talvez nos tribunais se venha a esclarecer — é politicamente compensador que seja o «lado PSD» do Governo a assumi-lo tão exuberantemente. Por outro lado, ele teve, ausente, ocasião de exprimir como o «penalizava», no «caso FP-25», o «caso Otelo»...

Sete Ponto Sete



Otelo com Costa Gomes em Belém, na noite de 24 para 25 de Novembro de 1975:



Otelo Saraiva de Carvalho durante a sua campanha presidencial de 1976: um longo percurso na «política marginal», depois do estrelato de 1974 e 1975

países devedores e os países credores

Por outro lado, a concessão de empréstimos bancários aos países em desenvolvimento começou a acelerar-se uma boa dezena de anos antes do segundo choque petrolífero, e repousava geralmente sobre bases sólidas.

Os graves erros que seguiram o segundo choque petrolífero derivaram de novos factores:

É um erro de interpretação considerar que os empréstimos bancários significam essencialmente um fenómeno de **reciclagem** na sequência do primeiro, e depois do segundo, choques petrolíferos. Este fenómeno tem a sua origem real no final dos anos 60, com a evolução dos bancos internacionais e do mercado dos euro-dólares, e como aparecimento de devedores que mereciam confiança no terceiro mundo.

Os números constantes dos relatórios demonstram claramente que o crescimento dos fluxos bancários começou **antes** do primeiro choque petrolífero, e depois novamente antes do segundo. Em ambos os casos, havia um contexto de melhoria nas trocas, de aumento das reservas exteriores e de razoável controlo dos equilíbrios posteriores por parte dos países devedores. Em contraste com este cenário, a expansão dos fluxos bancários depois de 1978, especialmente em 1980 e 1981, inscreveu-se num contexto de deterioração do clima de trocas, de baixa das reservas e de

taxas de juros reais em plena ascensão.

Nos países que conheceram problemas de endividamento, manifestavam-se **desequilíbrios internos sérios**, e as estratégias e políticas económicas falhavam claramente a utilização produtiva dos volumes de fundos emprestados.

Parece que o controlo dos compromissos bancários foi, por outro lado, muito insuficiente em relação a um certo número de países devedores. Por exemplo, muitos créditos a curto prazo foram concedidos conforme as circunstâncias, em vez de se inscreverem no quadro de uma política bancária bem determinada. Também parece que a avaliação dos riscos, de país para país, não tomou suficientemente em consideração a coerência global das estratégias e das políticas económicas dos maiores devedores, que, no entanto, determinam com precisão a sua capacidade de honrar os compromissos decorrentes das suas dívidas.

Finalmente, a desinflação e outras transformações recentes da economia mundial modificaram os mecanismos do financiamento através da dívida e deram aos equilíbrios internacionais uma fisionomia radicalmente diferente da que eles apresentavam nos anos 70.

Esta nova estrutura dos equilíbrios internacionais não será talvez senão transitória,

mas, a prolongar-se por tempo demasiado, acarretaria, como mostra a situação hoje dominante nos mercados financeiros internacionais, uma **travagem prolongada** da actividade nos países em vias de desenvolvimento, que têm de apelar a fontes financeiras que não praticam empréstimos em condições liberais.

Pertence agora aos países desenvolvidos — mas também aos outros — encontrar os meios necessários para assegurar os fluxos de capitais dos países ricos para os países que progridem, a taxas de juros reais moderadas e desde que se mantenha um equilíbrio judicioso entre os mecanismos do mercado e os dispositivos oficiais do financiamento.

Para os países desenvolvidos, trata-se de reduzir as «punções» do sector público na poupança global, e de encorajar a poupança familiar. Nos países em desenvolvimento, é fundamental assegurar uma repartição e uma utilização eficazes da riqueza, um nível suficiente de poupança interna, um clima económico atractivo para o investimento estrangeiro e condições boas para o encorajamento dos capitais nacionais: estes devem investir no seu próprio país, e não no estrangeiro.

A balança de operações correntes dos países em desenvolvimento apresenta um défice,

que é financiado por importações de capitais: é este o cenário «normal» do endividamento. Com o tempo, a diferença entre fluxos de capitais pode aparecer negativa ou positiva, mas a verdadeira questão está em saber se, tendo em conta os factores externos e internos em presença, essa evolução se insere num processo de crescimento harmonioso ou se, pelo contrário, reflecte orientações e políticas internas que não poderiam durar, ou eventualmente um mau funcionamento da economia internacional.

Segundo a OCDE, a mudança de proporções entre fluxos de capitais e pagamentos dos respectivos juros tem efectivamente uma significação, embora diferente da que está implícita no conceito de «transfert financeiro líquido», hoje na moda. Trata-se do contraste entre a inflação elevada e as taxas de juros reais moderadas dos anos 70, e a situação inversa que se apresenta hoje. Esta diferença modifica tanto a aritmética do endividamento real como a análise económica dos financiamentos externos.

Gerir a crise

Dos 157 países e territórios cobertos pelo estudo da OCDE, cerca de 35 participaram em 1983 em discussões com grupos de credores com o objectivo de verem diferidos

ou suspensos os pagamentos decorrentes das respectivas dívidas externas. Mais significativo ainda, esses 35 países incluíam metade dos países para quem as obrigações com a sua dívida ultrapassavam, no ano passado, mil milhões de dólares.

A amplitude actual das operações de reescalonamento e de refinanciamento, bem como as grandes mudanças sobrevindas na economia mundial e as situações em que se encontram credores e devedores levam à conclusão de que as negociações formais sobre as dívidas são chamadas a tornarem-se um aspecto mais importante e mais permanente da cooperação financeira internacional.

Existe um certo acordo sobre o conjunto dos enfoques a considerar para se fazer face aos problemas da endividamento: aplicação de diversas regras bancárias em matéria de controlo de uma gestão considerada sã; aumento das quotas do FMI e alargamento e revisão dos acordos gerais para que um empréstimo tenha lugar; empréstimos a favor do ajustamento estrutural e das inovações em matéria de cofinanciamento do Banco Mundial; esforços colectivos e pontuais de apoio aos países devedores pobres; e «Clubes» de renegociação da dívida privada e pública.

A questão-chave é agora a de saber como gerir o futuro

para se alcançar uma situação financeira mais estável e que se alimente a si própria. Tornou-se claro que os bancos privados têm um papel importante a desempenhar no financiamento dos países em desenvolvimento, e que o volume das operações por eles realizadas nesta matéria não pode descer aquém de um certo limite. Mas esses bancos têm, individual ou colectivamente, de encarar o seu papel e os seus interesses numa perspectiva mais vasta do que até aqui. A sua aptidão para evitar perdas e para realizar operações rendíveis dependerá dos esforços que fizerem para se implicarem mais na vida do país que pede o empréstimo, incluindo nesse interesse o seu quadro social e institucional específico. Tornou-se perfeitamente claro que os bancos não podem esperar ser reembolsados com os juros devidos a não ser que o país que contrai o empréstimo conheça um desenvolvimento satisfatório. Situações recentes demonstram que os bancos e os países devedores podem entender-se nesse terreno. Seria talvez necessário determinar as condições de renegociação da dívida, as comissões e os novos prazos numa perspectiva a mais longo prazo, a fim de assegurar uma viabilidade social, política e financeira globais.

Adaptado de L'Observateur de l'OCDE



Stryczek (Wozzeck) e Hajo Müller (Doutor), na 4.ª cena do 1.º acto: «Albumina, Hyperoxydul» — eis as coisas boas que o médico anuncia para a dieta de Wozzeck, enquanto lhe tira sangue. Espera tornar-se imortal com as suas experiências...



Stryczek (Wozzeck) e Armin Ude (Andres), na 2.ª cena do 1.º acto: «Canta comigo!» — pois «quem canta, seu mal espanta»: Andres tenta tranquilizar Wozzeck e tranquilizar-se a si próprio, inquieto com as visões do amigo

Ópera de Dresden

«Wozzeck»: o real e o impensável

TENDO trabalhado como assistente de Joachim Herz na encenação do **Wozzeck** de Alban Berg agora estreada na Ópera de Dresden, não me compete fazer a crítica do espectáculo. Sentei-me na plateia, como qualquer espectador, para assistir à estreia dos dois elencos, mas estava «do outro lado», com os cantores e a equipa técnica que concretizavam na relação com o público o resultado final de um trabalho colectivo de meses.

E, no entanto, apesar de conhecer compasso a compasso a «Regie» e de «sofrer» antecipadamente com certos momentos, em que o jogo dos actores ou a parte técnica (por exemplo, no que respeita às mudanças de cena) ofereciam comprovadas dificuldades de execução,

Como barómetro da recepção do público foi, porém, especialmente interessante o colóquio (realizado a seguir ao espectáculo de 30 de Maio) com os estudantes de Munique e Salzburgo, em cujas universidades vão decorrer seminários orientados pelo prof. Herz sobre problemas actuais da encenação de ópera e centrados em torno de algumas das suas encenações: «Navio Fantasma», «Mahagonny», «Butterfly», «Cosi fan tutte», «Wozzeck». Na ausência do encenador, que partira para Munique — onde «ressuscitará» a «Mahagonny» de 1977 da Ópera Cómica de Berlim — coube a Hajo Müller, director do Estúdio de Ópera de Dresden (e intérprete do «Doutor» no «Wozzeck») elucidar os participantes acerca do funcionamento

bar»). E isto, por razões económicas...

De qualquer modo, tudo começa com o sistema de ensino, que é geral e obrigatório durante dez anos, no decurso dos quais os jovens especialmente dotados para a música ou o teatro

musical têm oportunidade de revelar-se e passar para escolas com programas mais intensivos nesse domínio. Concluída a formação geral (ou já parcialmente especializada dentro do parâmetro geral de dez anos) os candidatos à profissão de cantor

podem concorrer a uma das Escolas Superiores de Música, onde, como aliás acontece em todos os estabelecimentos de nível universitário ou de formação profissional, os alunos têm direito a uma bolsa de estudo (regalia agora tornada extensiva

aos dois últimos anos do ensino geral) e lhes é dada garantia de vir a receber um posto de trabalho correspondente à formação adquirida. O «impensável», do ponto de vista da República Federal, começa logo aqui...

Quanto ao tipo de ensino praticado nessas escolas, valeu como exemplo a demonstração feita pela classe do professor Czech na Escola Superior de Música Carl Maria von Weber, de Dresden, durante a visita da delegação de Munique. Ali não se aprende canto apenas como técnica vocal, separada da dramaturgia. O intérprete tem de interiorizar desde o início a personagem e a situação: tem, em suma, de **representar** cantando. A classe, constituída por sete alunas e alunos rondando os 20 anos de idade, compôs com grande seriedade dramática e domínio técnico uma longa cena da ópera **Tiefland** de Eugen d'Albert, envolvendo toda a classe, e uma das famosas cenas do **Boccaccio** de Suppé, realizada, aliás, com muito humor. Todas as classes de canto da Escola preparam, neste momento, em conjunto, a montagem de uma ópera escrita por um dos alunos das classes de composição, cuja estreia está prevista para o próximo ano. De resto, um dos momentos importantes do Festival Internacional de Dresden — como documento do nível atingido pelas infra-estruturas de ensino da RDA — foi a realização das **Bodas de Fígaro**, de Mozart, com exclusiva participação de alunos da Escola Superior de Música Franz Liszt, de Weimar.

Os resultados atingidos no «Wozzeck» são também produto do desenvolvimento dessas infra-estruturas socioculturais e da sua base verdadeiramente democrática. De facto, há aqui não poucas **realidades**, que são ainda «impensáveis» noutros países da Europa.

Berlim, 9.6.84.

Mário Vieira de Carvalho

surpreendi-me abandonado a uma daquelas grandes vivências que só as obras-primas podem proporcionar. As personagens tinham «crescido», a concepção musical do maestro Hiroshi Wagasuki tinha amadurecido, a famosa «Staatskapelle» de Dresden — como é sabido, uma das melhores orquestras do mundo — tocava a **pleno** rendimento e a equipa técnica assegurava a fluência do espectáculo — aquela fluência, da primeira à décima quinta cena (sem intervalos), que, no dizer de um crítico, mantém os espectadores, do princípio ao fim, de respiração suspensa. O público de Dresden, a que se juntaram naturalmente forasteiros da RDA e do estrangeiro — entre estes, delegações de professores e estudantes das Universidades de Munique e Salzburgo (80 pessoas) —, reagiu com invulgar calor e entusiasmo: um grande êxito, portanto, aliás confirmado pelas numerosas e dilatadas recensões entretanto publicadas na Imprensa.

do seu departamento, destinado ao aperfeiçoamento de jovens cantores, e acerca dos métodos de trabalho geralmente seguidos nas instituições músico-teatrais da RDA. Quanto a pontos concretos da concepção ou da realização do «Wozzeck», o debate generalizou-se, e todos nós, quer colaboradores da «Regie», quer actores-cantores, tivemos ocasião de falar da nossa experiência de trabalho com Herz ou de acentuar certos ângulos de leitura da obra. Nas perguntas formuladas transparecia sobretudo a admiração pela profundidade e pelo rigor do trabalho realizado, pela verdade das personagens, pela precisão — que alguns classificaram de inacreditável — com que, por exemplo, o quarto quadro do segundo acto foi posto em cena. Toda essa admiração sintetizou-a o professor Dieter Borchmeyer, conhecido especialista wagneriano, de Munique, no comentário de que tais métodos e resultados são, na República Federal, impensáveis («undenk-



Peter Menzel (Capitão) e Karl-Heinz Stryczek (Wozzeck) 1.ª cena do 1.º acto: «Sim, meu capitão!» — assim responde Wozzeck, perfilando-se, às considerações do capitão sobre a necessidade de se aprender a reparar o tempo... À força de impor o seu discurso «iluminista», o capitão ainda não deixou que Wozzeck o comesse a barbear: e assim termina o **prelúdio da suíte barroca** em que se articula esta cena (no plano da estrutura musical)

Só entre nós

■ Dezoito milhões em 1982, 29 milhões em 1983: tais são as perdas confirmadas do austero «Le Monde», correspondentes a uma quebra de circulação de 4% no ano passado, e estimada em 7% (numa base anual) no primeiro trimestre deste ano. A supressão de 10% dos 1 253 postos de trabalho e a continuação da política de «rejuvenescimento» do jornal através, sobretudo, dos seus novos suplementos muito ilustrados são duas das medidas com que o «Le Monde» está a fazer face à sua descida. A sua tiragem actual é de 450.000 exemplares. A descida do «Le Monde» responde, quase pontualmente, a subida do «Libération», que perdeu o seu carácter de «extrema-esquerda» e, refrescando a sua maquette muito jovem e bem-humorada, saltou dos seus 30.000 exemplares originais para 140.000 actualmente. Serge July, director do «Libération», foi buscar investimentos para esta política de expansão a Jean Riboud, presidente do grupo petrolífero Schlumberger, seu irmão Antoine Riboud cabeça do grupo alimentar BSN, e Gilberto Trigano, fundador do Club Méditerranée. Significativo da alteração de posição do jovem e irreverente jornal: foi a ele que Mitterrand decidiu conceder a entrevista «comemorativa» do terceiro aniversário da sua presidência. Ainda há dois anos, tal escolha teria sido pura e simplesmente «im pensável» pelo Eliseu. ■

(1) Nos termos da legislação do Vadebon, acerca desta
tipologia de crime, as penas propostas pelo juiz de instrução
têm força legal para ser executadas sem que os interessa-
dados sejam levados perante um tribunal. ■

TÓXICOS

Mesmo uma jornalista «BC BG» pode arriscar-se a ter alguns aborrecimentos com a justiça se perturbar a atmosfera discreta do mundo suíço dos negócios. A bom entende dor...

Por ter conseguido provar que era possível obter dioxina tão facilmente como lá para fazer tricot, a mais original das jornalistas da Suíça de língua francesa, productora de televisão, foi condenada a dez dias de prisão e a 1500 francos suíços de multa, tudo isto por infracção à lei federal sobre o comércio dos tóxicos. A pena suspensa é acompanhada por um prazo de um ano. Isto é, um convite a uma verdadeira autocensura.

Há nove anos que as segundas-feiras à noite, Catherine Wahli com a sua equipa de emissão «A bom entendido» — que, juntamente com «Tempo presente» tem a maior percentagem de escuta da Suíça de língua francesa — informa o seu público da maneira como este é enganado regularmente. Ela é-lo chamando as coisas pelo seu nome, da modo por vezes grave, sempre espectacular, por vezes com um toque de humor.

Neste domínio informar equivale muitas vezes a denunciar. Denúncia aparece tanto mais impiedosa quanto a equipa se entregou a um inquérito minucioso através dos mais diferentes meios.

Exemplo: o Coca-Cola light, que não contém açúcar foi colocado no mercado suíço com um gigantesco esforço de publicidade a fim de provar que o produto é tão bom quanto o original. Ora depois de ter descoberto que o açúcar contido na Coca-Cola normal (105 grams por litro, o que equivale a 400 calorias) foi substituído pela sacarina mas também pelos ciclamatos (proibidos em França quando utilizados como produtos dietéticos), Catherine Wahli diz na sua «Opinião Mundial da Suíça» que este facto é inadmissível para os dietéticos: esta dose situa-se em 11 miligramas por quilo de peso corporal.

«Provocação»

Façamos então um rápido cálculo: uma criança de dez anos pesa uns 30 quilos. A sua dose quotidiana admissível de ciclamatos é pois de 330 miligramas. Pois bem, só com duas latas de Coca-Cola light, uma criança de dez anos ultrapassa os limites toleráveis. Catherine Wahli não dá nenhum conselho, limita-se a dizer Boa Noite.

A jornalista, que é tão temida como invejada é chamada grande inquiridora, por uma associação de telespectadores, só porque o seu estilo se afasta das descrições helvéticas de discrição e medida. E, no entanto, nenhuma decisão política nem nenhuma campanha de opinião está na origem das suas emissões onde só são citados factos secos sem comentários, sem indignação gradilamente. Mas os factos perturbam o conforto mental de uma parte do público e de certos órgãos de imprensa que acusam Catherine Wahli de «provocação».

Onde as coisas se tornaram na verdade difíceis foi quando ela decidiu fazer emissões mensais de uma hora, contraditórias e públicas. A primeira, que se realizou em 23 de Fevereiro de 1983, tratou do misterioso destino dos resíduos tóxicos de Seveso. Antes de todo o mundo, a equipa de «A Bom Entendedor» revelou nessa noite que um certo número de contentores de dioxina se encontravam no norte da França, algures não longe de Saint Quentin.

Durante esse debate televisivo em que participavam os representantes da indústria

química e farmacéutica (principalmente a da sociedade Hoffmann-La Roche), autoridades helvéticas e jornalistas, deu-se um golpe de teatro: um dos membros da equipa, o professor Neyrinc apresenta um tubo contendo dioxina, substância cujo perigo ninguém pode ignorar desde o drama que ocorreu em Itália. E não tardou a saber-se que conseguir obter esse veneno era um jogo de criança.

Marek Wolf-Laniewski, outro colaborador de Catherine Wahli, declinando a sua própria identidade, a sua morada e o seu número de telefone, mas dizendo trabalhar numa casa fictícia (cuja não existência era fácil de verificar), encomendou a uma empresa do Valais (e recebeu em troca da soma de 170 francos) uma amostra de dioxina. A encomenda foi-lhe enviada muito simplesmente pelo correio, numa embalagem que, ainda para mais, não estava de acordo com as regras, isto é, não apresentava as permissões indispensáveis.

Estratégia ilegal, diz a boa gente, enganam-se honestos comerciantes utilizando habilidades de Sioux. De modo algum, diz mais ou menos a productora da televisão. O público tem direito a ser informado. É adulto. Procurei saber em que medida era satisfatório o controlo da circulação de um produto perigoso, e verifiquei que há bastantes falhas. Não procurei prejudicar ninguém nem agradar aos amadores do sensacionalismo. E provo-o dizendo que não divulguei o nome da empresa em causa nem o do empregado que imprudentemente nos forneceu o dioxina.

Um justo castigo

Esse protesto de boa fé não acalmou a campanha de imprensa desencadeada contra Catherine Wahli. Uma boa parte da opinião pública vê aí o justo castigo do caso contra uma jornalista, decerto de muito boa aparência, mas que há nove anos vem mostrando com calma e rigor que há algo de podre no reino do comércio. Pondo de parte algumas excepções, os sinais de solidariedade e confraternidade foram raros e lentos a manifestar-se.

Semanas e meses de ataques contra «A Bom Entendedor» passam: São apresentadas duas queixas junto da comissão Reck, instância encarregada de examinar as queixas no domínio do audiovisual, e que as rejeita ambas. Sabe-se depois que, sem que tenha havido outras queixas, o caso foi levado a julgamento e as condenações foram pronunciadas (1).

Outras penas foram infligidas a dois colaboradores de Catherine Wahli. Wolf-Laniewski foi condenado a cinco dias de prisão com pena suspensa por ter encomendado a amostra (notemos que o juiz não parece ter tomado em conta o estratégia utilizado) e o professor Neyrinc a uma multa por violação da lei por negligência. O imprudente empregado que vendeu a amostra sem exigir autorização também foi multado pelo mesmo motivo.

Apesar dos ataques daqueles para quem a boa reputação do mundo comercial tem mais preço do que a liberdade de expressão, Catherine Wahli é apoiada pela hierarquia da televisão suíça de língua francesa, cuja suprema instância, a Sociedade suíça de Radiodifusão apresentou um recurso. Caso a seguir, como se diz no pretório.

(1) Nos termos da legislação do Valais acerca deste tipo de casos, as penas propostas pelo juiz de instrução têm força legal para ser executadas sem que os interessados sejam levados perante um tribunal. ■

Só entre nós

SEM FIOS E SEM LICENÇA

■ Agora que a primeira missão, prevista para o verão, e que deveria ter sido a de «fazer um levantamento» (responsáveis pela TSF) (Cooperativa de Profissionais da Rádio) aguardam as reacções das autoridades — nomeadamente as do Parlamento — para estudarem o relançamento da sua actividade. Dispondo de material de estúdio muito actualizado e tendo demonstrado a sua capacidade para montar e desmontar emissores com a rapidez necessária a estas andanças (Lumiar e Costa da Caparica foram os locais escolhidos para instalar, desta vez, os emissores), a TSF recebeu apoios e a anunciada participação de um grande número de políticos e intelectuais. Os CTT fizeram, entretanto, publicar um «aviso» dizendo que aquela actividade permanecia ilegal e que a invasão das frequências de forma não autorizada pode pôr em risco, inclusivamente, a navegação marítima e aérea, sendo os riscos elevados particularmente neste último caso.

BEBÉ CONTINUA DESAPARECIDO

■ A hora do fecho deste suplemento, a Polícia Judiciária continuava à procura da mulher «de 30 anos, aparentemente grávida, de cabelo relativamente curto» que, na tarde de sexta-feira 15, raptou uma recém-nascida do berçário do Hospital Particular em Lisboa. Divulgado pela imprensa o retrato «robot» da possível autora do rapto, que segundo todos os relatos terá agido com grande vontade e sem quaisquer dificuldades, os pais da menina desaparecida (um casal de profissionais de cinema, Amílcar José Andrade Carrajola e Maria Teresa Gomes de Almeida Tainha) esperam que o pesadelo se desfaça e que a Polícia possa agir com eficácia. Tanto quanto sabemos, é o quarto caso de rapto de recém-nascidos em hospitais que ocorre nos últimos anos em Lisboa. Os três outros remontam a Abril de 1975, quando uma mulher que se fazia passar por médica raptou três bebés no Hospital de Santa Maria.

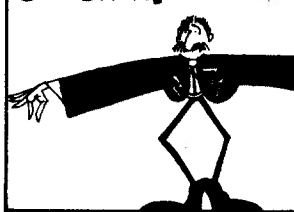


O JOVEM RIVAL

■ Dezoito milhões em 1982, 29 milhões em 1983: tais são as perdas confirmadas do austero «Le Monde», correspondentes a uma quebra de circulação de 4% no ano passado, e estimada em 7% (numa base anual) no primeiro trimestre deste ano. A supressão de 10% dos 1.253 postos de trabalho e a continuação da política de «rejuvenescimento» do jornal através, sobretudo, dos seus novos suplementos muito ilustrados são duas das medidas com que o «Le Monde» está a fazer face à sua descida. A sua tiragem actual é de 150.000 exemplares. A descida do «Le Monde» responde, quase pontualmente, à subida do «Liberation», que perdeu o seu carácter de «extrema-esquerda» e, refrescando a sua maquieta muito jovem e bem-humorada, saltou dos seus 30.000 exemplares originais para 140.000 actualmente. Serge July, director do «Liberation», foi buscar investimentos para esta política de expansão a Jean Riboud, presidente do grupo petrolífero Schlumberger, seu irmão Antoine Riboud cabeça do grupo alimentar BSN, e Gilberto Trigano, fundador do Club Méditerranée. Significativo da alteração de posição do jovem e irreverente jornal: foi a ele que Mitterrand decidiu conceder a entrevista «comemorativa» do terceiro aniversário da sua presidência. Ainda há dois anos, tal escolha teria sido pura e simplesmente «impensável» pelo Eliseu. ■

doces crónicas

A ROSA MARIA ERA UMA CRIANÇA SENSATA!



MUITO DEDICADA AO ESTUDO! A COMPREENSÃO DAS COISAS!



POR ISSO ANDAVA SEMPRE A QUESTIÃO: NAR A MÃE! E ELA EXPLICAVA-LHE TUDO TAL E SER EXPLICADO NA DE SETE ANOS! QUAL A QUAL COMO DEVI- UMA MENI-



POR ISSO A ROSA MARIA JÁ FICARA A SABER QUE A PRIMEIRA MULHER TINHA VINDO DE UMA COSTELA DO PRIMEIRO PAI! QUE O IRMAOZINHO TINHA VINDO NUMA CEGONHA DE PARIS! QUE AS CRIANÇINHAS NÃO MORREM, PARTEM ISSO SIM COMO ANJINHOS PARA O CÉU! QUE O PAPA E A MAMÃ SEMPRE ESTÃO A DISCUTIR! MUITO UM DO OUTRO! QUANDO GRITAM NO QUARTO NEM QUE TAMBÉM O FAZEM POR GOSTAREM

A ROSA MARIA ERA POIS, PODIA-SE DIZER, UMA CRIANÇA DESENVOLVIDA PARA A SUA IDADE!



A MÃE ORGULHAVA-SE MUITO NATURALMENTE DA EDUCAÇÃO DADA E DIZIA ÀS AMIGAS SEMPRE QUE PODIA:



"A MINHA ROSA MARIA JÁ SABE TUDO SOBRE OS MISTÉRIOS DA VIDA, SABES AGORA JÁ NÃO É COMO ANTIGAMENTE, QUE ÍAMOS PARA O CASAMENTO AINDA COM OS OLHINHOS FECHADOS!"



Juiz espanhol decide processar cinco responsáveis da Rumasa

O caso Rumasa, um escândalo financeiro que veio a público há 16 meses, volta hoje interessar os espanhóis com anúncio de que um juiz de Madrid processou cinco responsáveis do «holding».

Entre os processados, figura um que assinou um contrato de publicidade de 300 mil dólares com o cançonetista espanhol Júlio Iglésias, radicado nos Estados Unidos.

A Rumasa, fundada por José Mari Ruiz Mateos, é o maior grupo privado espanhol, integrando 647 empresas (incluindo 20 bancos) e foi expropriado em 23 de Fevereiro de 1983 pelo governo socialista chefiado por Felipe Gonzalez.

Ruiz Mateos, empresário andaluz de 53 anos, membro da organização católica Opus Dei, abandonou o país pouco depois de o ministro das Finanças, Miguel Boyer, anunciar a nacionalização da Rumasa por razões de utilidade pública, argumentando que o grupo se encontrava em dificuldades e estavam em risco 40 mil postos de trabalho.

Depois de permanecer em Londres, Ruiz Mateos foi detido em 25 de Abril passado em Francoforte (RFA) a pedido das autoridades espanholas, quando regressava dos Estados Unidos.

A Espanha pediu a extradição de Ruiz Mateos à Alemanha Federal.

O fundador e ex-presidente da Rumasa é acusado de manipulações financeiras, fraude, evasão fiscal, falsificação de documentos comerciais e ofensas ao rei Juan Carlos.

Enquanto em Francoforte os advogados de Ruiz Mateos prosseguem a batalha legal para impedir a extradição, um juiz de Madrid processou cinco altos responsáveis da Rumasa.

Segundo uma auditoria efectuada, o Grupo Rumasa acumulou até à data da sua nacionalização um défice de 1700 milhões de dólares (cerca de 240 milhões de contos) e tinha passado 167,5 milhões de dólares para bancos estrangeiros.

Segundo o juiz Luis Lerga Gonzalez, foram processados por presumíveis delitos financeiros Luis Romero Agarrado, director-geral da divisão financeira da Rumasa, Manuel Cambas Roldan, director da divisão de construções, Jorge San Juan Pinol, director da Hispano-Alemana de Construcciones, empresa do grupo, Juan Ignacio de Burgos Lopez, director-geral da divisão de vinhos, e Manuel Sanchez Maim, director-geral de contabilidade.

O magistrado decretou a prisão preventiva, fixando fianças entre os 6700 dólares (quase mil contos) e os 20 000 dólares (mais de 2800 contos), pedindo ainda a dois dos processados 267 milhões de dólares (mais de 37 milhões de contos) por possíveis responsabilidades pecuniárias.

Segundo o processo, Burgos Lopez projectou em 1981 uma campanha de publicidade para os vinhos e espumantes de Castelblanch, em que tomava parte Júlio Iglésias, que terá recebido 300 mil dólares de honorários (mais de 40 mil contos).

SAI DE UMA SÓ VEZ EM CADA SEGUNDA-FEIRA

sete sete

MENSAGENS PESSOAIS

Boa oportunidade

Simca 1100 especial de 1973, só dois donos, motor nunca foi aberto, razoável estado de conservação geral, necessita bateria e rolamentos novos, 120 contos de particular a particular. Telefonar para o 608779 a partir das 21 h.

Vamos trocar casas?

Sugiro que esta coluna seja aproveitada para ofertas de casas durante o período de férias, por parte de quem disponha de habitação que possa trocar. Ao preço a que a vida está, esta seria uma maneira de reduzir as despesas com férias de que todos precisamos.

«Atelier» procura-se

Três jovens pintores procuram 3/4 divisões para alugar, em Lisboa, para habitação e «atelier», bem localizado e com boa iluminação. De preço acessível. Contactar com 775346 (Rodrigo Leal)

Decoradora

Faço e coloco todo o tipo de cortinados, reposteiros, sanefas, colchas etc. Com oficina própria, 30 anos de prática, Luísa de Abreu, T. 539776 Lisboa.

Compro «Roulotte»

2.ª mão, em conta, pequena, de preferência com avançado, geleira (a electricidade e gás) e habituais extras, em bom estado para deslocação e bem conservada. Agradeço que não responda se não satisfizer ao pedido. Telef. dias úteis Lisboa 540116 das 10.00 às 17.00 e depois das 20.00 Almada 2290934

Escola

«Abrimos inscrições na Escola A HORTA. Contamos com os teus filhos para este projecto pedagógico. Ampla espaço verde. Pedrouços, Telef. 616679».

Painéis

Pintam-se painéis decorativos (fotos ampliadas, por ex.) para casas comerciais e outras, montras, letras ER, desenhos. Preços baixos. Contactar: Rui, Tel. 784427.

«Abat-jours»

Vendo. Fabrico e restauro. Bons preços. Se preferir traga o seu próprio tecido. Adapto a candeeiros peças diversas. Desconto aos leitores deste jornal. Av. do Brasil 182 traseiras. Fácil estacionamento. Telef. 881937 — 1700 Lisboa.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.